

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA - FEFD

GLEISON GOMES DE MORAIS

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora

GOIÂNIA
2020

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das dissertações e teses disponibilizados são de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o autor e o orientador firmam o compromisso de que ele não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

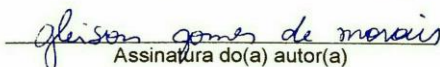
Nome completo do autor: Gleison Gomes de Moraes

Título do trabalho: PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: Uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 17/04/2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA - FEFD

GLEISON GOMES DE MORAIS

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
Uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Federal de Goiás e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Humberto Luís de Deus Inácio

GOIÂNIA

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Morais, Gleison Gomes de
PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR [manuscrito] : Uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora / Gleison Gomes de Moraes. - 2020. cxxxv, 135 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Programa de Pós Graduação em Educação Física em rede, Goiânia, 2020.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras.

1. Educação Física. 2. Ensino Fundamental. 3. Práticas corporais de aventura. I. Inácio, Humberto Luís de Deus , orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 02 (dois) da sessão de Defesa de Dissertação de **Gleison Gomes de Moraes**, que confere o título de Mestre em **Educação Física**, na área de concentração em **Educação Física Escolar**.

Ao/s **03 dias do mês de abril de dois mil e vinte**, a partir da(s) **14 horas**, por videoconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "**Práticas corporais de aventura - Uma proposta de inclusão nas aulas de Educação Física**". Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Humberto Luís de Deus Inácio (UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Paula Cristina da Costa Silva (DEF/UFES)**, membro titular externo; Professor Doutor **Dimitri Wuo Pereira (Uninove)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **fizeram a sugestão de alteração de título para "PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: Uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora"**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Humberto Luis de Deus Inácio**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **03 dias do mês de abril de dois mil e vinte**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: Uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora



Documento assinado eletronicamente por **Paula Cristina da Costa Silva, Usuário Externo**, em 24/04/2020, às 16:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Dimitri Wuo Pereira, Usuário Externo**, em 24/04/2020, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por **Humberto Luís De Deus Inácio, Professor do Magistério Superior**, em 27/04/2020, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1294357** e o código CRC **A9E3C106**.

Referência: Processo nº 23070.014433/2020-76

SEI nº 1294357

https://sei.ufg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=aprove_visualizar&id_documento=1395831&infra_sistema=1... 1/2

Referência: Processo nº 23070.014433/2020-76

SEI Nº1294357

Dedico este trabalho aos meus queridos avós e pais.
Ao meu querido amor: Viviane Assis Ramos.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à Deus e Nossa Senhora Aparecida que me acompanharam nesta jornada de conhecimento e estudo. Por São Jorge Guerreiro e pela espiritualidade de luz que me conduz à imensidão deste universo.

À minha família, em especial aos irmãos Kleiber Gomes de Moraes e Cleiton Gomes de Moraes.

Ao meu orientador e amigo Humberto Luís de Deus Inácio, pelos momentos convvidos e por me apresentar as práticas corporais de aventura.

Aos professores membros da banca de qualificação Paula Cristina da Costa Silva e Dimitri Wu Pereira pelas ricas contribuições ao trabalho.

À Universidade Federal de Goiás (UFG) por oferecer educação pública, gratuita e de qualidade.

Aos queridos professores da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) pelos momentos de discussão e aprendizagem nas aulas.

À Escola Municipal Dalísia Elizabeth Martins Doles pelo espaço de pesquisa e ensino. Aos queridos amigos docentes e administrativos pelo convívio e dedicação ao ensino.

Aos amigos da Escola Municipal Recanto do Bosque, em especial à Dalva Fátima Ferreira pela dedicação e trabalho em prol da educação.

Aos professores da Rede Municipal de Educação de Goiânia pelas constantes lutas por melhores condições de trabalho.

À Francisca das Chagas Pinheiro e José Pinheiro Maia pelos ensinamentos humanos a mim confiados.

Aos amigos conquistados pela vida, minha grande riqueza.

Aos amigos de mestrado do PROEF, que muito me ensinaram com seus pontos de vista.

Á Izabela Nascimento Ramos pelo convívio adolescente e questionador e a querida Viviane Assis Ramos pelo companheirismo e pela colaboração na realização deste trabalho.

queremos saber
o que vão fazer
com as novas invenções
queremos notícia mais séria
sobre a descoberta da antimatéria
e suas implicações
na emancipação do homem
das grandes populações
homens pobres das cidades
das estepes, dos sertões

queremos saber
quando vamos ter
raio laser mais barato
queremos de fato um relato
retrato mais sério
do mistério da luz
luz do disco-voador
pra iluminação do homem
tão carente e sofredor
tão perdido na distância
da morada do Senhor

queremos saber
queremos viver
confiantes no futuro
por isso de faz necessário
prever qual o itinerário da ilusão
a ilusão do poder
pois se foi permitido ao homem
tantas coisas conhecer
é melhor que todos saibam
o que pode acontecer

queremos saber
queremos saber
todos queremos saber

(Queremos Saber - Gilberto Gil)

Resumo

A investigação aqui apresentada tem como objeto de estudo o ensino das Práticas Corporais de Aventura nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. O problema da pesquisa consistiu em identificar como o ensino das Práticas Corporais de Aventura pode ocorrer nas aulas de Educação Física sob à luz da metodologia crítico-superadora e também em diagnosticar os recursos didático-pedagógicos necessários para que isso ocorra. O objetivo geral desta pesquisa foi o de desenvolver uma sequência didático-pedagógica das Práticas Corporais de Aventura a partir dos tipos de deslocamentos proposta por Inácio et al (2016) que as organiza em *deslizamento, andar/correr, rolamento e queda*, de forma a ampliar os conhecimentos dos alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Goiânia. Trata-se de uma Pesquisa-Ação que utilizou como instrumentos de experimentação as aulas formais de EF e para coleta de dados: questionários, diários de campo e registros iconográficos. A pesquisa revelou possibilidades significativas de ensino das PCAs na escola, entre as quais o uso do sequenciador de aulas como estratégia de planejamento das aulas e a diversificação de práticas corporais de aventura ofertada dentro de um espaço de tempo. Como limites pode-se apresentar a escassez de materiais utilizados.

Palavras-Chave: Educação Física, Ensino Fundamental, práticas corporais de aventura.

ABSTRACT

The research presented here has as its object of study the teaching of the Corporal Adventure Practices in Physical Education classes in Elementary School. The research problem consisted in identifying how the teaching of Corporal Adventure Practices can occur in Physical Education classes under the light of the critical-overcoming methodology and also in diagnosing the didactic-pedagogical resources necessary for this to occur. The general objective of this research was to develop a didactic-pedagogical sequence of the Corporal Adventure Practices based on the types of displacements proposed by Inácio et al (2016) that organizes them in sliding, walking / running, rolling and falling, in order to expand the knowledge of 6th grade students in a public school in Goiânia. It is an Action Research that used the formal PE classes as experimentation tools and for data collection: questionnaires, field diaries and iconographic records. The research revealed significant possibilities for teaching PCAs at school, including the use of the class sequencer as a strategy for class planning and the diversification of body adventure practices offered within a period of time. As limits, the scarcity of materials used can be presented.

Keywords: Physical Education, Elementary Education, adventure bodily practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - TEMA DAS AULAS

QUADRO 2 - RESUMO DAS AULAS

FIGURA 1 - APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO PRIMEIRO QUESTIONÁRIO

FIGURA 2 - REALIZAÇÃO DO SEMINÁRIO DE PESQUISA

FIGURA 3 - CONVERSA COM OS ALUNOS SOBRE O CONCEITO DE AVENTURA

FIGURA 4 - CONVERSA SOBRE O AMBIENTE, TIPOS E SENTIDOS DE DESLOCAMENTO DAS PCAS.

FIGURA 5 - APRESENTAÇÃO DOS VÍDEOS SOBRE A DIVERSIFICAÇÃO DAS PCAS.

FIGURA 6 E 7 - PATINS DE GARRAFAS PETS.

FIGURA 8 E 9 - EXPERIMENTAÇÃO DOS PATINS DE GARRAFAS PETS.

FIGURA 10 E 11 - DESLIZAMENTO COM COBERTAS E PAPELÕES.

FIGURA 12 - DESLIZAMENTO SOBRE A GRAMA MOLHADA.

FIGURA 13 e 14 - ANDANDO SOBRE O SLACKLINE.

FIGURA 15 E 16 - ORIENTAÇÕES INICIAIS SOBRE ANDAR DE PATINS.

FIGURA 17 - SKATE.

FIGURA 18 - BICICLETA.

FIGURA 19 - PATINETE.

FIGURA 20 - QUEDA.

FIGURA 21 - ALUNOS TESTANDO BRINCADEIRAS EM QUEDA.

FIGURA 22 - PESQUISA SOBRE CARRINHO DE ROLIMÃ.

FIGURA 23 - ORIENTAÇÕES GERAIS.

FIGURA 24 A 26 - CONFECÇÃO DO CARRINHO DE ROLIMÃ.

FIGURA 27 A 29 - EXPERIMENTANDO FORMAS E MANOBRAS.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. O LUGAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DA CULTURA CORPORAL NA ESCOLA	17
1.1 - Na contramão da história: por uma Educação Física crítica e superadora.....	23
1.2 - Cultura corporal e práticas corporais de aventura como formação de sujeitos participantes.	27
CAPÍTULO 2. A PESQUISA	34
2.1 - Primeiros passos da pesquisa-ação	35
2.2 - A fase exploratória.....	36
2.3 - O tema da pesquisa e a colocação dos problemas.....	45
2.4 - O lugar da teoria e das hipóteses	47
2.5 - Seminário de pesquisa-ação.....	49
2.6 - Coleta e análise de dados na pesquisa-ação.....	53
2.7 - Plano de ação.....	55
CAPÍTULO 3 - O PLANO DE AÇÃO E A SISTEMATIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICO PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA	62
3.1 - O percurso metodológico de análise e os resultados da pesquisa	76
3.2 - Possibilidades e limites da inclusão das PCAS nas aulas de Educação Física ..	77
3.2.1 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS.....	78
3.2.2 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento - deslizamento.....	85
3.2.3 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento - andar/correr	86
3.2.4 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento - rolamento	88
3.2.5 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento - queda	90
3.2.6 - Análise do tema: Construindo um carrinho de rolimã	91

CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICES	105

INTRODUÇÃO

Este trabalho que ora submeto à apreciação dos meus pares é a síntese de uma proposta de ensino do conteúdo das Práticas Corporais de Aventura (PCAs), à luz da metodologia crítico-superadora, em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de Goiânia.

Trata-se de um estudo integrado ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) realizada pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) em parceria com a Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Este programa de mestrado (PROEF) é fruto da relação entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Núcleo de Ensino à Distância (NEaD) da UNESP, que submete-se através de um formato semipresencial, onde parte das disciplinas são realizadas em um ambiente virtual e outra parte em atividades presenciais em pólos espalhados pelo país e orientados por coordenadores regionais.

Entre as finalidades do Programa de Mestrado, está o aperfeiçoamento de professores de Educação Física que prioritariamente estejam no "exercício da docência no Ensino Infantil, Fundamental e Médio na rede pública de ensino, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade da educação no país". (UNESP, 2018, p. 01). Entre as linhas de pesquisa situadas no programa, encontram-se: Movimento Educação Física na Educação Infantil, Educação Física no Ensino Fundamental e Educação Física no Ensino Médio.

Desta forma, o presente trabalho situa-se como um estudo concentrado na área de Educação Física Escolar, dentro da linha de pesquisa Educação Física no Ensino Fundamental.

Também se configura como o resultado de um rico período de aprendizagens deste pesquisador junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Lazer e Comunicação (GEPELC¹) da Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Os primeiros desafios colocados pelo grupo de pesquisa em 2014 me fizeram avançar na compreensão de que o tema das Práticas Corporais de Aventura

¹ Grupo de pesquisa ao qual me inseri a convite do professor Humberto Luís de Deus Inácio, onde me aproximei novamente com os estudos e discussões acadêmicas.

já se configurava como relevante conteúdo pertencente ao rol de práticas da cultura corporal. Por não me situar como praticante de nenhuma atividade desta natureza confesso que o início deste processo de aprendizagem me gerou certa insegurança. No entanto, havia uma forte convicção que os desafios que estavam por vir pela frente, me fariam avançar na ampliação dos meus conhecimentos sobre o tema.

A riqueza da minha reaproximação junto à universidade, fruto da participação no GEPELC, me fez restabelecer o contato com a produção científica na área do conhecimento da Educação Física. A inquietação de um período de seis anos afastados das discussões acadêmicas e da universidade até então, me fizeram apoiar em referenciais teóricos e em discussões que me trouxeram a compreensão e a vontade de inserir as PCAs nas aulas de Educação Física.

Durante este período de estudo (2014-2019), venho me dedicando a experimentar nas aulas de Educação Física, metodologias e práticas de ensino sobre aventura nas escolas em que trabalho. As conclusões preliminares que venho observando a partir destas experiências empíricas me levam a concluir que este conteúdo vem contribuindo de modo significativo para a ampliação do acervo de práticas da cultura corporal destes alunos.

É perceptível, através das nossas conversas, identificar a relação e o nível de compreensão que eles foram assimilando durante o conteúdo. Por outro lado, as experiências desenvolvidas por meio das atividades, seja em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental ou do 9º ano², vêm me demonstrando que o ensino das PCAs tem contribuído para o desenvolvimento da confiança e da auto-estima destes alunos. Em estudos realizados por Souza (2014) e Machado (2014), também demonstram o desenvolvimento destes fatores atribuídos às práticas de aventura na escola.

Entretanto, as experiências as quais venho tendo neste recorte de tempo, têm me servido para aprimorar as atividades e brincadeiras que estimulem a imprevisibilidade, os riscos e a aventura na escola. No início, nem sempre foram interessantes ou estimulantes para as aulas, fruto da inexperiência deste professor. Mas através da práxis, conceito pelo "... qual o homem cria e transforma o seu mundo humano e histórico e a si mesmo." (BOTTOMORE, 1988, p. 292), estas questões me fizeram avaliar, junto com os alunos, as melhores formas de avançar

² Turmas que tive a oportunidade de trabalhar com o tema das PCAs. Nesta época eu trabalhava em uma escola com turmas do 1º ao 3º ano e em outra escola com turmas do 7º ao 9º ano.

na construção de uma unidade de ensino que fosse coesa com os conceitos e com as possibilidades estruturais que cada escola nos fornecia.

Apesar de mencionar estas experiências no campo de ensino, não consegui neste período de tempo, sistematizar em forma de trabalho, artigo ou mesmo relato de experiência, uma produção científica que pudesse divulgar o que se desenvolvia em minhas aulas. No entanto, a possibilidade de me inserir em um programa de mestrado já vinha ganhando forma. Colaborar com um projeto de pesquisa que pudesse divulgar o tema das PCAs na escola, já me instigava continuar a trilhar um caminho na minha formação acadêmica. No próprio GEPELC havia uma expectativa com a criação de um mestrado acadêmico³ na FEFD da UFG, o que de fato alimentava este sonho de seguir adiante.

No entanto, em 2016, com a abertura do edital para o Programa de Mestrado Profissional em Rede (PROEF) em Educação Física já apresentado mais acima, minha aprovação e o ingresso neste programa me fez retomar o desejo de contribuir com o campo de conhecimento da Educação Física. O tema da PCAs já estava definido desde o início. O objetivo era que através de uma pesquisa no campo escolar, pudesse refletir sobre proposições e formas de ensino/aprendizagem das PCAs na escola.

Apesar da expectativa para o início do mestrado, tivemos que esperar por dois anos para que de fato se consolidasse tal projeto. Devido à crise política que o país vivia naquele ano, com o impeachment da presidente Dilma Vana Rousseff em 31 de agosto de 2016, o vice-presidente Michel Temer assume a presidência da república. Os impactos decorrentes de sua política financeira, principalmente na educação, fizeram que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável pelo curso, suspendesse o início do programa. Entre os anos de 2016 a 2018, foram muitas discussões e tentativas de readequação financeira para que de fato o PROEF se concretizasse, nos gerando muita angústia.

Em abril de 2018, após dois anos da aprovação, finalmente demos início ao primeiro programa de mestrado em Educação Física de Goiás. Tão logo iniciaram-se as aulas, estabelecemos contato com o professor Doutor Humberto Luís de Deus Inácio para orientação do presente trabalho. Neste ano, o professor se encontrava

³ Mestrado que após vários anos de lutas veio a se consolidar somente no ano de 2019.

na Espanha realizando um pós-doutorado justamente tendo as PCAs como tema, na Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Granada.

O contato neste período foi via e-mail e *Skype*. Pensamos em desenvolver um projeto que resultasse em um produto final que desse suporte aos professores de Educação Física. Desta forma, o objetivo que definimos foi a de desenvolver uma proposta de unidade didática de ensino das PCAs na escola.

Como campo de pesquisa, consideramos que a Escola Municipal Dalísia Elizabeth Martins Doles, situada na região norte da capital goiana, se faria um ótimo campo para se investigar. O fato de nos inserirmos nesta realidade e conhecermos os seus limites e possibilidades nos fez avançar nos estudos e na proposta de construção de uma Unidade Didática. A disposição da escola em estar aberta para este estudo nos faz acreditar no seu compromisso com a qualidade da educação.

Nos estudos realizados de revisão bibliográfica observamos em trabalhos como os de Darido e Tahara (2016), que existem algumas dificuldades iniciais em sua inserção no espaço escolar. Apesar disto, os autores apontam que o conteúdo das PCAs deve ser priorizado e oportunizado na escola. A nós, professores, diante da nossa realidade, cabe refletir em como materializar o ensino deste conteúdo.

Em outras publicações consultadas, percebemos algumas iniciativas interessantes de inserção deste conteúdo na escola. Fomos sendo apresentados em como trabalhar o ensino de determinadas práticas específicas como o skate, o slackline, o esporte de orientação e etc. No entanto, percebemos que nestes estudos, que são de grande relevância para a área, havia pouca diversificação de práticas quando o tema era PCAs na escola.

Desta forma, as conversas iniciais sobre a pesquisa, nos fizeram pensar em uma unidade didática que levassem em conta os tipos de deslocamento nas práticas de aventura. A intenção era de procurar desenvolver nas aulas um panorama geral das PCAs e dos elementos que constituem a sua prática. Outro ponto era de estabelecer uma aprendizagem que pudesse trazer uma diversificação de experiências corporais através das PCAs.

Utilizamos neste estudo os elementos constituintes das PCAs apresentados por Inácio et al (2016), para o ensino a partir destes. Seriam estes elementos: a) os sentidos e tipos de deslocamento, b) em grupo ou individual, c) com ou sem equipamento e d) com ou sem a colaboração dos colegas. Consideramos como elemento central para esta investigação os tipos de deslocamento, buscando pensar

o corpo como produto constante de transformação e movimento de sua expressão. Diversificar a gama de PCAs existentes que pudessem ser trabalhadas na escola, também foi tema das nossas pretensões iniciais.

Em se tratando das metodologias de ensino da Educação Física, posicionamo-nos no âmbito das perspectivas críticas, optando por utilizar a metodologia crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 2009). Esta base de sustentação teórica do trabalho já vinha das discussões presenciadas no GEPELC e também havia sido alvo de estudos anteriores deste pesquisador.

A afinidade com uma proposta - como a crítico-superadora, é oriunda de uma compreensão mais geral do papel que a educação exerce numa sociedade dividida em classes.

Desta forma, a apresentação desta discussão, estará presente no capítulo 1, onde convidamos o leitor a perceber como a educação vem servindo aos interesses de uma classe dominante e da manutenção do *status quo*. A Educação Física, inserida no rol de disciplinas da escola, não é diferente, já que também é resultado das disputas políticas de onde se insere. No entanto, procuramos sintetizar como ela tem ocupado os espaços de manutenção e de rompimento com este modelo de ensino. Por fim, inserimos o lugar das PCAs como parte do conhecimento da cultura corporal que necessita ser acessível e cognoscível às camadas mais desfavorecidas da população.

No capítulo 2 apresentamos a metodologia de pesquisa-ação que deu sustentação para nosso trabalho, definindo suas concepções e fases de organização. Desenvolvemos a exposição da metodologia e dos resultados obtidos por meio do questionário aplicado e do seminário, que resultaram na elaboração do plano de ação (THIOLLENT, 2009).

Apresentamos no capítulo 3 a aplicação e a análise dos sequenciadores de aula, pautadas na metodologia crítico-superadora, que orientou a elaboração da sequência didático-pedagógica de ensino das PCAs no espaço escolar. Com base nesta análise, foi possível responder à questão: como o ensino das práticas corporais de aventura podem ocorrer nas aulas de Educação Física sob à luz da metodologia⁴ crítico-superadora? Além disto, quais recursos didáticos, ferramentas, estruturas, espaços e materiais são necessários para isto?

⁴ A escolha pela metodologia crítico superadora foi justificada no capítulo 1.1 deste trabalho com o título de: "Na contramão da história: por uma Educação Física crítica e superadora."

Por fim, as considerações finais deste trabalho, bem como seus anexos e apêndices, auxiliam o leitor na compreensão do processo de investigação e ensino, bem como de seus resultados finais. Desta forma, o produto que ora vos apresento é resultado de um longo processo de estudos, pesquisas e experiências sobre o ensino das PCAs na escola.

A contribuição das atividades, relatos e referenciais aqui utilizados objetiva instigar a reflexão de professores sobre sua prática pedagógica. É uma proposta de ensino como síntese de um processo dialético do conhecimento, ao qual cada professor a partir de sua realidade concreta, pode fazer uso das atividades sugeridas, ao mesmo tempo em que podem e devem reelaborar as atividades aqui apresentadas como fruto deste processo.

CAPÍTULO 1 - O LUGAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DA CULTURA CORPORAL NA ESCOLA.

Entender o lugar da Educação Física na escola se faz - primeiramente, a partir de pressupostos que ela não é isolada das variantes e determinantes que constituem um sistema mais amplo, ou seja, precisamos compreender que ela está situada numa sociedade permeada por interesses conflituosos entre seus sujeitos, onde a educação, num sentido mais geral, cumpre um papel determinante e não neutro na formação dos sujeitos nela envolvida.

Entender os fatores políticos, econômicos e sociais, constitui-se como forma de se situar em favor de um posicionamento político em busca de uma transformação ou na manutenção do vigente sistema em que nos encontramos. Desta forma, analisar como as relações sociais se estabelecem e como vão se consolidando os interesses emergentes deste contexto, são primordiais para a compreensão da Educação Física inserida na sociedade e na escola pública.

[...] é fundamental compreender que a Educação Física não é um fenômeno social isolado, mas faz parte da totalidade social através da qual a história dos homens se realiza. À medida que a sociedade é transformada pelos homens, transforma-se a forma da Educação Física. Esta, portanto, não é um produto natural, mas sim o resultado do processo histórico através do qual os homens, a partir do seu trabalho, constroem a si mesmo e a sociedade em que vivem [...]. (MELLO, 2014, p. 10).

Historicamente, a busca pela compreensão sobre como se deu a sua inserção no campo escolar, nos faz pensar também, sobre como um novo modelo de pensamento estava surgindo na Europa e que este, se destinava aos interesses de uma classe social emergente (burguesia).

Na Europa e em especial na França, este é o período no qual se consolidavam o Estado burguês e a burguesia como classe criando condições objetivas para que as suas próprias contradições de classe no poder apareçam, e seja inevitável o reconhecimento da existência de seu oponente histórico: a classe operária. (SOARES, 2007, p. 5).

A compreensão deste conceito de classes sociais, juntamente com as transformações no modo de produção que estavam em ascensão entre os séculos

XVIII e XIX, nos ajudam a entender o surgimento e o lugar da Educação Física, bem como as suas transformações ao longo da história.

Marx e Engels (1978) nos remetem a pensar que a história de toda sociedade existente até hoje é a história da luta entre as classes sociais. Para eles, historicamente, a sociedade tem se desenvolvido a partir do confronto entre as mesmas e em diversas épocas. Na esfera da sociedade moderna, com o advento dos meios de produção e a consolidação de um modo de produção capitalista, impulsionados pela revolução industrial, elas acabariam transformando-se "em dois campos hostis, em duas grandes classes que se defrontam - a burguesia e o proletariado." (MARX & ENGELS, 1978, p. 94).

Partindo desta ótica, consideramos que este conceito é importante para analisar as relações que foram se estabelecendo e consolidando na sociedade e como estas interferem na escola e também na prática pedagógica dos professores em geral. No campo de projetos políticos antagônicos em disputa, são elas que acabam influenciando as condições de poder sobre a vida, entre as quais, a educação, mantendo-a sob o controle da classe dominante e conseqüentemente determinando políticas para a escola pública e interferindo na prática pedagógica dos professores. Desta forma,

Manter o controle da escola é assegurar a transmissão ideológica, na medida em que graças ao caráter persuasivo, insistente e repetitivo da comunicação educativa, torna-se possível a interiorização de idéias e modos de agir e pensar. Desde os professores até as metodologias utilizadas, toda a prática pedagógica, enfim, está impregnada e saturada da ideologia dominante. (GUTIÉRREZ, 1988, p. 25)

Caminhando neste sentido, a educação sob uma ótica burguesa que estava em plena ascensão em meados do século XVIII, fez-se constituir a partir dos séculos seguintes os chamados sistemas nacionais de ensino. Uma sociedade que emergia a partir da apropriação da propriedade privada e da distinção entre as classes sociais, encontraria na educação, um caminho para o desenvolvimento de seu projeto de sociedade. Saviani (2005, p. 248) diz que "a divisão entre as classes introduziu, também uma divisão na educação", ou seja, se antes era vista numa sociedade sem classes como produto de uma coletividade e sob a produção do próprio processo de existência, a partir desta divisão, ela ocuparia outros sentidos

destinada aos interesses de uma educação para os proprietários e outra para os não proprietários.

Diante deste exposto, a Educação Física, sob a égide da ciência positivista, também havia de ser considerada um conhecimento a ser elaborado com vistas a contribuir para a hegemonia burguesa. A fragmentação do conhecimento corporal, amparados pelo discurso biológico, individualista e mecanicista fazia, como afirma Soares⁵ (2007), que a tríade sujeito que conhece, objeto de conhecimento e conhecimento como produto do processo cognitivo, não estabelecesse uma relação dinâmica. Isso nos remete a pensar que não era de interesse da burguesia se ocupar de uma educação que pudesse desenvolver todas as capacidades do sujeito para fazer sua história.

Desta maneira, a escola, longe de preparar as pessoas para que façam história, antes prepara indivíduos alienados, adaptados à sociedade, reprodutores e perpetuadores de seus esquemas e estruturas. (GUTIÉRREZ, 1988, p. 26)

Se ocupar do lugar onde pudessem ser potencializadas a ideologia dominante e a formação de um sujeito que atendesse às exigências do capital, da produção e alheio às suas ações se fazia necessária para manutenção do *status quo* vigente pela burguesia.

É importante entender que neste contexto, o corpo deveria ser disciplinado, hierarquizado, individualizado, higienizado e deveria cumprir o papel de submissão ao pensamento e à ordem vigente. A Educação Física, neste sentido, e principalmente a Ginástica, se insere como elemento fundamental para idealização dos preceitos e interesses da classe social emergente.

Em sua gênese seria aliada a uma ciência positivista e com vistas à formação de um homem moralmente sadio, influenciada ainda em sua história por instituições médicas e higienistas, militares e esportivas, sempre com a justificativa de um corpo forte e saudável aliados a expressões da ideologia dominante e de controle social.

Entender o processo de construção histórica da Educação Física e o pensamento ao qual ela sempre esteve aliada é importante para compreendermos o

⁵ O livro Educação Física: raízes européias e Brasil apresenta uma análise sobre o processo histórico dos discursos que influenciaram a prática da Educação Física na Europa e no Brasil, e suas relações com a construção de projetos políticos hegemônicos em determinados períodos.

lugar em que ela se encontra e qual projeto histórico de educação e sociedade ela se associa.

Ao longo deste processo conforme apresenta Castellani Filho (2010), no caso do Brasil, a Educação Física estaria ligada à formação de três tendências. A primeira associada à biologização, encontraria nas ciências médicas, uma Educação Física com ênfase nas performances esportivas, ligadas à ordem da produção e pouco preocupadas com o ponto de vista da saúde social. A segunda, ligada aos aspectos psico-pedagógicos, conceberia através das instituições sociais, mecanismos fechados dissociados do modo de produção, tornando o sujeito a-histórico. Para o autor, estas duas tendências estariam ligadas com o discurso de neutralidade científica, sob influência do neopositivismo, embasadas por uma teoria prática e tecnicista que ao "assim se posicionarem, deixam de atentarem para os "objetivos do conhecimento", colocando-se e colocando-o, com este proceder, a serviço do status quo". (CASTELLANI FILHO, 2010, p. 220).

A terceira tendência, segundo o autor, significa que,

[...] educar caracteriza-se como uma ação essencialmente política à medida que busca possibilitar a apropriação, pelas classes populares, do saber próprio à cultura dominante, instrumentalizando-as para o exercício pleno de sua capacidade de luta no campo social. Trata-se, portanto, no concernente à Educação Física no Brasil, de apostar na imperiosidade de traduzir o acesso ao saber - produzido, sistematizado e acumulado historicamente - pelas classes subalternas, nas "coisas" pertinentes à Motricidade Humana, através da socialização do corpo de conhecimento existente a respeito do conhecimento do Homem em movimento. (CASTELLANI FILHO, 2010, p. 220)

Diferente das outras duas tendências, o autor nos apresenta em sua narrativa, aspectos que vão para além dos discursos biomecânicos e médicos que influenciaram a Educação Física. É nesta terceira tendência que o autor aponta que a aproximação dos elementos da Educação Física com uma concepção histórica e crítica da educação, deverá priorizar os elementos constituintes para formação da dimensão humana e cultural do homem e do seu movimentar.

Nota-se nesta síntese, que uma nova forma de pensar a Educação Física, sobretudo na escola, vinha no sentido de romper com o paradigma da aptidão física e dos aspectos ligados a um corpo biológico e meramente mecânico.

Pensar em pressupostos humanos e filosóficos sobre o corpo e o movimento, fez com que a partir do final dos anos de 1970 e início dos anos de

1980, surgisse junto com os movimentos pela redemocratização do Brasil, uma Educação Física que fosse para além da formação de um corpo meramente disciplinado - era preciso pensar num corpo que rompesse com estes paradigmas. É neste contexto, que "começam a surgir novas propostas para a Educação Física, definindo princípios identificadores de uma nova prática pedagógica" (REIS et al, 2013, p.15).

Esta nova forma de pensar a prática pedagógica da Educação Física na escola buscava romper com o pensamento já demarcado sobre a influência das instituições médicas e militares e das ciências biológicas sobre a Educação Física. Foi entre os anos de 1980 e início dos anos de 1990, que as produções de conhecimento sobre a Educação Física na escola começaram a surgir, orientando para uma nova forma de se pensar a prática pedagógica dos professores, aliadas a uma concepção de formação humana de homem e sociedade. As diferentes concepções que foram surgindo, na qual se alimentaram de diversas fontes filosóficas para se fundamentarem, inicialmente teriam em comum o rompimento com o viés então predominante na área. Podemos citar que,

Atualmente, coexistem, na área da Educação Física, diversas concepções sobre qual deve ser o papel da Educação Física na escola. Essas concepções têm em comum a tentativa de romper com o modelo mecanicista, esportivista e tradicional. São elas: Humanista; Fenomenológica; Psicomotricidade, baseada nos Jogos Cooperativos; Cultural; Desenvolvimentista; Interacionista-Constructivista; Crítico-Superadora; Sistêmica; Crítico-Emancipatória; Saúde Renovada, baseada nos Parâmetros Curriculares Nacionais [...] além de outras. (DARIDO, 2012, p. 34).⁶

A diversidade de concepções que foram surgindo ao longo do processo histórico de construção da Educação Física, nos cursos de formação de professores, também foram alvos de disputas entre projetos de formação dos sujeitos e conseqüentemente também de seu objeto de estudo.

Daí, talvez, o conflito em que muitos professores hoje se encontram, em não saberem identificar no campo escolar a especificidade de seu trabalho. Vêm-se diante de tantas concepções, que perguntam: qual objeto de estudo da Educação Física e o que ela deve ensinar na escola? Muitos acabam não encontrando em nenhuma destas concepções a razão de seu fazer pedagógico, se entregando, em

⁶ Neste texto, a autora realiza uma síntese das que considera serem as principais concepções, apontando suas características e como se dá a construção destes conhecimentos na escola.

muitos casos, ao que denominamos na área de "rola bola⁷ ou abandono do trabalho docente (desinvestimento pedagógico)". (GONZÁLEZ, 2018, p. 01).

Situar-se primeiramente sobre qual projeto histórico de sociedade, de formação de sujeitos, de Educação e Educação Física pode ser um elemento de muita importância para localizarmos o olhar de nossa prática pedagógica na escola. A que interesses de classe ela deve servir? Quais as relações entre os sujeitos nela envolvidos vamos priorizar? Qual avaliação vamos propor e quais objetivos frente à realidade material vamos direcionar nossa prática? Manutenção ou transformação das relações existentes?

Partindo desta premissa defendemos neste trabalho, diante de tantas concepções, uma Educação Física que esteja aliada a uma formação para o desenvolvimento das capacidades humanas dos sujeitos nela envolvidas, entendendo a Educação Física como "um projeto de formação mais amplo, omnilateral, reconhecendo a prática pedagógica e a docência como caracterização histórica da área" (ALVES, 2015, p. 25). Romper com os projetos de formação unilateral, fragmentados⁸ é a contraposição dada, inicialmente para nos localizarmos em um projeto de formação de sujeitos para fazerem sua história e intervirem em sua materialidade real através de seu trabalho.

Corroborar-se então com o pensamento que,

Todo educador deve ter definido o seu projeto político-pedagógico. Essa definição orienta a sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com os seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos. (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 27)

Neste sentido, compreendemos que a função da Educação de forma geral, aliada aos interesses dos filhos da classe trabalhadora, presentes na escola pública, é o do desenvolvimento de suas capacidades para a realização da emancipação

⁷ Ressaltamos que o termo revela não uma concepção da área de atuação, mas é o resultado de uma série de fatores que acabam por influenciar a desistência do professor em não exercer o seu trabalho com competência, como por exemplo as condições precárias de trabalho e de salário, a falta de materiais, a indisciplina dos alunos, a baixa legitimidade perante à escola entre outros fatores.

⁸ Em relação ao tema sobre o campo de formação de professores indicamos a tese de doutorado de Melina Silva Alves, intitulada Formação de professores e crise estrutural do capital: a necessidade histórica de uma formação para a transição de modo de produção e reprodução da vida. Salvador, UFBA, 2015.

humana⁹. Desta forma, é fundamental que os alunos não só assimilem conhecimentos, mas que construam sentidos e significados sobre a relação entre conhecimento-trabalho-vida no mundo real, complexo e contraditório. Partindo da compreensão defendida por Martins (2013), sobre a pedagogia histórico-crítica, o autor nos traz uma síntese sobre a especificidade da educação no mundo contemporâneo. Para ele,

[...] a pedagogia histórico-crítica afirma que os seres humanos precisam criar permanentemente as condições de sua existência. Enquanto os outros animais se adaptam ao mundo natural, coletivamente, os seres humanos transformam este mundo para viabilizar a existência da vida, produzindo cultura. Em outras palavras, não encontramos tudo de que precisamos pronto, somos obrigados a produzir formas materiais e não materiais necessárias à vida - formas que nascem da necessidade objetiva (alimentação, por exemplo) e dos desejos e fantasias - e a transmitir estas formas para outras gerações. (MARTINS, 2013, p. 39)

Entendendo que o projeto de formação, passa pela observação que somos sujeitos históricos e que por meio do trabalho, e suas relações com a cultura, produz condições objetivas e subjetivas da vida, é que nos direcionamos para uma prática pedagógica que rompa com os paradigmas construídos na Educação Física, caminhando na construção de novas metodologias que proporcionem uma relação de construção crítica de ser humano.

Desta forma, consideramos que a metodologia crítico-superadora é uma das concepções no campo da Educação Física que mais se aproximam deste projeto de formação de sujeitos. Ao nos posicionarmos em favor dela, buscamos a tentativa de superação das contradições na estrutura da sociedade, atendendo às reivindicações históricas e imediatas da classe trabalhadora e também à socialização dos conhecimentos historicamente sistematizados e elaborados.

1.1 - Na contramão da história: por uma Educação Física Crítica e Superadora.

Entender que os interesses da classe hegemônica frente ao poder político é por vezes o que determina as condições sociais da vida, direcionando políticas ideologizadas que vão ao encontro de seus interesses, é que nos faz refletir sobre a

⁹ Entendemos como emancipação humana o desenvolvimento das potencialidades das dimensões sociais, políticas e econômicas que permita a superação das relações de exploração presentes na atual sociedade.

ação política do professor frente aos desafios de transformação no seu fazer pedagógico, principalmente em favor das classes menos favorecidas.

Perceber as entrelinhas deste antagonismo de classes e se posicionar frente aos desafios colocados, buscando metodologias e teorias de ensino que se contraponham à lógica dominante, com certeza, são passos para se pensar o nosso fazer pedagógico.

Deste ponto de vista, entendemos que o objeto de estudo da Educação Física é a Cultura Corporal. Este conceito, inserido por um Coletivo de Autores em 1992, através da obra *Metodologia do Ensino de Educação Física*, nos traz uma reflexão sobre a amplitude do papel e da função da Educação Física na escola.

Em sua dinâmica curricular¹⁰, inserida na escola, a Educação Física buscaria,

[...] desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 39)

Romper com os padrões vigentes na Educação Física nos remete a pensar em uma proposta que, diferente dos ideais positivistas e fragmentados de corpo e movimento, permita a compreensão de que a dimensão histórica tem sua importância para a produção corporal da humanidade. Para estes autores, o princípio de historicidade nos oportuniza compreender que a produção humana é histórica, inesgotável e provisória.

Ela se torna importante por propiciar ao aluno, a oportunidade de conhecer, comparar, relacionar e mesmo transformar a cultura corporal na qual se insere. Esta visão de ensino numa perspectiva histórico-crítica nos permite direcionar para uma "formação do indivíduo enquanto sujeito histórico¹¹, crítico e consciente da realidade social em que vive" (REIS, 2013, p. 55).

Neste sentido, é interessante que o professor de Educação Física trate o conhecimento desde sua origem, dando ao aluno condições "de interferir nos rumos

¹⁰ Entende-se por dinâmica curricular a necessidade de criar as condições para assimilação e a transmissão do saber escolar.

¹¹ Entende-se como sujeito histórico aquele que é capaz de construir seu próprio processo de humanização.

de sua vida privada e da atividade social sistematizada" (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 40).

A importância dada a esta visão, nos remete a pensar em um método de ensino que aproprie e viabilize a instrumentalização do conhecimento na realidade. Esta instrumentalização deve envolver formas de leitura e possibilidades de interferência no cotidiano, constituindo-se em importante caminho para se apropriar e refletir sobre a diversificação dos conteúdos estabelecidos pela Cultura Corporal.

Ao tratar dos conteúdos da Educação Física, o método de ensino permite que a inteligência percorra um caminho para apropriar-se daquilo que foi descoberto, sistematizado e que representa o patrimônio científico e cultural da humanidade. (SOARES; TAFFAREL; ESCOBAR, 2001, p. 220)

Nesta perspectiva, o saber sistematizado, deve ser repassado e assimilado pelos alunos, percorrendo alguns princípios curriculares no trato com o conhecimento. É importante lembrar que estes princípios referentes ao conhecimento não se dá por etapas, mas de forma simultânea e espiralada, organizadas por ciclos¹² de escolarização.

Cauper (2018) nos afirma que é desejável que esta espiralidade pudesse acontecer desde a educação infantil até o ensino médio, formando sujeitos humanizados para que sejam capazes de desenvolver suas potencialidades. Isto nos remete a pensar que a relação no trato com o conhecimento científico mais elaborado vai se organizando, não por etapas, mas através de uma amplitude à medida que o professor, ciente de sua função, permita e organize através de sua didática¹³, os mecanismos para que isto ocorra.

Sobre esta questão específica, uma boa didática seria "aquela que promove e amplia o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos por meio dos conteúdos" (LIBÂNEO, 2018, p. 03). O autor, embasado na teoria histórico-cultural¹⁴,

¹² O coletivo de autores nos traz uma referência sobre como se dá a organização dos ciclos de desenvolvimento. Estaria estruturado da seguinte forma: 1º Ciclo - (pré à 3ª série) - Ciclo de organização da identificação dos dados da realidade; 2º Ciclo - (4ª à 6ª série) - Ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento; 3º Ciclo - (7ª à 8ª série) - Ciclo de aplicação da sistematização do conhecimento; 4º Ciclo - (Ensino Médio) - Ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento.

¹³ A didática se refere, segundo Libâneo (2018), ao processo de ensino no qual os objetivos, os conteúdos, os métodos e as formas de organização da aula combinam entre si de forma a contribuir para uma aprendizagem significativa aos alunos.

¹⁴ Teoria que compreende o desenvolvimento da mente humana vinculada à cultura o que influencia na formação das funções psicológicas superiores.

apresenta argumentos para uma didática que enfatiza os conteúdos e destaca que os objetivos de ensino devem ser aqueles que possam permitir o pleno desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade através da assimilação destes conteúdos. A Educação Física, como já dito, buscou pautar-se em um modelo de corpo forte e saudável, onde a dimensão biológica sobressaiu sobre as sócio-culturais e históricas que a constituem.

Na contramão desta visão fragmentada de formação, que pautou a Educação Física por muito tempo, entendemos que o avanço de concepções que se aliem a um projeto que proporcione uma visão de totalidade se faz necessário. Neste sentido, a produção de conhecimento das diversas disciplinas e das ciências, devem seguir dentro de um currículo escolar, o caminho de proporcionar ao aluno a amplitude na constatação de uma visão de totalidade. Este caminho, aliado aos interesses das camadas populares - segundo o Coletivo de Autores (2009), deve trazer as condições necessárias para refletir, constatar, interpretar a realidade social complexa e contraditória.

Entendemos neste processo, a importância que o professor possui na mediação do saber. A relação entre professor aluno tem centralidade para caminhar numa perspectiva crítico-superadora. Esta relação se configurou por um bom período, dentro da instituição escolar, sob o olhar das instituições militares. Basicamente, "as funções atribuídas ao instrutor eram as de apresentar os exercícios, dirigir, a manter a ordem e a disciplina. Ao aluno competia repetir e cumprir a tarefa atribuída pelo professor" (BRACHT, 1997, p. 20).

Entende-se aqui que a relação entre professor e aluno se estabeleceu neste primeiro momento, em partes separadas, quanto às suas funções dentro da escola. O professor era o instrutor, detentor de todo o conhecimento a ser transmitido ao aluno. Do outro lado, ao aluno, lhe competia somente o papel de se adequar às regras da instituição escolar e ao comando do instrutor, como recruta. Para Bracht (1997) esta relação, sob a égide da instituição militar, cumpriria mais tarde a mesma função, agora com a hegemonia do esporte como fator predominante na escola. A relação professor-instrutor e aluno-recruta passaria, nesta nova configuração, para uma relação entre professor-treinador e aluno-atleta. Em nenhuma delas parecia haver preocupação com uma formação ampliada das dimensões do ser humano.

Somente a partir dos anos de 1980, com a redemocratização da estrutura política brasileira e com o movimento por uma educação progressista é que o

pensamento sobre a relação entre professor e aluno deveria romper com esta lógica predominante na escola. Uma das concepções que vinham ganhando notoriedade à época, dizia que

[...] o conhecimento resulta de trocas que se estabelecem na interação entre o meio (natural, social, cultural) e o sujeito, sendo o professor o mediador, então a relação pedagógica consiste no provimento das condições em que professores e alunos possam colaborar para fazer progredir essas trocas. (LIBÂNEO, 1986, p. 41).

É bom lembrar que a construção desta relação entre professor-aluno se deve, na abertura por parte do professor numa mediação entre a sua cultura e a cultura do aluno, a partir dos conteúdos trabalhados, despertando interesses para que ele consiga se envolver numa participação ativa. Ressalta-se também que esta perspectiva, conforme o autor, exclui a não-diretividade, ou seja, o professor ainda possui o papel central na mediação do conhecimento sistematizado para que o aluno alcance a amplitude de sua própria experiência.

Na especificidade da Educação Física, com vistas a romper com a relação tradicional que foi constituída ao longo de sua inserção na instituição escolar, defendemos este posicionamento. A Educação Física, nas suas mais diversas manifestações da cultura corporal, deve ser objeto de conhecimento sistematizado e mediado por um professor que se localize a favor do desenvolvimento das potencialidades humanas, através do despertar da amplitude das capacidades mentais de seus alunos.

Isto dito, apresentaremos o nosso objeto de estudo, a saber, as práticas corporais de aventura, a partir de uma perspectiva crítica de ensino, com vistas a socializar o conhecimento mais elaborado sobre esta atividade humana. Pensar em uma metodologia de ensino sobre este conteúdo, não só se torna uma tarefa constante de aprendizagem para os alunos, mas também para o professor que se arrisca a construir, sob a luz da metodologia crítico-superadora, uma nova perspectiva de formação de sujeito e também de sociedade.

1.2 - Cultura corporal e práticas corporais de aventura como formação de sujeitos participantes.

As PCAs, como área de conhecimento sistematizado, vêm ganhando relevância e significado no âmbito da Educação Física escolar há alguns anos.

Como os outros temas da cultura corporal, ela se insere no rol de práticas historicamente produzidas através da atividade humana e, portanto, cabível de ser pensada e inserida no contexto escolar.

Em se tratando de um fenômeno social, produzido e modificado historicamente pela humanidade para atender a necessidades diversas, sejam elas de sobrevivência, fruição ou elitização, apresentamos aqui as práticas corporais de aventura como um conteúdo potencialmente rico a ser desenvolvido na escola em todas as etapas da educação básica. Trata-se de uma manifestação da cultura corporal, um conhecimento clássico pertencente ao gênero humano, que tem sido apropriado e usufruído de forma privada por uma pequena parcela da população. (CAUPER, 2018, p. 88).

As PCAs se configuram na atualidade como um conteúdo emergente a ser pensado, sistematizado e aplicado no contexto escolar.

Apesar de estar inserida em um processo de constante construção em sua terminologia, como fruto de um debate conceitual na área¹⁵, corroboramos com a idéia da utilização do termo práticas corporais ao invés de atividade física por considerar que "esta última nos remete a uma compreensão restrita de humano, limitada a uma concepção biologicista; enquanto a primeira possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas". (INÁCIO et al., 2005, p. 69).

Este entendimento nos remete a uma objetividade de que o ser humano se insere numa relação dialética com a natureza¹⁶, na qual produz sua cultura por meio do trabalho. Desta relação dialética entre elas, podemos considerar que,

O homem não surge de uma base outra que não seja a natureza. Ele não aparece da idéia, da consciência, mas de um processo histórico-espacial, em que os sujeitos se instauram a partir de suas relações com a natureza e entre eles. Cada geração, cada sociedade, então, encontra uma base de relações e estruturas formadas. É a partir dessa base que se desdobra a vida. No entanto, a realidade cotidiana não é, necessariamente, um obstáculo para o desenvolvimento humano, mas sua condição de existência e possibilidade. (BRITO, 2009, p. 01-02).

¹⁵ É possível encontrar referências conceituais como Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFANs), Esportes de Risco, Esportes Radicais, Práticas Corporais de Aventura (PCAs), Práticas Corporais de Aventura na Natureza (PCANs), Atividade de Aventura na Natureza entre outros.

¹⁶ Natureza se refere neste contexto a tudo que existe e que pode ser cognoscível ao ser humano.

Neste sentido, as práticas corporais de aventura, situam-se como fruto dos produtos históricos da produção humana, que através do trabalho, nunca se esvaece de sua relação com a natureza.

Também nos interessa lembrar, que o resultado desta produção humana nem sempre tem sido apropriada por determinadas classes na estrutura da sociedade. Principalmente pelas camadas mais populares.

Transitoriamente, esclarecemos que o conceito de PCAs que sustenta este estudo vem de Inácio (2014), onde o autor indica um esforço no sentido de apresentar um conceito amplo, capaz de sintetizar várias das propostas já listadas até então:

[...] nosso esforço é de apresentar uma compreensão do todo: Podemos entender as PCANs como práticas corporais que objetivam comumente a aventura e o risco, realizadas em ambientes distantes dos centros urbanos, notadamente espaços com pouca interferência humana, sejam estes - terra, água e/ou ar. Também se caracterizam por possuírem alto valor educativo e por uma busca do (re)estabelecimento de uma relação mais intrínseca entre seres humanos e tudo que o cerca, o que pode culminar com algum avanço para superar a lógica mercadológica do/no lazer e com a instauração e/ou resgate de valores humanos como a cooperação e a solidariedade. (INÁCIO, 2014, p.534).¹⁷

Em artigo publicado sobre os atores envolvidos no Vôo Livre, Moura e Soares (2014) investigaram os riscos percebidos por diferentes sujeitos nesta prática. Ao entrevistar cinco grupos diferentes que se envolviam nesta prática corporal de aventura, de forma direta e indireta, percebeu-se que o grupo de observadores¹⁸, oriundos em sua maioria das camadas mais populares (comerciantes, porteiros, domésticas e babás), geralmente com grau de escolaridade mais baixo em relação aos outros grupos, foram os que mais afirmaram não ter intenção de praticar a atividade. Suas justificativas se deram no sentido de afirmarem que isto era coisa para turista, e na compreensão de que, "mesmo sem terem consciência exata dos custos destes esportes, os observadores calculam que não deve ser um esporte barato". (MOURA & SOARES, 2014, p. 58).

Este aspecto da pesquisa nos aponta para a importância da inserção das PCAs nas aulas de Educação Física na escola. Neste espaço, por entender que é lá

¹⁷ Nesta proposição, Inácio estava conceituando as Práticas Corporais de Aventura na Natureza, por isso a sigla 'PCANs' na citação; em texto posterior (INÁCIO et al., 2016), indica a necessidade de rever isto quando o debate é sobre a Educação Física escolar, uma vez que a BNCC apresenta a expressão amplamente utilizada aqui – PCAs.

¹⁸ Os outros grupos entrevistados nesta pesquisa foram: passageiros de primeiro voo; instrutores; atletas e ex atletas.

que estão presentes as camadas mais populares, e na escola, por ser o lugar de socialização dos conhecimentos mais elaborados, ao qual todos devem ter acesso.

Em relação à inserção destas práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física, recentemente foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estabelece um conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis a que todos os estudantes vão ter direito na Educação Fundamental em nosso país (BRASIL, 2018).

Este documento cumpre a exigência estabelecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica e no Plano Nacional de Educação. É nele que se regulamentam os conteúdos das disciplinas escolares para o ensino básico.

A Educação Física se encontra inserida neste documento na área de Linguagens, como um componente curricular que tematiza as práticas corporais "como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história" (BRASIL, 2018, p. 211). Na BNCC, elas estão distribuídas em seis unidades temáticas, entre as quais: jogos e brincadeiras, dança, esporte, ginástica, práticas corporais de aventura e lutas.

O documento aponta que o ensino das Práticas Corporais de Aventura (PCAs) na BNCC deve ocorrer a partir do 6º ano do ensino fundamental. Por ser um campo de conhecimento em expansão na área da Educação Física, tal normativa gerou uma nova dinâmica em torno da formação e da capacitação dos professores do ensino básico, uma vez que este conteúdo não é tradicional nos cursos de formação inicial. Entendemos que há uma lacuna presente nos cursos de Educação Física que tratam deste conteúdo e que necessitam ser pensadas e inseridas nas instituições de ensino superior do país.

Apesar de ser incluída na BNCC, as PCAs ainda são motivo de preocupação por parte dos professores. Em um estudo realizado por Tahara e Darido (2016), os autores nos trazem apontamentos sobre para o ensino das Práticas Corporais de Aventura na escola. Apresentam um estudo feito numa escola de Osório/RS apontando, entre estes limites, a inviabilidade econômica dos custos dos materiais, as instalações físicas que não são apropriadas e a falta de uma qualificação profissional que dessem conta desta lacuna na formação dos professores.

Em ensaio realizado por Inácio et al (2016), inicialmente os autores ressaltam a preocupação dos professores do país sobre o ensino das Práticas

Corporais de Aventura na escola proposta na BNCC. Após uma análise documental realizada nas contribuições dos professores na fase de abertura e participação para a construção da 2ª versão da BNCC, alguns apontamentos realizados sobre esta relação entre formação e ensino das Práticas Corporais de Aventura, são evidenciados. Conforme os autores,

As contribuições demonstram o nível de preocupação dos professores de EF ao se deparar com as PCAs como um conteúdo a ser desenvolvido em suas aulas. As expressões 'experiência', 'formação adequada', 'conhecimento sobre', 'profissionais capacitados', no contexto que são apresentadas, indicam que tal qualificação [...] e experiência estão ausentes da realidade escolar, sendo assim, uma importante limitação - e um desafio a ser enfrentado pelas instituições de ensino superior, para a inserção efetiva das PCAs na EF. (INÁCIO et al., 2016, p. 182)

É a partir de preocupações como estas - apontadas pelos professores na fase de contribuições, que se fazem necessários um processo de formação continuada e de buscas por referenciais, metodologias, ferramentas e recursos pedagógicos que auxiliem os professores a ampliarem seu acervo de conhecimentos para uma prática pedagógica significativa e comprometida com a formação dos sujeitos.

Neste aspecto, existem alguns estudos e experiências interessantes no campo escolar com o ensino das PCAs. Destacamos alguns trabalhos desenvolvidos com o *slackline* e sua relação com a natureza e a cooperação entre os participantes (FRANÇA, 2016) e a experiência vivenciada entre graduandos de um curso de Educação Física desenvolvidos por Pereira (2013), havendo contribuições significativas nas dimensões atitudinais, procedimentais e conceituais com a prática de *slackline*. Outros trabalhos como o de Alves e Cosino (2013) com o *Parkour*, ressaltam sua importância para o desenvolvimento corporal dos alunos nas aulas de Educação Física e como conquista fundamental para uma inovação pedagógica. Em outro estudo sobre a prática do *Parkour*, França (2016) revelou como resultados do trabalho o respeito, a interação e a conservação dos espaços urbanos realizados por uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Em relação à prática do *Skate*, Bacchini e Maldonado (2014) ao realizarem um estudo sobre esportes com rodas nas aulas de Educação Física em uma turma do 7º ano, relataram as contribuições do trabalho para a construção de outras representações sociais em relação aos praticantes desta modalidade. Em pesquisa bibliográfica sobre as possibilidades

educacionais do *Skate* (ARMBRUST; LAURO, 2010) nos trazem uma proposta de organização de um curso de extensão universitária para promover reflexões sobre os processos de ensino e aprendizagem à prática do *Skate*. Ainda podemos ressaltar bons trabalhos realizados por Cauper (2018) trazendo as possibilidades e limites do ensino da *Corrida de Orientação* desenvolvida no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e também de França (2016) com a prática do *Arvorismo* na escola.

Há que se destacar ainda o trabalho de Dimitri Pereira e Igor Armbrust – ‘Pedagogia da Aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola’ (2010), provavelmente a primeira obra em formato livro publicada no Brasil sobre as PCAs.

Mesmo já havendo uma contribuição significativa em termos de pesquisas e estudos sobre o tema, percebemos que ele ainda é objeto de investigação permanente. A visibilidade e disseminação das PCAs, desde seu aspecto esportivo até o recreativo já são uma realidade – no lazer, agrega importante valor sociocultural a estas práticas de tal forma que podemos dizer que já fazem parte do cabedal de práticas que compõem a "cultura corporal" (COLETIVO DE AUTORES, 2009); assim sendo, é um direito dos estudantes e um dever da escola e do poder público ofertar as condições necessárias para que o docente possa apresentar e tratar pedagogicamente deste conteúdo.

Desta forma, os apontamentos acima apresentados nos fazem refletir sobre a nossa prática pedagógica, e assim, propomos avançar nos estudos e nas pesquisas que tratem do tema sobre as PCAs, procurando ampliar e desenvolver práticas de ensino que auxiliem e avancem na compreensão por parte dos professores sobre metodologias de ensino deste conteúdo específico. No contexto desta pesquisa não é possível experimentar várias metodologias e compará-las para verificar se há alguma mais adequada que outra. Assim, nossa opção é utilizar a crítico-superadora por entender que ela dialoga com um projeto de mundo e sociedade ao qual nos aproximamos. Desta forma, como problema de pesquisa, perguntamos: Como o ensino das Práticas Corporais de Aventura podem ocorrer nas aulas de Educação Física sob à luz da metodologia Crítico-superadora? Quais recursos didáticos pedagógicos são necessários para que isto ocorra?

Os resultados desta pesquisa podem contribuir para o avanço de práticas inovadoras nas aulas de Educação Física e também em resultados que

desmistifiquem o pensamento de que não é possível trabalhar um conteúdo tão abrangente como as Práticas Corporais de Aventura na escola. Além destes aspectos, acreditamos que esta investigação possa construir aspectos importantes no desenvolvimento dos alunos que farão parte da pesquisa, em termos de novos conhecimentos, experiências e desafios práticos e teóricos.

Desta forma ressaltamos a importância desta pesquisa em seus aspectos sociais e pedagógicos para uma ampliação de conhecimentos que possam desbravar caminhos que possibilitem o acesso dos alunos às práticas corporais construídas historicamente e também para o acervo de propostas que sirvam de base para os professores do país a partir da BNCC.

CAPÍTULO 2 - A PESQUISA

A presente investigação é parte integrante do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) coordenado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) do qual a Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD) da Universidade Federal de Goiás (UFG) é instituição associada.

Este estudo situa-se na área de Educação Física Escolar, no âmbito da linha de pesquisa Educação Física no Ensino Fundamental.

O Ensino Fundamental¹⁹ como uma das etapas iniciais da Educação Básica, é fruto de "uma conquista resultante da luta pelo direito à educação travada nos países do ocidente ao longo dos dois últimos séculos por diferentes grupos sociais, entre os quais avultam os setores populares" (BRASIL, 2013, p. 104). Nos últimos dez anos, podemos considerar que houve avanços nas diretrizes educacionais sobre a organização do ensino²⁰ no país. Além da busca pela universalização do ensino, destaca-se a obrigatoriedade do Ensino Básico²¹ (dos 4 aos 17 anos) e também a sua gratuidade assegurada a todos que não tiveram acesso na idade própria.

Assim, apresentamos neste trabalho como objetivo geral, uma proposta de desenvolvimento de uma sequência didático pedagógica de ensino das Práticas Corporais de Aventura a partir da metodologia crítico superadora, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.

Desde os pressupostos da Metodologia da Pesquisa-Ação, propusemos construir com os sujeitos envolvidos uma sequência didático-pedagógica do ensino das PCAs, nos utilizando como procedimento de coleta de dados questionários, diários de campo e registros das aulas por meio de filmagens, áudio e imagens.

A partir da elaboração da sequência didático pedagógica, construímos uma Unidade Didática de Ensino, esperando que a mesma possa se constituir em subsídio para os professores que ainda iniciam no processo de ensino

¹⁹ O Ensino Fundamental é uma etapa da Educação Básica que compreende um período de 9 anos com matrícula obrigatória aos alunos a partir dos 6 anos de idade. Lei nº 11.274/2006.

²⁰ A Constituição brasileira de 1988 previa a elaboração de um currículo básico para o ensino, que foi reafirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9396/96) que culminou com o documento sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica, que resultaria em uma Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de ensino.

²¹ Emenda Constitucional nº 59/2009.

aprendizagem deste conteúdo - e por que não, também para aqueles que já estão atuando com o mesmo.

Entre os objetivos específicos do estudo, realizamos um diagnóstico sociocultural dos alunos com ênfase em seu saber sobre as Práticas Corporais de Aventura; planejamos estratégias para o desenvolvimento de uma unidade didática a partir dos princípios da pesquisa-ação; definimos com os alunos os conteúdos possíveis para se realizar na escola e elaboramos uma unidade didática baseada nas experiências vivenciadas sob o olhar da metodologia crítica superadora.

2.1 - Primeiros passos da pesquisa-ação.

Ao nos situarmos no universo da pesquisa acadêmica, buscamos através dela, experimentar metodologias e referenciais que possam nos subsidiar no trato com os fenômenos sociais. Este, por sua vez, não aparece de uma forma explícita e carece, em certos casos, de um estudo mais aprofundado pra revelar aquilo que está oculto.

A escolha por uma metodologia de investigação nos faz acreditar que toda pesquisa científica necessita do rigor que lhe é próprio. Para tanto, apresentamos neste estudo, a aproximação com a metodologia da pesquisa-ação ao qual se configura como,

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2009, p. 16)

Ao tratar este estudo sob a perspectiva da pesquisa-ação, nos propomos contribuir qualitativamente com propostas de ensino que visam a ampliação do conhecimento dos estudantes nas escolas do país. Desta forma, a pesquisa-ação enquanto estratégia de pesquisa é ponto central do nosso estudo.

Ao desenvolver uma ação conjunta entre os sujeitos da pesquisa, entendemos que ela nos revela no campo de investigação, um alto valor pedagógico. A relevância disto nos ajuda a romper com as relações tradicionais de ensino, colocando professores e estudantes como sujeitos ativos e participantes da investigação de um dado problema.

Para tanto, como em qualquer pesquisa científica, nos utilizamos de alguns procedimentos e fases que a compõem. Thiollent (2009, p. 51) nos aponta que a pesquisa-ação é muito flexível, e ao contrário de outros tipos de pesquisa, não segue uma fase rigidamente ordenada. Elas variam de acordo com as circunstâncias e dinâmicas entre os pesquisadores do grupo envolvidas.

Da mesma forma, Gil (2010, p. 151) ao discorrer sobre a pesquisa-ação, expõe suas etapas²² ressaltando sua organização da seguinte forma: fase exploratória, formulação do problema, construção de hipóteses, realização do seminário, seleção da amostra, coleta de dados, análise e interpretação dos dados; elaboração do plano de ação e divulgação dos resultados. A partir desta compreensão, iniciamos a pesquisa.

Antecedendo a fase exploratória, explicitamos que a seleção de amostra já havia sido definida antes das outras etapas. O fato de escolher uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental, se deve ao fato de ser neste ano que o tema da pesquisa, o ensino das práticas corporais de aventura, aparece nas aulas de Educação Física na BNCC. A escolha de uma turma de 6º ano e não do 7º ou 8º ou 9º ano, foi devido ao fato de ser a única turma presente no campo de investigação e observação.

Na pesquisa-ação, essa etapa para seleção de amostragem, pode ser organizada a partir de critérios de intencionalidade. Para Gil (2010, p. 153) uma amostra intencional é aquela na qual os indivíduos são selecionados com base em certas características tidas como relevantes pelos pesquisadores e participantes e mostra-se mais adequada para obtenção de dados numa pesquisa-ação.

Justificamos assim, que a relevância deste critério se dá a partir de um componente curricular proposto pela BNCC; definido este critério, partimos para elaboração das outras etapas.

2.2 - A fase exploratória.

A fase exploratória de uma pesquisa-ação consiste em descobrir o "campo de pesquisa, os interessados e suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento (ou "diagnóstico") da situação, dos problemas prioritários e eventuais ações" (THIOLLENT, 2009, p. 52).

²² Estas etapas também estão presentes na obra de Michel Thiollent e são referenciadas por Gil (2010)

Para o critério de seleção do campo de pesquisa, estabelecemos relação com uma escola pública do município de Goiânia. O fato desta escolha, nos instiga a demonstrar que este espaço também se torna um lugar ideal para desenvolver práticas inovadoras de ensino. Desta forma, como já anunciado na introdução, estabelecemos como campo de pesquisa a Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Doles ou Dalísia Doles como é conhecida pela comunidade escolar.

O critério de intencionalidade para esta escolha se deu por dois motivos. O primeiro, por ela se encontrar geograficamente em uma área bem localizada de Goiânia, próxima da Universidade Federal de Goiás (UFG), em um bairro denominado Goiânia 2, região norte da capital. Este fato a coloca em condição favorável de trocas de experiências pedagógicas com a UFG, onde, no decorrer dos últimos anos foram sendo desenvolvidas pesquisas, palestras, trabalhos de campo e estágios tendo as PCAs como temática.²³ Consideramos assim, que os alunos em alguns casos, já se encontram habituados ao desenvolvimento de projetos desta natureza. O segundo fator determinante é que esta escola é o campo de trabalho deste pesquisador, que atua desde o ano de 2015 como professor efetivo e concursado da rede de ensino do município de Goiânia e também por considerá-la como um espaço com condições estruturais favoráveis para o desenvolvimento da pesquisa.

Em relação aos dados históricos da escola, percebemos que a mesma leva o nome de uma importante personalidade da área da educação em Goiás. Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP) relata,

A denominação da instituição foi uma sugestão do ex-prefeito de Goiânia, professor Pedro Wilson, em homenagem à reconhecida professora universitária, ex-secretária municipal de educação (SME), professora Dalísia Doles. Nome bem recebido no meio acadêmico e educacional por ter sido uma profissional competente, uma pessoa simples, humana, de uma sensibilidade nas relações educacionais que deve ser lembrada por todos os profissionais que lidam no meio. Vale ressaltar que durante sua gestão à frente da SME, foi a responsável pelo processo de implantação de eleições diretas para escolha dos diretores nas escolas municipais de Goiânia. Passo decisivo na consolidação de uma gestão democrática e autônoma da escola. (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2019, p. 07).

²³ A escola já teve parcerias de estágios com a UFG através das disciplinas de Educação Física e Artes que foram encerradas e atualmente conta com a parceria com a disciplina de História no turno matutino.

Este fato nos mostra que o nome da professora Dalísia Doles vem como reconhecimento²⁴ e importância por seu esforço na concepção e na defesa de uma gestão democrática dentro da rede municipal de ensino do município de Goiânia.

A escola está organizada em dois turnos, matutino e vespertino onde atende 7 turmas em cada período. No período matutino²⁵ funcionam duas turmas de Ciclo 2²⁶, uma de 5º ano e uma de 6º ano e cinco turmas de Ciclo 3, sendo duas de 7º ano, duas de 8º ano e uma de 9º ano.

A escola conta com uma boa infra-estrutura de espaço. Além das 7 salas de aula, possui um laboratório de informática, uma sala de leitura, uma sala de professores, secretaria e sala de direção, cozinha e banheiros. Conta ainda uma quadra poliesportiva, um pátio coberto, uma grande área gramada e aberta e espaços com árvores próximas ao estacionamento.

Em mapeamento realizado sobre os materiais para as aulas de Educação Física, confirmamos que a escola dispõe de uma boa estrutura de materiais: tatames, colchonetes, jogos pedagógicos como xadrez, dama, batalha naval, imagem e ação, bolas (de basquete, futebol, voleibol, handebol, ginástica, queimada), instrumentos de capoeira (atabaque, berimbau, pandeiro, agogô, afoxé, caxixis), slackline, bola de pilates, materiais de atletismo como pesos e dardos, além de cordas e bambolês. Segundo o Coletivo de Autores (2009, p. 63) um aspecto relevante para a escolha de um conteúdo é a realidade material da escola, pois para uma apropriação adequada do conhecimento, pressupõe-se que a Educação Física conte com instrumentos teóricos e práticos para assimilação de algumas habilidades corporais.

Ao diagnosticar a boa estrutura em materiais, destacamos a ação prática e política dos professores no desenvolvimento de trabalhos diretos e diversificados em relação aos temas da cultura corporal, o que lhes permite a reivindicação da estrutura adequada para o seu trabalho. Assim, em cada turno da escola, há um professor de Educação Física que atende todas as turmas e que procura alinhar seu trabalho de forma direta e diversificada em relação aos conteúdos da disciplina, o

²⁴ Em 2019 a escola completou 15 anos de existência, já que foi inaugurada em 13 de dezembro de 2004. A professora Dalísia Doles, já falecida no ano de 2000, foi homenageada e lembrada por seu empenho frente à educação municipal na festa cultural da escola que contou com a presença de ex diretores, professores e alunos, além de pessoas ligadas ao círculo familiar da professora Dalísia.

²⁵ Período em que será desenvolvida a pesquisa.

²⁶ A Rede Municipal de Ensino de Goiânia até o ano de 2019 estava organizada em 3 ciclos assim divididos: Ciclo 1 (1º, 2º e 3º Ano), Ciclo 2 (4º, 5º e 6º Ano) e Ciclo 3 (7º, 8º e 9º Ano).

que constituiu nestes últimos anos, um importante argumento para requerer materiais para suas aulas.

Para continuidade do estudo exploratório nesta etapa da pesquisa, ressaltamos a importância do diálogo junto à direção da escola e da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia (SME). Os termos de anuência referendadas por ambas, nos permitiu transitar e dialogar pelo campo de pesquisa.

Ao apresentar a proposta para os alunos, em uma das aulas de Educação Física no início do ano, verificamos uma boa receptividade em relação a ideia do trabalho de pesquisa. Isso nos levou à compreensão de que não haveria resistência por partes destes sujeitos na proposta de pesquisa. Destaca-se aqui, que na pesquisa-ação, este fato é um importante aspecto para poder,

[...] detectar apoios e resistências, convergências e divergências, posições otimistas e céticas etc. Com o balanço destes aspectos, o estudo de viabilidade permite aos pesquisadores tomarem a decisão e aceitarem o desafio da pesquisa sem criar falsas expectativas. Além do mais, é necessário conceber o lançamento da pesquisa com a habilidade necessária para sua aceitação por parte dos interessados [...]. Uma vez resolvidos esses problemas - o que não é fácil - a pesquisa poderá começar. (THIOLLENT, 2009, p. 52).

Seguindo os trâmites legais para pesquisa com seres humanos, encaminhamos o processo para avaliação no Comitê de Ética da UFG, o qual foi aprovado com o número de autorização CAAE 10398019.3.0000.5083.

Demos início na pesquisa no final do mês de março. A primeira etapa consistiu em reafirmar aos alunos do 6º Ano o tema da pesquisa, as práticas corporais de aventura que seriam trabalhados no segundo trimestre. Foi nesta fase que entregamos os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para os pais e alunos darem o seu aval. Todos os sujeitos da pesquisa, 26 alunos no total, assentiram em participar da pesquisa, disponibilizando de sua imagem e voz para coleta de dados, assim como seus pais, que também apoiaram e deram o consentimento para seus/suas filho(a)s participarem desta pesquisa.

A fase seguinte, consistiu em aplicar o questionário para coletar dados socioeconômicos e também para diagnosticar o nível de conhecimentos que os alunos tinham sobre as práticas corporais de aventura. Para Thiollent (2019, p. 71) o questionário na pesquisa-ação não é suficiente em si mesmo, mas acaba trazendo

informações sobre o universo pesquisado para serem discutidas e analisadas em reuniões e seminários. Desta forma, a aplicação do questionário nos serviu para coletar e identificar informações relevantes que nos foram úteis para direcionar a organização do trabalho pedagógico das etapas seguintes, principalmente para o seminário.

A aplicação deste questionário se deu em um dia da semana, no período normal da aula de Educação Física e contou com a participação dos 26 alunos. Após esta etapa da aplicação do questionário, iniciamos o processo de tabulação dos dados coletados. Ela foi importante para analisar e diagnosticar os sujeitos, seus conhecimentos e as expectativas, com vistas a organizar as diretrizes para a implementação do seminário da pesquisa-ação e também do plano de ação a ser desenvolvido.

A tabulação dos dados nos revelou em relação aos aspectos socioeconômicos, que a maioria da turma do 6º ano é do sexo feminino (17) enquanto (09) são do sexo masculino. Sobre o estado de origem dos alunos (Questão 1), obteve-se que a maioria da turma é de Goiás (19), seguidos por Pará (02), Distrito Federal (01), Mato Grosso (01), Pernambuco (01), São Paulo (01) e Estados Unidos (01) e que destes (Questão 02), 14 moram longe da escola enquanto 12 dizem morar perto de onde estudam.

Em relação ao tempo em que moram na região onde estudam (Questão 03) observou-se que dos 12 alunos que dizem morar perto da escola, 05 moram há mais de 6 anos enquanto 07 moram há menos de 6 anos. Sobre o tempo que estudam na escola (Questão 04) verificamos que apenas 7 pessoas estudam na escola há menos de um ano em relação aos outros 19 que já se encontram presentes há mais de um ano na instituição.

Os dados demonstraram também que a maioria dos alunos (Questão 5) vem de carro para a escola (14), enquanto 06 vem a pé, 02 de bicicleta, 01 de carro ou moto, 01 de transporte escolar e outros 02 de carro ou a pé. Sobre quem os acompanha para a escola (Questão 06), verificou-se que 08 alunos são acompanhados da mãe, 06 pelo pai, 06 deslocam-se sozinhos, 02 pela mãe e pelo pai, seguidos por avô (01), amigos (01), vizinho (01) e irmã (01).

O questionário nos permitiu verificar sobre quem costuma se alimentar antes de vir para escola (Questão 07). 13 alunos relaram lanchar antes de vir para escola enquanto outros 13 disseram não se alimentar. Ao serem questionados sobre o

porquê de não lanchar, os mesmos responderam: por causa da falta de tempo, atraso e/ou não ter fome.

Estes dados apresentados nos permitem relacionar com os dados gerais presentes no PPP da escola, onde através de uma análise dos dados socioeconômicos presentes na ficha de matrícula conclui que "[...] a maioria das famílias são desfavorecidas economicamente, mas uma minoria nem tanto." (Secretaria Municipal de Educação, 2019, p. 12). Este relato continua quando também afirma que,

No aspecto econômico não há casos de extrema pobreza, boa quantidade [...] 83% respondeu que tem uma renda familiar mensal superior ao salário mínimo e apenas 13% recebem o salário mínimo. As famílias das crianças responderam que têm costume de levá-las a festas, cinema, teatros e fazer viagens. (IDEM, p. 12)

Constatamos que boa parte dos sujeitos desta pesquisa é proveniente do estado de Goiás e que quase a metade diz morar perto da região da escola. Isto não é um fator determinante, mas considerável contra a evasão escolar. Outro dado importante é que a maioria dos alunos vem de carro para a escola e também acompanhado dos pais, o que aponta um possível acompanhamento destes pais junto aos seus filhos .

Em relação aos dados que os alunos possuíam sobre as práticas corporais de aventura (Questão 08), verificamos que dos 26 alunos, 15 disseram nunca ter ouvido falar em práticas corporais de aventura, 10 que afirmaram sim e 01 aluno não respondeu. Ao descrever sobre o que seria uma PCA na opinião deles (Questão 09), 08 alunos não souberam descrever, 01 não respondeu e os outros nos disseram que no entendimento delas seriam andar de carrinho de rolimã, patinete, exercitar o corpo, fazer piruetas, pular corda, movimentar o corpo, são atividades que estimulam a confiança, equilíbrio e segurança, artes circenses, usar o corpo para aventura, esportes de sobrevivência.

Ao diagnosticar as atividades presentes na cultura corporal que os alunos realizavam fora do ambiente escolar (Questão 10), 22 disseram praticar atividades fora do ambiente escolar e 04 disseram não realizar nenhum tipo de atividade fora deste ambiente. Este diagnóstico também nos permitiu verificar que as atividades que eles realizam fora da escola são: Esporte (08) que relataram esportes como futebol, basquete, tênis, skate, atletismo e natação; Dança (06); Ginástica (02);

Jogos e Brincadeiras (02) e 01 aluno diz fazer Lutas. Outros 03 marcaram mais de uma opção, relatando participar de atividades como esportes, dança, ginástica, e jogos e brincadeiras.

Aos que responderam não praticar nenhuma atividade, perguntamos qual seria o motivo de não realizarem atividades fora da escola (Questão 11) e as respostas foram: porque não se interessava, não gostava muito e os pais não podiam levar por conta do trabalho, por não ter o costume e por não conhecer.

Em relação ao que os alunos achavam das aulas de Educação Física (Questão 12) dos 26 alunos, 25 alunos fizeram afirmações positivas ao expressar palavras como boa, legal, interessante, 01 aluno respondeu não saber.

A questão seguinte (Questão 13) nos apontou um dado interessante. Ao ser questionado sobre quais conteúdos da cultura corporal os alunos ainda não haviam aprendido nas aulas de Educação Física em anos anteriores, 14 alunos responderam não ter aprendido as Práticas Corporais de Aventura enquanto 12 deixaram esta opção em branco. Em relação a esta questão podemos inferir ou que estes alunos já tiveram aulas com o tema das Práticas Corporais de Aventura na escola ou de fato se confundiram com a questão deixando de marcá-la. Em comparação com as questões posteriores, de fato, confirma-se que eles não tiveram a oportunidade de ver este conteúdo na escola.

Ao perguntar sobre quais conteúdos da cultura corporal eles gostariam de aprender na escola (Questão 14), 20 alunos marcaram as Práticas Corporais de Aventura enquanto 06 não marcaram esta opção. Ao questionar o porquê do sim e do não (Questão 15), os motivos foram diversos. As alegações em relação ao não foram por que no ano de 2019²⁷ já iriam aprender, porque não se sentiam à vontade, porque ainda não havia aprendido em ocasiões anteriores. Outros foram mais positivos em afirmar que achavam interessante, que estariam aprendendo coisas novas, que nunca haviam aprendido e que parecia ser uma aula legal.

Em relação às questões sobre as sensações diante do risco e do perigo de certas atividades (Questão 16), dividimos as respostas dos alunos em 3 grupos. O primeiro grupo, ao qual denominaremos de 'otimistas' (13 alunos), em relação à sensação de risco e perigo relataram se sentir animados, felizes, de bem, interessados, com coragem e acharem legal e incrível a experiência diante da

²⁷ Os conteúdos sempre são apresentados no começo do ano letivo para os alunos pelo professor, de forma que eles saibam o que vão aprender no decorrer do ano.

participação nestas atividades. O segundo grupo, os 'neutros' apresentou medo mas ao mesmo tempo abertos para este conteúdo. Um grupo de 04 alunos relatou se sentir com medo mas que não fazia objeção em participar da aula, já que seria importante para ganhar confiança e que se sentiriam felizes mas ao mesmo tempo com medo. O terceiro grupo, os 'receosos' (09 alunos) relataram se sentir com medo, inseguros, nervosos e ansiosos diante de tal situação.

Em relação à compreensão que eles possuem sobre riscos e perigos (Questão 17) verificamos que para eles, está ligado às coisas ruins como se machucar, fraturar, acidentar ou morrer, de algo que você precise de ajuda. Ao mesmo tempo percebemos que para outros alunos o entendimento que eles têm sobre riscos e perigos está ligado a um aspecto positivo como enfrentar vários obstáculos e desafios, se aventurar, escalar lugares altos e como situações importantes para o aprendizado.

Ao questionar sobre a possibilidade de aprender as Práticas Corporais de Aventura na escola (Questão 18), 25 alunos responderam ser possível enquanto 01 deixou a questão sem responder.

Ao perguntar aos alunos se eles conheciam alguma prática corporal de aventura (Questão 19), 22 disseram não conhecer nenhuma PCA enquanto 04 afirmaram conhecer. No entanto, ao questionar qual prática eles conheciam, observamos alguns equívocos como relacionar as PCAs com dança, ginástica, artes circenses e atividades de equilíbrio.

Em relação aos sentimentos e emoções que o corpo sente diante de uma situação de aventura (Questão 20) alguns alunos explicitaram somente sentimentos e emoções positivas (13 alunos), outros positivas e negativas (07 alunos) e um grupo que somente citou sensações negativas (04 alunos), enquanto outros 02 não responderam. Entre as sensações positivas encontramos expressões como feliz, alegria, emoção, empolgação juntamente com a palavra adrenalina. O segundo grupo expressou palavras como alegria, ansiedade, adrenalina, insegurança, coragem, felicidade, nervosismo, medo e alguns relatos que sentiriam uma mistura destas emoções. O terceiro grupo nos apresentou as expressões nervosismo, insegurança, medo e ansiedade.

A última questão se refere à forma que os alunos se consideram em relação ao seu comportamento diante dos desafios. Nesta questão 19 alunos acreditam

serem confiantes e corajosos, 04 alunos relataram não serem nem confiantes e nem medrosos e 03 alunos disseram se considerarem pessoas inseguras.

Entre as várias questões acima relatadas, destacamos a importância dos seguintes dados: 15 alunos nunca ouviram falar de práticas corporais de aventura ou de esportes de aventura; 22, dos 26 alunos, não sabem mencionar o nome de nenhuma prática corporal de aventura e entre os que disseram conhecer, verificou-se respostas como dança, artes circenses, equilíbrio e ginástica, indicando certa confusão conceitual. Por meio destes dados podemos considerar que os conhecimentos dos alunos sobre as práticas corporais de aventura ainda se encontram em uma fase sincrética, confusa e desarticulada conceitualmente. Por não terem a oportunidade de acesso a este conhecimento em anos anteriores²⁸, podemos considerar que eles ainda se encontram - em relação a este conteúdo - na fase de organização da identidade dos dados da realidade (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 36). Este dado, nos aponta importante fato a ser debatido no seminário de pesquisa-ação com os alunos.

Ao verificar a forma que eles se sentiriam em participar de atividades que envolvessem riscos, percebemos que há uma expectativa muito boa para 13 deles, enquanto 04 acham que, apesar do receio, podem se desenvolver em relação a estas emoções; apenas 09 demonstraram medo e insegurança diante da situação de riscos. A partir deste dado é importante a intervenção e mediação do professor, já que uma parcela significativa ainda possui receios quanto a este conteúdo. Estimular a coragem, assim como alertar sobre os possíveis riscos e cuidados com as atividades a serem realizadas, nos permite compreender a importância dos objetivos da aula e da mediação do processo de conhecimento pelo professor.

Claramente quando falamos em práticas corporais de aventura nos remetemos a alguns determinantes dessas práticas como, a questão da adrenalina, do risco, do medo e outros; desta forma ao realizar essas práticas na escola precisamos estar atentos a como os alunos estão realizando-as, pois são atividades que envolvem risco e se executadas de maneira imprópria podem causar lesões. Entretanto, não é por estes riscos que devam ser evitadas; basta realizarmos com os alunos uma conscientização para que os mesmos entendam o que estão fazendo e a importância da execução correta dessas atividades. (SOUZA, 2014, p. 63)

²⁸ O número de alunos que relataram no questionário que não haviam aprendido as PCAs na escola foi de 14. No entanto, inferimos pelas conversas durante o seminário e nas aulas, além de outras questões que, possivelmente ninguém havia tido esta experiência anteriormente.

Outro ponto importante a ser ressaltado nesta etapa de tabulação é a disposição dos sujeitos em conhecer e aprender as PCAs. Dos 26 alunos, 20 apontaram o interesse em aprender este conteúdo nas aulas de Educação Física. Apesar dos outros 06 não colocarem seu interesse na resposta, observamos que dois não marcaram esta opção por já saber que iam aprender este conteúdo na escola, outros dois não opinaram sobre o porquê e outros dois apontaram, conforme respostas suas, que "não se sentia à vontade" e "porque não havia aprendido", o que nos remete a inferir que estes alunos tenham se confundido em seus argumentos.

Diante de tais diagnósticos podemos considerar que,

[...] após o levantamento de todas as informações iniciais, os pesquisadores e participantes estabelecem os principais objetivos da pesquisa. Os objetivos dizem respeito aos problemas considerados como prioritários, ao campo de observação, aos atores e ao tipo de ação que estarão focalizados no processo de investigação. (THIOLLENT, 2009, p. 54).

Para concluir, em relação as expectativas dos sujeitos sobre o tema de pesquisa, 25 alunos consideram possível o ensino das PCAs na escola, fator este determinante para prosseguirmos com as próximas etapas de organização da pesquisa.

2.3 - O tema da pesquisa e a colocação dos problemas.

A segunda etapa da pesquisa, consiste na formulação do problema a ser resolvido.

O fato de escolhermos o tema do ensino das Práticas Corporais de Aventura na escola para esta pesquisa, leva em consideração a sua relevância em ampliar a espiralidade de conhecimentos da cultura corporal dos nossos alunos. A sua inclusão no currículo escolar nas aulas de Educação Física, nos permite compreender sua relevância no trato com o conhecimento mais elaborado e sistematizado da produção histórica e corporal da humanidade, trazendo contribuições significativas para formação dos sujeitos.

A escolha de um conteúdo para as aulas de Educação Física, também leva em consideração alguns aspectos importantes. Para o Coletivo de Autores (2009, p. 32-33) a escolha de um conteúdo implica colocar em destaque alguns aspectos: a

sua relevância social para a reflexão pedagógica na escola; o seu caráter contemporâneo, ou seja, o que há de mais moderno sobre o tema e também necessita estar adequado às possibilidades sociocognoscitivas dos alunos, permitindo que eles aprendam simultaneamente os dados de sua realidade. Aliado a isto, outros dois princípios são destacados como o da espiralidade da incorporação das referências do pensamento de forma a ampliá-lo e também o de provisoriedade do conhecimento, que rompe com a idéia de terminalidade. Desta forma, entende-se que as PCAs como conhecimento pertencente ao rol de conteúdos da cultura corporal, se constitui como importante prática que pode contribuir significativamente no desenvolvimento dos princípios norteadores para a seleção de um conteúdo a ser ensinado.

Destacamos também para a escolha do tema, a sua inclusão na BNCC no ano de 2017. O documento aponta que as PCAs deverão ser inseridas na escola a partir do 6º ano do ensino fundamental e para isto, deve-se levar em conta a sua função social e também as suas condições materiais e estruturais para que haja o aprendizado. Desta forma,

Ressalta-se que as práticas corporais na escola devem ser reconstruídas com base em sua função social e suas possibilidades materiais. Isso significa dizer que as mesmas podem ser transformadas no interior da escola. Por exemplo, as práticas corporais de aventura devem ser adaptadas às condições da escola, ocorrendo de maneira simulada, tornando-se como referência o cenário de cada contexto escolar. (BRASIL, 2017, p. 217).

Apesar da importância da inserção deste conteúdo nos documentos oficiais, compreendemos que para uma melhor organização do trabalho pedagógico nas aulas de Educação Física, é preciso que os professores tenham condições adequadas para que de fato isto ocorra. Neste caso é imprescindível a estrutura de espaços e materiais assim como a formação adequada para se ensinar este tema. No entanto, sabemos que nem sempre são as condições que encontramos diante das situações.

Em estudo realizado por Darido e Tahara (2016), os autores nos trazem alguns apontamentos e reflexões sobre as dificuldades que os professores podem enfrentar no ensino deste conteúdo. Para eles,

É bem verdade que se fomos analisar atentamente as condições física e materiais da maioria das escolas públicas brasileiras, torna-se (quase) provável que tais condições não sejam as mais satisfatórias possíveis. E pensando-se no caso das PCA, as quais necessitam de forma verídica de equipamentos sofisticados e locais muitas vezes específicos para a prática, como fazer isso em escolas sem tantas condições adequadas e que permitam a vivência? (IDEM, p. 126)

Além dos instrumentos e materiais para aulas, outro motivo apontado pelos professores tem sido a falta de experiência em relação ao conteúdo conforme aponta estudos de Inácio et al (2016, p. 181). De fato, esta questão da formação e da experiência impede que muitos professores se arrisquem a enfrentar e incluir o temas das PCAs em suas aulas. No entanto, "aceitar esta situação e "cruzar os braços" pode não ser a atitude mais correta dos professores a ser tomada." (DARIDO E TAHARA, 2016, p. 126).

Como eixo central de nosso estudo, pretendemos desenvolver uma pesquisa-ação onde o problema consiste justamente em responder como o ensino das práticas corporais de aventura podem ocorrer nas aulas de Educação Física sob à luz da metodologia²⁹ crítico superadora. Além disto, quais recursos didáticos, ferramentas, estruturas, espaços e materiais seriam necessários para isto?

Desta forma, na pesquisa-ação "a colocação dos problemas trata-se de definir uma problemática na qual o tema escolhido adquira sentido"(THIOLLENT, 2009, p. 57). Diante das preocupações dos professores de Educação Física de como incluir e ensinar as PCAs em suas aulas, nos propomos a pesquisar, sob o olhar da metodologia crítico superadora, o ensino das PCAs na escola.

Outro fator importante a se considerar na metodologia de pesquisa-ação é que "os problemas colocados são inicialmente de ordem prática. Trata-se de procurar soluções para se chegar a alcançar um objetivo ou realizar uma possível transformação dentro da situação observada." (IDEM, p. 58). Mesmo com a definição do problema de pesquisa, compreendemos que este será compartilhado com os sujeitos participantes afim de que através das discussões e do diálogo possamos coletivamente construir e direcionar as soluções do problema em si.

2.4 - O lugar da teoria e das hipóteses.

²⁹ A escolha pela metodologia crítico superadora foi justificada no capítulo 1.1 deste trabalho com o título de: "Na contramão da história: por uma Educação Física crítica e superadora."

Sob o olhar das metodologias de pesquisa social, a pesquisa-ação é frequentemente vista por sua concepção empirista, onde transparece que o campo teórico não é relevante, bastando o bom senso dos pesquisadores.

No entanto, esta ideia não fundamenta o real sentido que a teoria tem na pesquisa-ação, já que neste tipo de pesquisa ela "consiste em gerar idéias hipóteses ou diretrizes para orientar a pesquisa e as interpretações." (THIOLLENT, 2009, p. 60).

A partir deste pensamento, admitimos que o lugar da teoria tem sua importância para direcionar os rumos de uma pesquisa. Em si tratando do estudo que pretendemos desenvolver neste trabalho, buscamos na metodologia da pesquisa-ação a primeira aproximação com o campo teórico em termos de metodologias de pesquisa. Ressaltamos que a busca por esta metodologia implica para "além dos aspectos referentes à pesquisa propriamente dita, envolve também a ação dos pesquisadores e dos grupos interessados, o que ocorre nos mais diversos momentos da pesquisa" (GIL, 2010, p. 51).

A relação de uma pesquisa deste caráter, visa no campo da educação, uma aproximação com teorias progressistas de ensino, onde o sujeito participante também se inclua em seu processo de ensino aprendizagem. Por estarmos situados na área da Educação Física, o diálogo no campo teórico será por meio da teoria crítica superadora, já que consideramos uma proximidade de ideias entre os dois campos. Mesmo que os sujeitos não tenham o conhecimento geral sobre os princípios desta teoria, que versa como objeto de estudo a cultura corporal, sua importância se dá por ela considerar que "o estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem" (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 62).

Esta direção dada por esta teoria, nos orienta a buscar metodologias de ensino que rompam com o paradigma da aptidão física e também com a relação em que o professor é o transmissor do conhecimento. Ela nos direciona a entender que a construção destes temas é histórica e está em permanente transformação, sendo o professor um mediador do conhecimento sistematizado com o conhecimento que os alunos trazem consigo.

Outro aspecto a ser considerado é que aos poucos os sujeitos vão tomando consciência das principais diretrizes do estudo e da pesquisa. Para isto, é importante

que no plano da organização, saibamos nos utilizar de uma linguagem acessível para que eles entendam. Desta forma,

[...] os pesquisadores devem ficar atentos para que a discussão teórica não desestimule e não afete os participantes que não dispõem de uma formação teórica. Certos elementos teóricos deverão ser adaptados e "traduzidos" em linguagem comum para permitir um certo nível de compreensão. (THIOLLENT, 2009, p. 60)

Neste caso, para efeitos desta pesquisa, foi apresentado em uma etapa posterior para os sujeitos envolvidos no trabalho, o que seria uma pesquisa-ação. Destaca-se que todo este processo foi reforçado durante o plano de ação desenvolvido, se utilizando de uma linguagem apropriada e também de constante diálogos com os interessados.

Em relação às hipóteses, optamos por não considerá-las em nosso estudo apesar de sua importância.

A hipótese desempenha um importante papel na organização da pesquisa: a partir da sua formulação, o pesquisador identifica as informações necessárias, evita a dispersão, focaliza determinados segmentos do campo de observação, seleciona os dados e etc. (THIOLLENT, 2009, p. 61)

Apesar dos argumentos defendidos pelo autor, suas justificativas nos levam a compreender que os seus apontamentos sobre o direcionamento da pesquisa, já se encontram inseridos nos objetivos gerais e específicos deste trabalho. O mesmo ocorre quando o autor defende a importância das hipóteses como diretriz. Ao considerar o lugar da teoria, apontamos que a mesma nos ampara em determinar esta diretriz para o trabalho, o que pode nos levar alcançar os objetivos pretendidos.

Desta forma, ao não estipular hipóteses para esta etapa, prosseguimos para a próxima fase da pesquisa, ao qual consideramos como ponto fundamental para o desenvolvimento do plano de ação e do produto final deste trabalho.

2.5 - Seminário de pesquisa-ação.

Em uma pesquisa-ação, a etapa da construção do seminário central é fundamental para o seguimento da pesquisa, pois é nela que,

[...] reúne-se os principais membros da equipe de pesquisadores e membros significativos dos grupos implicados no problema sob observação. O papel do seminário consiste em examinar, discutir e tomar decisões acerca do processo de investigação. (THIOLLENT, 2009, P. 63).

Além disto, é no seminário que recolhe-se as propostas dos participantes e "de sua discussão e aprovação é que são elaboradas as diretrizes de pesquisa e de ação" (GIL, 2009, p. 153).

Em relação às principais tarefas dentro de um seminário, Thiollent (2009) elenca algumas que considera como sendo as principais. São elas à de coordenar atividades, centralizar as informações provenientes dos participantes, elaborar as interpretações, buscar soluções e definir diretrizes de ação, fazendo sua divulgação pelos canais apropriados.

A partir desta compreensão, em 25/04/2019 demos início ao processo de realização do seminário de pesquisa-ação na escola. Para esta etapa, nos organizamos em dois momentos distintos. O primeiro para apresentação dos dados obtidos através do questionário e o segundo para realização do diálogo inicial que estabeleceria o processo de coleta de dados para o plano de ação desta pesquisa. Neste dia³⁰ contamos com a presença de 18 alunos, do professor regente e do orientador desta pesquisa.

Estabelecemos como técnica para coleta de dados no seminário, os diário de campo, que foram realizados pelo próprio professor, através de registros por escrito e também de registros fotográficos realizados pelo orientador da pesquisa.

A primeira parte desta aula foi realizada em sala e com o recurso do data show, onde apresentamos o tema da pesquisa e os resultados obtidos do questionário (Figura 1). Através do software PPT® chamado comumente 'power point', relatamos aos alunos os pontos já citados no item 2.1 desta pesquisa, que nos revelaram os dados socioeconômicos e dos conhecimentos que os mesmos possuem sobre as práticas corporais de aventura.

³⁰ Para esta etapa, início da pesquisa, foram necessárias duas aulas, com duração de 2 horas no geral. A professora regente da turma nos cedeu sua aula para que fosse realizado o que havíamos planejado.

Figura 1 - Apresentação dos dados do primeiro questionário.



Fonte: Humberto Inácio

A segunda³¹ parte da aula, consistiu em realizar o seminário. Esta aula ocorreu no pátio coberto da escola (FIGURA 2). Foi nesta fase que reforçamos o caráter colaborativo de uma pesquisa-ação, onde os sujeitos teriam o compromisso na construção de propostas e na resolução dos problemas provenientes da pesquisa.

Figura 2 - Realização do seminário de pesquisa.



Fonte: Humberto Inácio

O diálogo inicial foi estabelecido através do problema geral da pesquisa: Como o ensino das práticas corporais de aventura podem ocorrer nas aulas de Educação Física³²? Quais recursos didáticos, ferramentas, estruturas, espaços e materiais são necessários para que isto aconteça?

³¹ Este momento foi realizado no pátio coberto da escola, após o sinal do fim do recreio e com os alunos sentados em cadeiras dispostos em círculos.

³² Não compartilhamos neste seminário a idéia do olhar da metodologia crítico-superadora que está inserido no problema de pesquisa. Consideramos que trata-se de uma questão específica no campo

Ao dar início à fase inicial do seminário, lembramos que pelos dados obtidos no questionário (Questão 19), identificamos que a maioria dos alunos (22) não souberam dizer o nome de nenhuma PCA. Os outros (04) demonstraram uma visão sincrética e confusa do que seria uma PCA. Diante disto, vimos a necessidade inicial de construir algumas aulas onde houvesse espaço e tempo pedagógico para desenvolver o conceito e as principais informações que envolvem o tema.

Outro ponto discutido, foi quais PCAs poderiam ser realizadas dentro do espaço escolar nas aulas de Educação Física. Ao abrir o espaço para os alunos falarem e colocarem suas idéias, registramos como sugestões as seguintes atividades: skate, patins, patinete, carrinho de rolimã, brincadeiras com papelão e também com bicicleta. Foi sugerido por um aluno a inserção do conteúdo do Parkour, o que gerou um debate sobre o que seria. De forma generalista, os alunos compreendiam como uma prática de escalar, saltar e subir em muros e paredes.

À medida que a conversa ia fluindo, percebemos que as práticas que os alunos estavam sugerindo referiam-se ao elemento terra. Ao serem instigados a pensarem em quais outros ambientes estas PCAs aconteciam, conseguimos diante da problematização das perguntas, chegar à compreensão que elas podem ocorrer na terra, na água e no ar. Nesta fase, os alunos começaram a dar exemplos de nomes de PCAs que acontecem nestes ambientes da natureza, citando práticas como escalada, asa delta, paraquedas, submarino, surf, motocross e etc. Um aluno mencionou que viu em um parque próximo da região, algumas pessoas que andavam sobre uma corda bamba. Apresentamos o slackline como o nome do equipamento utilizado para realizar aquela atividade. Logo houve a indicação da mesma como uma possibilidade de aprendizado em nossas aulas.

Ao questionar os alunos sobre as PCAs de água e ar que poderiam ser desenvolvidas na escola, uma aluna relatou que em outra escola ela havia experimentado uma brincadeira que se utilizava de uma lona com água para escorregar. Um aluno lembrou do futebol de sabão, enquanto outra aluna fez referências à uma brincadeira de deslizar com papelão no pátio da escola. Mesmo que os exemplos citados não sejam PCAs sistematizadas em si, consideramos que as ideias nos trazem algumas possibilidades de adaptação para experimentação na escola.

Não tivemos tempo no seminário para pensar uma PCA no elemento ar na escola. No entanto, após o início do plano de ação, este tema voltou à tona e foi pensado em conversas com os alunos.

Em termos gerais, podemos considerar que o seminário com os alunos nos trouxe elementos importantes para a fase posterior da pesquisa, que seria o plano de ação.

Sistematizando todos estes elementos obtidos pelo seminário inicial, chegamos ao entendimento que as atividades para serem desenvolvidas nas aulas de Educação Física, necessitariam de uma apresentação inicial do conteúdo e suas conceituações. Também foi possível verificar pelas falas dos alunos, que atividades como skate, patins, patinete, bicicleta,³³ parkour, slackline, a construção de um carrinho de rolimã, atividades de deslizar sobre papelões ou em lonas com água, seriam possibilidades de ensino em nossas aulas.

A partir dos dados obtidos através do seminário, tivemos a possibilidade de interpretar e centralizar as informações. Através desta etapa, nos foi possível definir as diretrizes de trabalho, planejando e elaborando o plano de ação que seria executado na próxima etapa da pesquisa.

2.6 - Coleta e análise de dados na pesquisa-ação.

A coleta de dados em uma pesquisa-ação pode ser obtida através de diversos instrumentos e técnicas. Gil (2010, p. 153) apresenta que as principais e mais utilizadas são a entrevista aplicada coletiva ou individualmente.

Thiollent (2009, p. 69) reporta que alguns pesquisadores também costumam se utilizar de técnicas antropológicas. O autor destaca a observação participante, os diários de campo, o sócio drama e também a história de vida como instrumentos para obtenção de dados em uma pesquisa. Menciona ainda a importância do questionário convencional como aplicável em maior escala de participantes.

Para fins desta pesquisa, utilizamos como instrumento de coleta de dados - entre outros, o questionário. Apesar do autor ressaltar que em pequenos grupos ele não seja aplicável, por considerar que as discussões nos permite uma melhor

³³ Ao perguntar sobre a possibilidade de inserir estas práticas, fizemos um mapeamento de quantos alunos possuíam este material para as aulas e se era possível a liberação dos pais para trazerem para a escola. Foram identificados naquele momento 10 patins, 04 skates, 01 patinete e 07 bicicletas.

estruturação para se obter as informações de modo coletivo, o que não está descartado em nosso trabalho, faremos uso deste instrumento por achar que ele nos trará importantes informações para a realização do seminário de pesquisa e também para direcionar os rumos das discussões.

Apesar de não ser suficiente em si mesmo, "ele traz informações sobre o universo considerado que serão analisadas e discutidas em reuniões e seminários com a participação de pessoas representativas" (IDEM, p. 71). De certa forma, a utilização do questionário, nos permitiu o conhecimento dos sujeitos onde colaborou para a organização das etapas seguintes da pesquisa.

Outro instrumento utilizado foi a observação participante com dados registrados em um diário de campo. Por se tratar de uma pesquisa de caráter participativo, que estabelece uma aproximação entre pesquisador e os sujeitos, este instrumento foi de grande relevância já que,

O trabalho de observação requer, como se constata, um pesquisador sensibilizado com os fatos ao seu redor, a fim de, ao registrá-los, expressar respeito. Essa ação, desse modo, se efetiva ao ser descrita no diário de campo. Esse exige um exercício constante de registro de informações, realizado por todos os participantes do estudo. O diário serve de memória dos principais acontecimentos ocorridos na escola, seja durante as aulas, nas reuniões de professores, nos conselhos de classe ou nos encontros do grupo de pesquisa. (SCHERER, 2010, p. 76).

O registro do diário de campo da nossa pesquisa foi realizado através da captação de áudio, imagem e vídeo das aulas, que posteriormente foram transcritos/digitados em forma de relatórios das falas dos alunos e de nossas próprias observações do que havia ocorrido nas aulas. Estes instrumentos e técnicas nos serviram para sistematizar ideias, construir diretrizes de discussão, além de elaborar o plano de ação para o produto final deste trabalho de pesquisa.

A parte de análise do material coletado dentro de uma pesquisa-ação, nos remete também a várias possibilidades. Segundo Gil (2019, p. 154) há pesquisas em que os procedimentos adotados são muito semelhantes ao da pesquisa clássica (categorização, codificação, tabulação, análise estatística). Também para o autor, há pesquisas que consideram a possibilidade de discussão em torno dos dados obtidos, de onde decorre a interpretação de seus resultados. A relação destes dados também pode ocorrer, como afirma em sua obra, com base apenas nos dados empíricos.

Optamos assim, por analisar os dados a partir da discussão com o referencial teórico sobre o tema, desenvolvendo sua relação com os dados obtidos através do seminário e dos debates ocorridos nas aulas propostas.

2.7 - Plano de ação.

A etapa do plano de ação concretiza-se como " o planejamento de uma ação destinada a enfrentar o problema que foi objeto de investigação". (GIL, 2010, p. 154).

Thiollent (2009, p. 75) ressalta que o plano de ação deve se concretizar em alguma ação planejada, objeto de análise, deliberação e avaliação.

A partir dos dados obtidos no seminário, consideramos que a próxima etapa consistia em organizar as propostas apresentadas pelos alunos para o aprendizado das PCAs na escola.

O primeiro passo desta ação foi a de organizar e planejar as aulas. Para isso, abdicamos do uso convencional do plano de aula, elegendo trabalhar com a proposta do "sequenciador de aulas" (apêndice G), sistematizando em formas de temas e objetivos as estratégias de ação para o desenvolvimento das aulas. Esta proposta de planejamento pedagógico, foi desenvolvida pelo Núcleo de Planejamento e Metodologias do Ensino da Cultura Corporal (NEPECC) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e,

Trata basicamente de uma tabela ou quadro onde são dispostos os objetivos e conteúdos a serem trabalhados [...]. Assim ele nos ajuda a organizar tempos pedagógicos e estratégias de ensino a serem utilizadas e ao mesmo tempo dá um panorama geral da disciplina. (SILVA et al, 2012, p. 162-163).

O planejamento nos permite uma melhor organização das aulas, de forma que os objetivos possam ser atingidos e ao mesmo tempo serem avaliados.

O sequenciador se configura como um instrumento de organização e planejamento por parte do professor, especialmente quando, pretende realizar uma melhor estruturação e direção de suas aulas. Destaca-se que, neste sentido, a aula se constitui como um "espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e

dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social" (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 86).

O sequenciador nos permitiu tanto visualizar quanto direcionar os objetivos e a organização dos espaços da aula. De acordo com a própria metodologia crítica superadora, estas aulas podem ter três fases que estabelecem relações entre si. A primeira seria o diálogo inicial com os alunos, expondo os objetivos e conteúdos para que eles busquem a melhor forma de organização das atividades. A segunda seria onde os alunos teriam mais tempo para apreensão do conhecimento enquanto na terceira fase se configuraria como a avaliação de tudo que foi realizado, ampliando perspectivas para as próximas aulas.

Pensando nestes critérios de estruturação das aulas, organizamos os sequenciadores de forma a garantir que o ensino das PCAs, estabelecesse nexos com estes três momentos, nos quais o aluno enquanto sujeito histórico, possua centralidade junto com o professor na compreensão do conhecimento sistematizado e produzido.

A construção destes sequenciadores acabou sendo realizada aula por aula, através da coleta de informações e da avaliação que foi realizada ao fim de cada momento. No que tange o ensino das PCAs, utilizamos seus princípios constituintes para elaborar os temas das aulas, tal como indicam Inácio et al (2016):

[...] propomos a [re]criação das PCAs, com os estudantes, a partir de seus 'Princípios Constituintes', a saber: meio no qual se realizam (terra, água, ar), direção de deslocamento (horizontal ou vertical), tipo de deslocamento (deslize, rodagem, escorregar etc.), com ou sem equipamento, em grupo ou individual, com ou sem a colaboração de colegas [...]. (IDEM, p. 175)

Conforme demonstra o quadro geral (Quadro 1), a organização das aulas ficou estruturada em seis temas. O primeiro tema teve como objetivo a apresentação das PCAs, envolvendo uma conversa com os alunos sobre o que seria aventura, apresentando atividades interativas com figuras e vídeos sobre seus princípios constituintes. Em seguida dividimos as aulas em outros quatro temas, que tiveram como referência o princípio constituinte *Tipo de Deslocamento*³⁴ (deslizamento, andar/correr, queda e rolamento). Concluímos a proposta do sequenciador com um

³⁴ Não desconsideramos os outros princípios, que também foram apresentados aos alunos nestas aulas. Em anotações feitas em aulas do mestrado, vimos que a classificação quanto ao tipo de deslocamento proposto por Inácio (2016) se dividia nas quatro categorias mencionadas no texto e que se tornaram os temas para os sequenciadores de aula.

tema deliberado no seminário, que optou pela confecção e elaboração de um carrinho de rolimã.

Toda esta etapa da construção dos sequenciadores foi discutida com os alunos ao final de cada aula. A partir dos encaminhamentos, procuramos organizar os sequenciadores, buscando atender e valorizar a participação e as contribuições de cada um.

Quadro 1 - Temas das Aulas.

TEMA	OBJETIVOS
1. Conhecendo as PCAs	Conhecer o significado da palavra aventura; Identificar e conhecer o que é uma PCA e seus princípios constituintes.
2. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento : <i>Deslizamento</i>	Experimentar e vivenciar brincadeiras que simulem situações de aventura por meio de deslizamento em superfícies secas e molhadas.
3. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: <i>Andar/Correr</i>	Conhecer e experimentar situações de aventura que envolva o deslocamento por meio de caminhar/andar ou correr.
4. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: <i>Rolamento</i>	Conhecer e experimentar situações de aventura em que prevaleça a utilização de equipamentos que possuem rodas e que possam se deslocar em rolamento.
5. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: <i>Queda</i>	Desenvolver e experimentar atividades que simulem o deslocamento em queda.
6. Construindo um carrinho de rolimã.	Pesquisar, planejar e desenvolver a construção de um carrinho de rolimã; Experimentar e vivenciar manobras e formas de deslocamento sobre o carrinho de rolimã.

Em termos de organização e sistematização do conhecimento, nos utilizamos dos cinco passos do método de ensino desenvolvido por Saviani (2009) no livro *Escola e Democracia*.

O primeiro passo deste método teria como eixo de partida a *prática social*, que compreende que os sujeitos envolvidos no processo de ensino (professor e aluno), se encontram em diferentes níveis de compreensão do conhecimento. Para o autor, os alunos teriam uma visão sincrética da realidade em relação ao professor, que traz em sua trajetória, o conhecimento e a experiência em forma de "síntese precária". Tal síntese, seria precária considerando que,

[...] por mais articulados que sejam os conhecimentos e as experiências, a inserção de sua própria prática pedagógica como uma dimensão da prática social envolve uma antecipação do que lhe será possível fazer com alunos cujos níveis de compreensão ele não pode conhecer, no ponto de partida, senão de forma precária. (SAVIANI, 2009, p. 63).

Por outro lado, o autor ressalta que a visão sincrética dos alunos implicaria, neste ponto de partida, de uma impossibilidade inicial de articulação da experiência pedagógica da prática social que participam.

O segundo passo, a *problematização*, teria como princípio geral a identificação dos principais desafios postos pela prática social. Nesta fase se estabeleceria as questões mais relevantes a serem solucionadas, além de ser necessário detectar o conhecimento necessário a se dominar.

O terceiro passo, a *instrumentalização*, tratar-se-ia "de apropriar dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social" (IBID, p. 64). Seria o resultado da apropriação pelos alunos das ferramentas culturais produzidas social e historicamente para se libertar da condição de exploração em que vivem.

O quarto passo, compreendido como *catarse*, seria a compreensão por meio de uma expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu. Podemos considerar que, esta fase é o ponto central do processo educativo. É nele que o aluno faz sua passagem da síncrese para a síntese do conhecimento, mediadas pelo trabalho educativo do professor.

O quinto passo é o próprio retorno à prática social como ponto de chegada. Nesta fase, segundo o próprio Saviani (2009), o aluno chegaria à síntese em que o professor se encontraria, ao mesmo tempo em que se reduziria a precariedade da síntese por parte do professor.

Outra característica importante da pesquisa, é a avaliação do processo de ensino-aprendizagem. Para fins de uma pesquisa ação ela se caracteriza como elemento fundamental no processo de construção e efetivação do trabalho. No entanto, corroboramos com a reflexão que aponta que

[...] a educação é uma construção social e está permeada por valores socialmente construídos, em especial os valores da sociedade capitalista, podendo estas características ser observadas muito bem no processo avaliativo, que em alguns momentos emerge no cotidiano escolar como meio de repressão, um modo de inibição do livre pensamento, como algo a ser negociado através da troca de boas condutas e da submissão do aluno

ao professor, detentor do poder de avaliar e quantificar o conhecimento. (SILVA et al, 2012, p. 161)

Estes aspectos apresentados acabam por inibir a participação dos alunos em seu processo de construção do conhecimento, tornando-os meros expectadores das ações do professor e da escola. Diferente destas práticas avaliativas, nosso objetivo, consiste em caminhar em oposição a este pensamento. Desta forma, buscamos desenvolver um processo avaliativo que possibilitasse

[...] "mobilizar plenamente a consciência dos alunos, seus saberes e suas capacidades cognitivas, habilidades e atitudes para enfrentar problemas e necessidades, buscando novas soluções para as relações consigo mesmo, com os outros e com a natureza, e que estas soluções criativamente encontradas sejam estendidas a outras situações semelhantes". (WAISELFISZ apud COLETIVO DE AUTORES. 2012, p. 102)

Neste modelo de avaliação, apresentado pela abordagem crítica superadora e denominada de práticas produtivo-criativas e reiterativas, busca-se o desenvolvimento de sujeitos que saibam identificar e superar seus conflitos cotidianos, através do esforço crítico e criativo. Mediados pelo professor, a avaliação do processo ensino-aprendizagem ao invés de quantificar, medir e punir através de instrumentos tradicionais, visa despertar no aluno sua plena consciência para interpretar e mesmo ressignificar sua prática.

Neste aspecto, podemos considerar que a avaliação utilizada na dinâmica desta pesquisa, se baseará numa perspectiva dialógica e comunicativa, tendo como finalidade a compreensão crítica da realidade que os alunos enfrentaram nas aulas.

Na pesquisa-ação, a comunicação e o diálogo se configuram como categoria central no desenvolvimento de tomada de decisões coletivas e também na avaliação onde,

Os "atores" sempre têm de gerar, utilizar informações e também orientar a ação, tomar decisões etc. Isto faz parte tanto da atividade planejada quanto da atividade cotidiana e não pode deixar de ser diretamente observado na pesquisa-ação. As ações investigadas envolvem produção e circulação de informação, elucidação e tomada de decisões, e outros aspectos supondo uma capacidade de aprendizagem dos participantes. Estes já possuem essa capacidade adquirida na atividade normal. Nas condições peculiares da pesquisa-ação, essa capacidade é aproveitada e enriquecida em função das exigências da ação em torno da qual se desenrola a investigação. (THIOLLENT, 2009, p. 72)

Este aspecto em termos gerais, nos permitiu avaliar e direcionar a ação dos objetivos da pesquisa, onde os participantes tiveram voz ativa no processo de tomada de decisões mediadas pelo professor. Desta forma, as decisões em conjunto representam "a possibilidade de expressar seus objetivos de ação e participar da avaliação coletiva dos mesmos" (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 102).

Em termos dos instrumentos avaliativos, destacamos que o seu uso é importante por utilizar "técnicas e procedimentos que, além de estimular e motivar os alunos, permitem coletar informações sobre seu desempenho" (IDEM, p. 106). O uso destes instrumentos nos permitiu avaliar o desenvolvimento dos alunos, onde eles próprios puderam ter o retorno de suas dificuldades e avanços em relação ao que está sendo aprendido.

Para isso, desenvolvemos três³⁵ fichas de aprendizagem sobre as PCAs que foram utilizadas nas aulas iniciais e que nos permitiram avaliar a compreensão dos alunos sobre o que estava sendo apresentado. Estes instrumentos nos ajudaram a repensar as lacunas existentes no processo de compreensão do conhecimento, de forma a assimilá-lo melhor, onde os erros e os insucessos não são fontes de punição ou castigo por parte do professor.

Outro fator que incide nas práticas avaliativas, e que aproxima a pesquisa-ação com a abordagem crítica superadora, são as decisões em conjunto que ressaltam a importância da comunicação e do diálogo com os alunos.

A consideração da perspectiva dialógica, comunicativa, interativa que permita aos envolvidos no processo de avaliação participarem dos rumos da mesma em diferentes instâncias e níveis de possibilidades, significando isso o decidir em conjunto, cada qual assumindo responsabilidades na perspectiva da avaliação participativa. Dentro do marco referencial estabelecido para a aula, o aluno deve ter a possibilidade de expressar seus objetivos de ação e participar da avaliação coletiva dos mesmos. (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 102)

Foi nesta perspectiva que construímos junto com os alunos o processo de seu conhecimento, ressaltando o saber que eles já possuíam em confronto com o que há de sistematizado sobre o tema. As decisões em conjunto foram uma forma

³⁵ A primeira ficha, denominada de conceitual, tratava de perguntar aos alunos o que seria aventura logo após a conversa inicial sobre o assunto. A segunda ficha, tratava de uma catalogação das classificações presentes nas PCAs como ambientes onde acontecem, tipos e sentidos de deslocamento e o conceito de PCAs. A terceira ficha constituiu-se de uma atividade em desenho que designava que o aluno fizesse uma figura de uma PCA em ambiente aquático, terrestre e aéreo.

de avaliação em que nos permitiu, nas diversas situações enfrentadas nas aulas de direcionar o planejamento das ações sobre o ensino das PCAs na escola.

A partir deste plano de ação foi possível partirmos para a próxima fase de execução das atividades propostas.

CAPÍTULO 3 - O PLANO DE AÇÃO E A SISTEMATIZAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NA ESCOLA.

O presente capítulo se configura como resultado da análise e síntese do processo de investigação do ensino das práticas corporais de aventura na escola. Sob o olhar da metodologia crítica superadora, os relatos aqui mencionados referem-se ao período que colocamos em execução o plano de ação construído coletivamente com os alunos a partir do seminário de pesquisa-ação.

Destacamos que o planejamento do trabalho pedagógico através da utilização dos sequenciadores de aula contribuiu significativamente para sistematização e organização da pesquisa. A relevância das atividades propostas, fruto da contribuição e diálogo com os alunos, também nos favoreceu para avançar no processo dialético da construção do conhecimento, despertando o interesse e a participação pelo que estava sendo discutido.

Diante da elaboração dos instrumentos ora mencionados, pensados e organizados através de princípios democráticos de participação, respaldados pela metodologia de pesquisa-ação e pela metodologia crítico-superadora, é que buscamos responder a problemática do nosso estudo: como o ensino das práticas corporais de aventura podem ocorrer nas aulas de Educação Física e quais recursos didáticos, ferramentas, estruturas, espaços e materiais são necessários para que isto ocorra?

A fim de obter tais respostas para o problema, iniciamos em maio de 2019 o desenvolvimento da sequência didático-pedagógica no campo de investigação. Entre os meses de maio a setembro nos debruçamos em coletar as informações que melhor se apresentassem para uma análise da viabilidade da implementação das PCAs na escola. Na oportunidade, materializamos a sequência pedagógica (apêndice A), ao longo de 18 aulas que ocorreram nas quartas e sextas feiras da semana, com duração de uma hora para cada aula.

A sequência didático-pedagógica elaborada para o ensino das PCAs na escola, foram distribuídas em 6 eixos temáticos que foram apresentados no Quadro 1 no capítulo 2 deste trabalho.

Destacamos aqui, que o sexto³⁶ tema foi debatido com os alunos e foi incluído nesta sequência didático-pedagógica como opção para trabalhar nas PCAs quanto ao tipo de deslocamento 'rolamento'.

O motivo desta inclusão extemporânea, foi a percepção dos sujeitos que o tempo pedagógico não seria suficiente para se apropriar de todas as atividades³⁷ sugeridas no seminário. Desta forma, resolvemos por meio de votação, optar por encerrar com a confecção e montagem de um carrinho de rolimã.

Considerando toda elaboração e desenvolvimento desta proposta pedagógica, iniciamos em 17/05/2019 o processo de aplicação e investigação do estudo, a fim de verificar a viabilidade do ensino das PCAs na escola.

Para a primeira aula, apresentamos o conteúdo do 2º trimestre e o que seria estudado. Ressaltamos a importância da participação dos alunos na pesquisa que estava se desenvolvendo e iniciamos a aula com o objetivo de conceituar o significado da palavra aventura. Foram organizados três grupos de alunos que receberam várias imagens impressas. Nelas havia situações do cotidiano (como ouvir música, falar ao celular, dormir, conversar e etc.) e situações que envolviam riscos (como skate, snowboard, surf, salto de paraquedas e etc.). Foi solicitado que eles separassem as imagens que tinham ligação com aventura das que não tinham. A partir destas duas categorias, iniciamos o debate (Figura 3) para compreender o significado da palavra aventura.

Ao final da aula, foi solicitado que eles registrassem o que entenderam sobre aventura em uma ficha conceitual (apêndice B).

Figura 3 - conversa com os alunos sobre o conceito de aventura.



Fonte: o autor.

³⁶ Apontamos que estas aulas podem ficar como suporte para os professores que em suas escolas não dispuserem de patins, patinete ou skates para às PCAs de rolamento.

³⁷ As outras atividades que foram sugeridas no seminário e que não tivemos tempo para realizar foram o parkour e a elaboração de um escorregador de lona com água para deslizar.

A aula 2 foi realizada no dia 22/05/2019 e teve como objetivo conceituar as PCAs e identificar suas categorias constituintes.

Apresentamos os objetivos iniciais para os alunos e logo nos dirigimos para uma área arborizada da escola (Figura 4). A dinâmica da aula se deu a partir do diálogo utilizando as imagens de PCAs utilizadas na aula anterior e de perguntas como: Quais são os quatro elementos da natureza? Quais são os tipos de deslocamentos e sentidos que percebemos a partir das imagens?

Entregamos as figuras de PCAs e solicitamos que os alunos separassem as figuras nos respectivos ambientes que elas aconteciam (terra, água e ar). Disponibilizamos três cartolinas com os nomes dos elementos da natureza e pedimos para que os alunos colocassem as imagens em seus respectivos ambientes. A partir desta ação, foi gerado o debate e compartilhadas as informações sobre o que seria uma PCA e quais são os elementos que constituem uma prática de aventura.

Ao final do tempo pedimos aos alunos que levassem para casa uma ficha de catalogação (apêndice C), para que trouxessem na próxima aula como forma de avaliação e sistematização do que foi discutido na aula.

Figura 4 - conversa sobre o ambiente, tipos e sentidos de deslocamento das PCAs



Fonte: o autor

A aula 3, realizada em 29/05/2019, consistiu em apresentar uma série de vídeos coletados da plataforma digital 'Youtube' sobre a diversidade de PCAs

existentes. Os apontamentos para esta aula foram de proporcionar uma melhor assimilação dos conceitos e categorias discutidas na aula anterior.

A aula foi realizada no laboratório de informática da escola (Figura 5) e a partir dos vídeos apresentados, problematizamos com os alunos as categorias de ambiente, tipos e sentidos de deslocamento. Com perguntas como: que ambiente esta PCA está acontecendo? Qual tipo de deslocamento? Qual sentido de deslocamento? Qual o nome desta PCA?, pudemos ampliar o diálogo com os alunos. Ao final da aula, disponibilizamos uma ficha de desenho (apêndice D) como forma de avaliação para que eles ilustrassem uma PCA realizada na terra, uma na água e outra no ar com seus respectivos nomes.

Figura 5 - apresentação dos vídeos sobre a diversificação das PCAs.



Fonte: o autor

As aulas de 4 a 6 foram pensadas para desenvolver o segundo tema da pesquisa. Estas aulas consistiram em realizar atividades e brincadeiras que tivessem como tipo de deslocamento o deslizamento.

Para a aula 4, realizada em 31/05/2019, apresentamos o tema do deslizamento e dialogamos sobre este tipo de deslocamento. Foi proposto que sugerissem algumas ideias de atividades que poderiam se assemelhar com PCAs que se encaixam nesta categoria. Coletamos as sugestões que foram surgindo e logo apresentamos uma atividade de deslizamento com garrafas pets.

Esta atividade foi realizada no pátio da escola e o objetivo foi de construir 'patins'³⁸ com garrafas pets e corda (Figura 6 e 7) . O material já havia sido organizado pelo professor e pelos alunos que trouxeram de casa as garrafas. A construção foi realizada em pequenos grupos e após a confecção do equipamento, pudemos conversar com os alunos sobre a sua utilização. Foi problematizado quais seriam as formas de movimentação que poderíamos realizar com aquele equipamento e quais práticas de aventura aquela atividade se parecia.

Figuras 6 e 7 - Patins de garrafas pets.

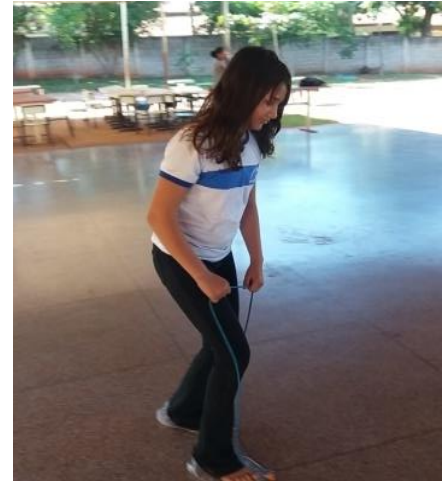


Fonte: o autor.

Após este diálogo iniciamos a experimentação do instrumento construído (Figura 8 e 9). Foram testadas as formas de deslize no pátio da escola, na quadra de cimento e na grama.

³⁸ Chamamos este equipamento de 'patins' por sua aproximação com os patins para uso no gelo, nos quais o movimento é de deslizamento, diferentemente dos patins com rodas. Para a confecção dos mesmos, utilizamos duas garrafas pets de 2 litros e uma cordinha de 2 metros. Furamos as tampas das garrafas com um pequeno buraco e passamos a ponta da corda por dentro delas. Demos um nó em uma das pontas para que ela não saísse e fizemos o mesmo com a outra tampa. Por fim tampamos as garrafas e estava pronto o nosso equipamento.

Figura 8 e 9- experimentação dos patins de garrafas pets.



Fonte: o autor

A aula 5 aconteceu no dia 05/06/2019 e foram realizadas atividades com papelão, tapetes e cobertores. Estes materiais foram sugestões dos alunos em conversas durante a aula 4. Foi realizada no pátio da escola, onde abrimos o diálogo sobre as formas de movimentação e utilização do material. Logo, disponibilizamos o material para que os alunos fizessem suas experimentações (Figuras 10 e 11), deslizando em duplas, trios, sentados, em pé e sendo puxados ou empurrados.

Figura 10 e 11 - deslizamento com cobertas e papelões.



Fonte: o autor

A aula 6 foi uma aula sugerida pelos alunos com o objetivo de experimentar o deslizamento com patins de garrafas pets em superfície molhada (Figura 12).

Figura 12 - deslizamento sobre a grama molhada.



Fonte: o autor

Esta aula foi realizada no dia 07/06/2019 e iniciamos com uma conversa em sala. A sugestão foi de usar a grama para realizar o experimento. Em seguida fomos para a área gramada ao lado da quadra da escola a qual foi molhada com uma mangueira.

Alguns alunos pediram para trocar de roupas no banheiro e logo se inseriram na atividade. Logo, organizamos os alunos em duplas e pedimos para que todos participassem da atividade.

O objetivo era que cada um puxasse o outro colega pela superfície escorregadia e molhada da grama. Foram compartilhados os patins, já que eram poucos, e os alunos se revezaram na prática por um tempo. Ao final, conversamos sobre a experiência e concluímos o tema sobre as PCAs quanto ao tipo de deslocamento deslizamento.

As aulas de número 7 a 9 foram para introduzir e praticar as PCAs quanto ao tipo de deslocamento correr e andar.

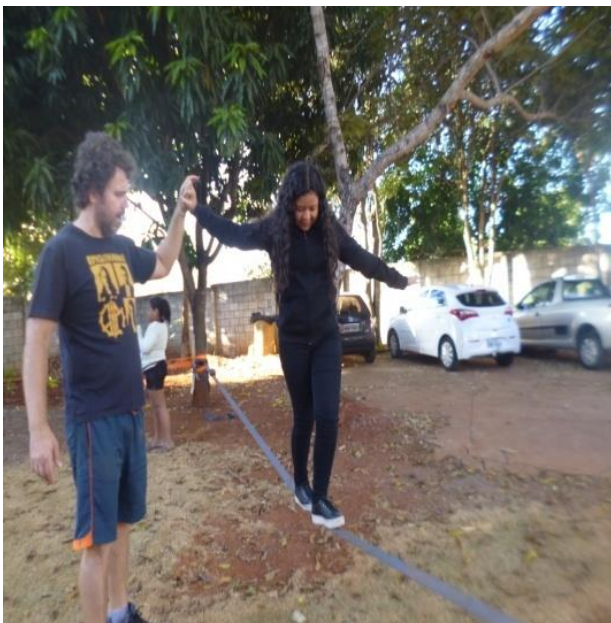
Iniciamos em 19/06/2019³⁹ as aulas 7 e 8. O objetivo foi o de apresentar o tipo de deslocamento andar e correr através do slackline. Reservamos para este dia,

³⁹ Para esta aula, solicitamos junto à escola o tempo de duas horas seguidas para apresentação e experimentação do tema.

uma conversa sobre o surgimento, a evolução e os benefícios do slackline, apresentando também algumas de suas variações como o trickline, highline e o waterline. Após estas explicações iniciais nos dirigimos para uma área arborizada da escola onde fizemos a apresentação da montagem do slackline e conversamos sobre a importância das árvores e do meio ambiente para a prática desta modalidade. Em seguida, os estudantes foram incentivados a praticarem livremente o equilíbrio sobre o slackline, com ou sem a ajuda de seus colegas (Figura 13).

Na aula 9, realizada no dia 26/06/2019, instalamos os três⁴⁰ equipamentos com variações em suas tensões e comprimentos: mais esticado, frouxo, longo e curto. Também realizamos a atividade da Falsa Baiana (Figura 14), onde amarramos uma corda acima do slackline para que eles pudessem se segurar enquanto andavam sobre o equipamento. Os alunos foram incentivados a se deslocarem de diversas formas. Em alguns momentos, problematizamos as formas de se deslocar em equilíbrio, instigando a pensarem em seus movimentos e na sua postura corporal. Por fim, demonstramos como se desmonta o equipamento e concluímos com uma conversa sobre o que havíamos aprendido naquela aula.

Figura 13 e 14 - Andando sobre o slackline.



Fonte: o autor

⁴⁰ Foram utilizados um slackline da escola, um do pesquisador e outro do orientador deste estudo. Ressaltamos a importância de pleitear junto à escola o material adequado para aplicação nas aulas. No entanto, quando não há possibilidade, sugerimos o empréstimo junto a outras escolas ou professores como foi feito em nossa pesquisa.

A aula 10 foi realizada em 07/08/2019, logo após o período de férias. O objetivo desta aula foi de realizar um segundo seminário de pesquisa-ação. Iniciamos a aula fazendo uma avaliação sobre tudo o que já havíamos aprendido nas aulas anteriores sobre as PCAs.

Em seguida, apresentamos o motivo de realizar um segundo seminário, ao qual consistia em lembrar e reafirmar os principais pontos da pesquisa-ação e de trilhar a construção do que havia sido deliberado no seminário inicial. Foram lançadas as seguintes questões: como podemos organizar as atividades que ainda faltam para realizar e que foram pensadas no último seminário? Restabelecidas as ideias iniciais da pesquisa através da questão, partimos para a apresentação do que seria trabalhado na próxima aula.

As aulas de 11 a 13 tiveram como objetivo a apresentação e experimentação das PCAs quanto ao tipo de deslocamento rolamento.

No dia 09/08/2019 a aula 11 teve como objetivo a apresentação dos patins com rodas como possibilidade de prática de aventura de rolamento. A aula foi apresentada por seis alunas que se dispuseram a ensinar a turma (Figura 15). As alunas deram algumas dicas de equilíbrio e de movimentação inicial, demonstrando aos demais as formas de se locomover. Tivemos o número de oito patins para a aula e houve o compartilhamento dos equipamentos com todos os alunos, onde os que já sabiam andar ajudaram os outros que nunca tiveram esta experiência (Figura 16).

Figuras 15 e 16: orientações iniciais sobre andar de patins.



As aulas 12 e 13, realizadas respectivamente em 14 e 16/08/2019, foram para continuar com a experiência prática dos patins e também para inserção de outras práticas de rolamento, como o skate, a bicicleta e o patinete. Para estas aulas contamos com 9 patins, 4 skates, 2 bicicletas e 1 patinete.

Em relação à aula 12, iniciamos em sala uma conversa a partir de uma imagem com as partes que compõem um skate. Em seguida, na quadra da escola, um aluno ficou responsável de conversar com os demais, demonstrando algumas dicas de deslocamento sobre o skate. Também apresentamos o patinete e sua forma de deslocamento, assim como a bicicleta. Foi proposto para os alunos, praticarem diferentes formas de deslocamento com estes equipamentos na quadra da escola, tendo o devido cuidado no trânsito entre eles (figuras 17 a 19). A atividade fluiu bem e ao final, tivemos que reconsiderar com os alunos algumas diretrizes da pesquisa. O motivo era o pouco tempo para praticar todas as atividades decididas no seminário. Após a conversa, decidimos por votação organizar duas atividades: uma que envolvesse a queda como tipo de deslocamento e outra que envolvesse a construção de um carrinho de rolimã.

Figura 17 - skate



Figura 18 - bicicleta



Figura 19– patinete



Fonte: o autor

A aula 13 iniciou com a discussão sobre o tipo de deslocamento queda. Pensamos em organizar para a aula seguinte uma atividade em que os alunos pudessem saltar de uma altura e cair em queda sobre alguns colchonetes. Após a

deliberação, iniciamos a conclusão das PCAs quanto ao tipo de deslocamento rolamento. Partimos para a quadra e demos continuidade com o desenvolvimento e a prática dos equipamentos de rolamento (skate, patins, patinete e bicicleta). Ao final, fizemos uma avaliação em conjunto sobre as atividades experimentadas, onde os alunos puderam colocar suas impressões sobre as aulas.

A aula 14, realizada em 21/08/2019, teve como objetivo a prática de atividades que envolvessem o tipo de deslocamento queda e foi realizada na quadra da escola. O objetivo foi de saltarem de uma mesa a certa altura para cair em cima dos colchonetes (Figura 20).

Figura 20 - Queda



Fonte: o autor

Para esta aula, a turma foi dividida em três grupos; logo explicamos que seria realizado um rodízio dos grupos para o desenvolvimento da aula. Enquanto um grupo ficaria nesta atividade, os outros dois estariam criando e testando outras possibilidades que envolvessem o deslocamento em queda no espaço dos tatames (Figura 21). Ao final conversamos com os alunos sobre a experiência da queda e lembramos sobre o encerramento do nosso conteúdo, que seria o carrinho de rolimã.

Figura 21 - alunos testando brincadeiras em queda.



Fonte: o autor

A aula 15, realizada em 23/08/2019, foi uma pesquisa de vídeos e informações para construção de um carrinho de rolimã na sala de informática (Figura 22).

Figura 22 - pesquisa sobre carrinho de rolimã.



Fonte: o autor.

Foi conversado com os alunos sobre a importância do planejamento para se construir algo, fazendo o levantamento de materiais e ferramentas para construir o projeto. Disponibilizamos para os alunos uma ficha de planejamento (apêndice E), onde eles teriam que anotar os materiais, ferramentas e os passos para construção

do carrinho. Ao final da aula, solicitamos que os alunos trouxessem na medida do possível, os materiais para confecção na próxima aula.

As aulas 16 e 17 aconteceram no pátio coberto da escola e foram realizadas em um único dia (28/08/2019). O objetivo foi que tivéssemos mais tempo para confecção dos carrinhos de rolimã. A partir da pesquisa realizada pelos alunos e com a colaboração⁴¹ do professor Humberto Luís de Deus Inácio (Figura 23), foram construídos dois carrinhos de rolimã neste dia. Já havíamos deixado um material preparado antes desta aula para utilizar caso os alunos não levassem.

Figura 23 - orientações gerais.



Fonte: o autor.

Para esta aula, os alunos foram divididos em dois grupos. Cada grupo ficou responsável pela montagem de um carrinho. Foram feitas as orientações gerais e os alunos lixaram, mediram, pregaram e parafusaram as peças em seus devidos lugares (Figuras 24 a 26). Ao final da aula ainda tiveram um pouco de tempo para testar seu equipamento.

A aula 18, realizada em 04/09/2019 na quadra da escola, teve como objetivo experimentar o deslocamento e manobras com o carrinho de rolimã.

⁴¹ O professor nos ajudou nos serviços de marcenaria e também disponibilizou suas ferramentas para os alunos construírem seus carrinhos.

Figuras 24 a 26 - confecção do carrinho de rolimã.



Fonte: o autor.

Para esta aula, contamos com a utilização dos dois carrinhos confeccionados na escola pelos alunos e com um emprestado pelo orientador desta pesquisa. Formamos três grupos, que saíram em duplas em cada carrinho pela quadra da escola. Orientamos sobre os cuidados no tráfego e pedimos que fizessem manobras mais arriscadas conforme fossem se sentindo confortáveis para isto (Figuras 27 a 29). Todos os alunos participaram e ao final da aula fizemos uma avaliação geral do conteúdo e encerramos a sequência didático-pedagógica das práticas corporais de aventura na escola.

Figuras 27 a 29 - experimentando formas e manobras.



Fonte: o autor

3.1 - O percurso metodológico de análise e os resultados da pesquisa.

A presente análise é resultado da intenção em responder à questão-problema dessa pesquisa. Também foi objeto de análise revelar quais recursos didáticos, ferramentas e espaços são necessários/possíveis para efetivação de uma proposta de ensino sobre o tema.

Os dados foram analisados levando em consideração as seguintes fontes:

- a) Diários de campo;
- b) Atividades desenvolvidas nas aulas;
- c) Instrumentos avaliativos;
- c) Diálogo com o referencial teórico que fundamenta esta pesquisa.

Para análise e interpretação das atividades desenvolvidas nas aulas, utilizamos a observação e a transcrição dos fenômenos apresentados, sob o registro em um diário de campo.

Por se tratar de uma pesquisa-ação, onde todos os sujeitos estão envolvidos na resolução de um determinado problema em comum (THIOLLENT, 2009), a coleta dos dados foi captada através de áudio e imagens realizadas pelos sujeitos e por este pesquisador-participante. Desta forma, alguns trechos dos relatos escritos no que se referem à fala dos alunos, serão identificados através de números (aluno 1, aluno 2, aluno 3...).

Para análise dos instrumentos de avaliação, verificamos cada atividade desenvolvida pelos alunos e traçamos um panorama geral sobre o processo de assimilação do conhecimento que estava sendo proposto. O objetivo foi o de averiguar se o conhecimento do que estava sendo apresentado e discutido, de fato, estava sendo construído/alcançado.

O diálogo com o referencial teórico foi realizado a partir daquilo que foi exposto nos capítulos 1 e 2 deste trabalho. Portanto, a metodologia crítico-superadora deu suporte juntamente com a metodologia de pesquisa-ação para que o estudo se tornasse possível.

A análise das possibilidades e limites da proposta de ensino desenvolvida nesta pesquisa se deu a partir das categorias defendidas por Inácio et al (2016, p. 175) quanto aos princípios constituintes das PCAs.

Na ocasião, optamos por organizar uma sequência didático-pedagógica a partir do princípio constituinte ‘tipo de deslocamento’. A organização dos sequenciadores de aula está exposta em cinco temas principais, que contemplam inicialmente uma proposta de ensino das PCAs na escola e um tema extra, o qual no decorrer da pesquisa, foi decidido e realizado pelos sujeitos envolvidos no estudo.

Apresentamos a seguir (Quadro 2, a síntese desta organização dos princípios constituintes, definidas e distribuídas como temas de aulas, na referida proposta.

Quadro 2 - Resumo das aulas

TEMA
1. Conhecendo as PCAs
2. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento : <i>Deslizamento</i>
3. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: <i>Andar/Correr</i>
4. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: <i>Rolamento</i>
5. Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: <i>Queda</i>
6. Construindo o carrinho de rolimã

Fonte: próprio autor.

Ressaltamos que o sexto tema aqui apresentado, também se configura como possibilidade de inserção no item 4, como PCAs quanto ao tipo de deslocamento: rolamento. A partir das análises de como se realizaram cada tema proposto, fica a cargo de cada professor decidir, a partir de sua realidade concreta, a possibilidade de inclusão ou não em suas aulas de Educação Física.

3.2 - Possibilidade e limites da inclusão das PCAs nas aulas de Educação Física.

O processo de ensino das PCAs na escola ocorreu através da apresentação e discussão com os alunos sobre a organização e sistematização deste conhecimento.

As primeiras análises advindas do questionário e do seminário de pesquisa-ação, discutidas no item 2.4, nos permitiram concluir que haveria a necessidade inicial de organizar uma síntese do pensamento dos alunos sobre o conteúdo. Para

isto, o percurso para se alcançar estes objetivos, utilizou como referência teórica os cinco passos do método de ensino desenvolvido por Saviani (2009) no livro *Escola e Democracia*, mencionados no item 2.6.

A compreensão destes passos em diálogo com os preceitos da metodologia crítico-superadora e da pesquisa-ação se apresentam como parte das conclusões que se seguem.

3.2.1 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS.

A análise do conjunto das três primeiras aulas, que compõem o tema *Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura*, nos permitiu oportunizar aos alunos uma melhor organização sobre a estruturação de seu pensamento em relação ao conteúdo de PCAs na escola. Observamos que os objetivos iniciais de compreender o significado do termo aventura e os princípios constituintes de uma PCA foram, de certa forma, satisfatórios.

Para a aula inicial, utilizamos como recurso imagens impressas de pessoas em situações de risco e do dia-a-dia. Ao dividir os alunos em pequenos grupos, começamos a pensar nas imagens nas quais havia o componente aventura das que não tinham. A partir destes elementos, incitamos o debate para compreender melhor o significado da palavra. Em termos gerais para os alunos, ela trazia em sua expressão a ideia de ser empolgante (aluno 1); ter situações de equilíbrio (aluno 2) e possuir adrenalina (aluno 3). Uma aluna se referiu que para ser aventura, teria que ter situações de risco (aluna 4). Já nas situações e imagens do dia-a-dia, outros alunos apontaram que não era aventura por envolver preguiça (aluno 5).

Para uma melhor definição conceitual da palavra, nos utilizamos de um dicionário de língua portuguesa, pelo qual chegamos à conclusão que aventura é uma experiência arriscada, perigosa e incomum, na qual o fim é incerto.

Ampliando a colocação deste conceito, propusemos pensar sobre quais sensações corporais sentimos quando estamos em uma situação de aventura e risco. Concluímos que estar em uma situação de aventura, envolve passar por atividades arriscadas que nos causam sensações de medo, insegurança, adrenalina e coragem. Ao final da aula, foi entregue uma ficha conceitual (apêndice b) para que os alunos expressassem de forma escrita o seu aprendizado. As duas aulas

seguintes, tiveram como objetivo, a continuidade do desenvolvimento da síntese conceitual dos alunos em relação às PCAs.

No que se refere aos princípios constituintes das PCAs, foram apresentados os elementos da natureza em que elas ocorrem e os tipos e sentidos de deslocamento pelos quais se realizam. Através das imagens e figuras utilizadas na aula anterior, pudemos visualizar e analisar todos estes aspectos das PCAs. Foi interessante notar na aula, a discussão entre os alunos sobre qual elemento da natureza aconteciam a patinação no gelo e o snowboard. A dúvida girava em torno do elemento terra, quando consideravam que a neve e gelo estão presentes 'sobre' este elemento da natureza, enquanto outros achavam que pertenciam ao elemento água, ainda que se apresentasse no estado sólido. Chegamos à conclusão que poderia acontecer nestes dois elementos, enfatizando o elemento terra.

Durante esta discussão pudemos presenciar uma certa euforia e, às vezes, até uma dispersão do que estava sendo proposto. No entanto, a partir das observações do professor e do diálogo com os alunos, se estabelecia novamente o foco nas atividades e partíamos para compreensão dos outros aspectos.

Percebemos pelos questionamentos, que os alunos apresentavam um grau de conhecimento sobre as questões. Ao perguntar o que era deslocar, uma aluna se arriscou a dizer que era sair de um lugar, enquanto outro completou que era sair de um lugar para outro.

Ao entrar na discussão sobre os tipos e sentidos de deslocamento, nos utilizamos das imagens para demonstrar como estas categorias se organizavam. Este processo aconteceu de forma que os alunos pensassem sobre as ações impressas nas imagens que estavam sendo demonstradas.

Por fim, percebemos que através dos questionamentos feitos, havíamos chegado às conclusões necessárias para compreender que os princípios constituintes das PCAs eram: os elementos da natureza (terra, água e ar), os tipos de deslocamentos (andar/correr, deslizamentos, rolamentos e queda) e os sentidos de deslocamento em que aconteciam (vertical, horizontal e diagonal).⁴²

Encerramos esta aula com a entrega de uma ficha de catalogação (apêndice c) que os alunos levaram como atividade de casa.

⁴² Sabemos que há outros elementos que podem ser considerados na conceituação das PCAs, como em Betrán & Betrán (1995).

Para a terceira aula, nos utilizamos do espaço da sala de informática e do data show da escola. Através deste recurso, pudemos oportunizar aos alunos uma melhor assimilação dos conceitos sobre os princípios constituintes das PCAs.

Ao apresentar os vídeos, notamos que houve uma empolgação inicial, e que ora era necessário se organizar para continuar. Em cada vídeo, perguntávamos aos alunos qual era o elemento da natureza em que estava ocorrendo aquela prática, em que sentido acontecia o movimento dos participantes e qual o tipo de deslocamento que estava acontecendo.

Percebemos pelas falas que muitos haviam internalizado os conceitos, no entanto, também foi possível perceber que haviam alguns alunos que se confundiam entre os conceitos de horizontal e vertical, ao qual parávamos para pensar sobre suas diferenças. Concluímos com uma revisão geral e em seguida entregamos uma ficha de desenho (apêndice d) que os alunos levaram para casa como tarefa.

A análise das três primeiras aulas, sobre o tema *Conhecendo às PCAs*, nos permitiu revelar certas particularidades.

A primeira, se refere a importância de se organizar o espaço das aulas como parte fundamental para aprendizagem e assimilação do conhecimento. Para o Coletivo de Autores (2009, p. 86), a organização deste espaço intenciona possibilitar a direção e apreensão do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social. Os autores ressaltam que num primeiro momento, esta dinâmica permitiria uma leitura inicial da realidade, levando o aluno a constatar, interpretar, compreender e explicar a forma de apropriação do seu conhecimento.

Percebemos nas aulas desenvolvidas, que estes aspectos foram estimulados através de uma ação dialógica entre os sujeitos participantes. Ao permitir que os alunos expressassem seu conhecimento, mesmo que de forma sincrética sobre os dados da realidade, pudemos instigar o desenvolvimento da ação de pensar sobre os conceitos apresentados, ao invés de nos limitar a repassá-los como prontos e acabados.

Em estudo desenvolvido por Barreto (2009) com estudantes do Ensino Médio numa escola da Bahia, a autora destaca que,

À medida que vamos tratando do conhecimento, devemos fazê-lo de forma que o estudante desenvolva sua motivação para aprender cada vez mais. Isso significa certificar-se das suas aprendizagens expressas em objetivos

claros, baseados em uma pedagogia que valorize a construção de projetos, com pesquisas didáticas orientadas; leitura crítica e analítica das pesquisas realizadas, com a utilização de multimeios, tais como internet, que é uma importante fonte de pesquisa, além de livros e revistas. (BARRETO, 2001, p. 216).

Sob estes aspectos, mediados por um espaço organizado de debate e discussões, consideramos que os alunos atingiram um nível de motivação necessário para sua aprendizagem.

Constatamos uma crescente participação nas falas dos alunos em relação ao que estava sendo proposto. Ressalta-se que houve alunos que abdicaram de sua participação, nem sempre colocando suas impressões, mas sendo estimulados em certas ocasiões a manifestá-las.

A segunda particularidade refere-se ao uso dos recursos didático-pedagógicos. As imagens impressas e os vídeos disponibilizados aos alunos, demonstraram-se como importantes recursos para suscitar o debate e as discussões.

Em estudo bibliográfico feito por Batista et al (2016, p. 17) sobre a inserção das mídias e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na escola, os autores nos apontam a carência de intencionalidade pedagógica que os professores ainda possuem na utilização destes recursos. A diversificação de fontes que permitam uma melhor compreensão e assimilação do conhecimento através destes recursos, ainda se configura como objeto de estudo e de investigação.

No entanto, podemos compartilhar que através destes meios, conseguimos instrumentalizar uma melhor espiralização do conhecimento do tema em nossas aulas. A conclusão que chegamos é que o uso das imagens e vídeos, através da problematização e mediação do professor, permitiu o avanço nas estruturas de síntese do pensamento dos alunos. A interação com estas ferramentas demonstrou-se significativa, promovendo formas inovadoras que rompem com as relações tradicionais de ensino e aprendizagem.

A terceira particularidade nos permite identificar a passagem da síntese à síntese a partir da análise das fichas de avaliação (conceitual, de catalogação e de desenho) disponibilizadas aos alunos.

Na ficha conceitual, entregue aos alunos para sistematizar de forma escrita sua compreensão sobre o conceito de aventura, identificamos que dos 19 alunos presentes na aula, 14 conseguiram expressar em suas respostas a relação com

termos como riscos, perigos, imprevistos e com as sensações de medo, insegurança, adrenalina, diversão, confiança e coragem. Outros 04 conseguiram relacionar aventura somente a partir das sensações, sem mencionar termos como riscos, perigos ou imprevistos e 01 pessoa se limitou a citar o exemplo do parkour e do slackline como seu entendimento sobre aventura.

A partir destes dados, podemos considerar que a primeira aula atingiu seu objetivo, ao organizar a síntese do pensamento dos alunos sobre o significado do termo aventura e as sensações corporais que dali emergem.

Ao nos utilizar das discussões e dos debates, das figuras e do dicionário para entender melhor a expressão, nos aproximamos daquilo que Inácio (2014) nos aponta como primeira via de compreensão sobre o termo. Para o autor, a palavra aventura se configura como uma "ação cujo desenvolvimento e desfecho são incertos, com possibilidades de acontecimentos imprevistos, particularmente de riscos à integridade física do praticante durante sua realização" (Idem, p. 532).

Em relação às fichas de catalogação, dos 26 alunos presentes na aula, somente 21 entregaram⁴³ a atividade para o professor. Entre as questões propostas na atividade, estavam a sistematização dos princípios constituintes das PCAs e também o conceito geral do que seria uma Prática Corporal de aventura.

Sobre a questão 1 (item a), 20 alunos souberam identificar os elementos da natureza onde as PCAs são realizadas. Apenas um não mencionou no campo indicado estes elementos. Ao solicitar 03 exemplos de PCAs que aconteciam em cada elemento da natureza, somente 04 alunos souberam citar na íntegra os três exemplos solicitados. Outros 13 souberam relacionar ao menos duas PCAs referentes ao ambiente onde elas aconteciam. Somente 03 pessoas conseguiram citar um exemplo de cada atividade, enquanto 01 não conseguiu relacionar os exemplos.

A próxima questão (item 1b), sobre os tipos de deslocamento das PCAs, nos revelou que dos 21 alunos, 07 souberam citar os quatro tipos de deslocamento pelos quais ocorrem as PCAs. Outras 07 citaram ao menos três tipos de deslocamento enquanto 02 conseguiram lembrar somente de dois. Duas pessoas conseguiram lembrar somente de um tipo, enquanto outros 03 não preencheram o campo da atividade.

⁴³ Lembramos que esta atividade, pela falta de tempo na aula, foi repassada para que os alunos fizessem em casa e entregassem na aula seguinte para o professor.

O encerramento da questão 1 (item c) pediu para que os alunos citassem duas PCAs que ocorrem nos sentidos horizontal, vertical e diagonal, cada. Somente 07 conseguiram relacionar o nome de duas PCAs aos três sentidos de deslocamento em que elas ocorrem. Outras 05 souberam citar pelo menos uma PCA aos três sentidos; 04 citaram pelo menos uma PCA em dois dos sentidos, enquanto outras 04 souberam citar somente uma PCA em um sentido de deslocamento. Por fim, 01 aluno respondeu equivocadamente à questão, citando tipos de deslocamento no lugar dos sentidos.

A última questão da ficha de catalogação se referia a explicar o que seria uma PCA. Diante dos dados, percebemos que somente três alunos souberam explicar de forma integral, o contexto de uma PCA ligado ao conceito de aventura, das sensações corporais e dos princípios constituintes das PCAs. Uma aluna conseguiu citar o conceito de aventura ligada às sensações, porém citando somente um princípio constituinte, referente ao elemento da natureza em que ocorrem. Outros 06 alunos souberam definir uma PCA citando somente os conceitos de aventura e sensações, sem mencionar os princípios constituintes. Sete pessoas conseguiram se lembrar somente das sensações envolvidas nas aventuras, não mencionando o conceito de riscos e imprevisibilidade e nem os princípios constituintes. Uma pessoa não mencionou conceitos, citou somente práticas como o parkour, arvorismo e etc. Outro colocou somente os tipos de deslocamento e um deixou a questão em branco. Um aluno não soube mencionar nenhum dado do que foi trabalhado, se arriscando a copiar o enunciado de outro texto.

A partir desta ficha de catalogação, consideramos que os dados nos revelam uma razoável compreensão dos alunos em relação aos princípios constituintes das PCAs.

No entanto, apresenta-se como limite, o fato da mesma ter sido desenvolvida fora do espaço escolar⁴⁴. Compreendemos que o não acompanhamento por parte do professor em relação às atividades propostas, acabou gerando dúvidas e equívocos em sua realização.

Pelos dados revelados, percebemos que uma parcela dos alunos ainda não havia compreendido a totalidade dos princípios constituintes das PCAs. Talvez ainda fosse muito precoce o tempo pedagógico para haver um retorno em função da

⁴⁴ Como o tempo foi insuficiente para apresentar os objetivos da segunda aula, a atividade teve que ser entregue e realizada na casa dos alunos.

quantidade de informações exigidas neste instrumento. Os apontamentos nos fazem repensar estas lacunas: talvez consista em aplicar esta atividade em outro momento da aula, em um dia específico, o qual permita o acompanhamento do professor e a colaboração dos outros alunos na apropriação destes conceitos.

O último instrumento avaliativo consistiu em realizar nos espaços estipulados de uma folha, um desenho de PCAs realizadas na terra, na água e no ar com seus respectivos nomes.

Dos 20 alunos presentes na sala, 16 entregaram de volta a atividade⁴⁵. Destas, 13 conseguiram desenvolver o desenho conforme o nome e o ambiente em que elas acontecem. Apenas 02 não colocaram os nomes das PCAs, mas desenvolveram o desenho conforme o ambiente em que elas se realizavam enquanto 01 se equivocou ao desenhar no espaço do ambiente água a prática da escalada.

Em termos de avaliação formal, podemos considerar que as fichas avaliativas nos permitiram uma melhor organização das ideias. Tanto para o professor quanto para os alunos, as lacunas existentes no grau de compreensão, fizeram-nos repensar e retornar ao debate das ideias e dos conceitos, a fim de sanarem qualquer dúvida.

Neste sentido, nos aproximamos do entendimento que a avaliação sob a perspectiva crítico-superadora, não é somente o de quantificar o nível de conhecimento assimilado pelos alunos. Sob esta perspectiva, ela deve de fato, permitir que haja uma busca constante da "identificação dos conflitos no processo ensino-aprendizagem, bem como a superação dos mesmos, através do esforço crítico e criativo coletivo dos alunos e as orientações do professor" (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 102).

Neste ponto, os erros expressos pela falta de compreensão, esquecimento ou precariedade de uma melhor síntese sobre o conhecimento, nos permitiu retornar a estas lacunas, problematizando através dos questionamentos, aquilo que ainda não havia sido compreendido.

⁴⁵ Ressalta-se que os alunos que não estiveram presentes na aula também receberam posteriormente a atividade para que fosse realizada.

3.2.2 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento: Deslizamento.

O conjunto das três aulas que trataram do tema das PCAs quanto ao tipo de deslocamento deslizamento, nos revelaram possibilidades significativas de atividades sobre este tema.

Em termos de conceituação do termo 'deslizar', chegamos à conclusão que seu significado era sinônimo de escorregar. Este processo de apropriação do conhecimento se deu através de uma ação dialógica na relação professor e aluno.

Através das conversas, percebemos que crescia, em cada aula, a motivação dos alunos através do seu objeto de fala. O interesse em responder o que haviam aprendido e também em sugerirem propostas, apontou que o aspecto metodológico em instigar o aluno ao processo de construção do conhecimento se apresentou como ponto culminante para as aulas. A ação dialógica problematizando as questões, ao invés de simplesmente entregá-las prontas e acabadas, nos fizeram compreender que houve avanços na síntese do pensamento dos alunos na volta à prática social final. Corroborando esta afirmação, ao serem questionados sobre sua compreensão do termo deslizar, o aluno 1 se refere como: "É o mesmo que escorregar."

Apontamos que para chegar à síntese do pensamento sobre o conteúdo e os conceitos, em determinados momentos, as aulas geravam uma certa euforia e falta de organização em saber ouvir o outro. No entanto, através da problematização sobre a situação, acabávamos por estabelecer critérios de participação e os espaços de debate e conversas obtiveram avanços no decorrer deste processo.

Sobre o desenvolvimento das atividades e brincadeiras, a ideia dos patins de garrafas pets, proposta pelo professor⁴⁶, se demonstrou como uma ótima atividade de compreensão sobre o ato de deslizar em um objeto sobre a superfície. Ao propor esta atividade, oportunizamos aos alunos a consciência sobre a reutilização destes materiais. Da mesma forma, ao se utilizar de caixas de papelões e de cobertores, ou mesmo tapetes para estas atividades, trouxemos a possibilidade de ressignificar o uso destes materiais para uma demanda própria e autônoma.

⁴⁶ Ressaltamos que a ideia desta brincadeira, foi retirada de uma das aulas presenciais do mestrado que tratavam do ensino das PCAs na escola, ministrada pelo professor Humberto Luís de Deus Inácio.

Sobre as formas de movimentação e do lugar do corpo sobre os objetos, percebemos que as formas de ir em pé e agachado se apresentaram como possibilidades reais de deslizamento sobre os patins. Nos papelões e cobertores, foram possíveis variações de ir sentado, de frente e de costas, além de ir em pé e agachado. Outro fator positivo desta atividade foi a percepção dos alunos em colocar o papelão por baixo do tapete ou cobertor, possibilitando uma maior velocidade no deslizamento no piso mais liso e também na obtenção de manobras mais elaboradas e arriscadas.

Sobre as condições de segurança, concluímos que instigar os alunos a pensarem nos riscos da brincadeira antes de iniciá-la, foi fator positivo para evitar acidentes. Ressalta-se neste item, que não é no sentido de amedrontá-los, mas sim de levá-los a refletir sobre os riscos a fim de minimizá-los.

Apontamos como limites que as atividades de deslizamento na quadra e na grama seca não foram satisfatórias. Estes pisos apresentaram maior atrito com o objeto, levando os alunos a terem que fazer uma maior força para deslocar o colega e também um maior desgaste do material.

Em relação à grama molhada, percebemos que é uma possibilidade interessante para o uso dos patins em um ambiente que envolve água. Além de deslizar melhor, foi elemento de motivação e diversão para os alunos. Como limite, houve alunos que também não queriam passar por esta experiência com água.

Um último aspecto apontado pelos alunos e passível de correção, foi o tamanho da corda utilizada para confecção dos patins. Segundo os alunos, por ser curta, às vezes, atrapalhava as pessoas que puxavam, não permitindo muitas manobras.

3.2.3 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento: andar/correr.

O conjunto das três aulas que compõem as PCAs quanto ao tipo de deslocamento andar e correr, nos permitiu introduzir o slackline nas aulas de Educação Física.

Os aspectos positivos destas aulas oportunizaram aos alunos compreenderem o histórico do slackline, além de sua utilização em variados ambientes. O diálogo e a demonstração de como montar o equipamento nas

árvores, além da conscientização sobre a preservação do ambiente, se revelaram como importantes componentes para se iniciar o aprendizado. A disponibilidade de três equipamentos de slacklines, também se demonstrou como facilitador do processo de ensino aprendizagem. Neste ponto, salientamos a importância de desenvolver estratégias de ensino que também possa garantir que os alunos aprendam a montar e desmontar o equipamento⁴⁷. Nas aulas 7 e 8, demonstramos e ensinamos o desenvolvimento desta etapa, ao qual alguns alunos sempre se colocaram à disposição em nos ajudar.

Outro aspecto positivo foi a experimentação livre dos alunos ao andar sobre o equipamento. No decorrer das aulas, foi perceptível o ganho de confiança e de equilíbrio para eles. Através da problematização da forma de se movimentar, conseguimos instrumentalizar através das conversas e dos exemplos dos que já dominavam o equilíbrio, a catarse do processo de pensamento sobre o movimento.

Por meio das observações feitas por este pesquisador, percebemos que ao serem estimulados, os alunos iam se apropriando de uma consciência corporal e cinestésica, reelaborando suas formas de se movimentar. A comunicação e troca de saberes entre eles, também demonstrou-se como fator positivo do processo de aprendizagem. Ao descobrirem a posição dos pés, dos braços, da forma de olhar para frente ao invés de olhar para a fita, os alunos foram elaborando uma melhor síntese na forma de se deslocar no equipamento.

Como limites, apontamos que a falta de equipamento, ou mesmo a utilização de um só slackline, pode ocasionar problemas de dispersão ou indisciplina da turma. Para tanto, se faz necessário que cada professor busque tensionar na escola a compra deste material ou mesmo, que utilize do empréstimo do equipamento de outros professores, como foi o nosso caso.

Outro fator limitante neste processo foi o pouco tempo disponibilizado para a prática do slackline. Apesar dos alunos estarem sintetizando melhor a forma e consciência de seu corpo sobre o objeto, ainda assim, necessitaria de um maior tempo pedagógico para melhor assimilá-lo. Além disto, o tempo de aula disposto em uma hora, poucas vezes é suficiente para organização do trabalho pedagógico do professor, que necessita instalar os equipamentos e também dar oportunidade para a prática a todos os alunos.

⁴⁷ Ver: https://www.youtube.com/watch?v=67_R5d78slc

No entanto, consideramos que dada as condições necessárias para o professor, o slackline como PCA do tipo de deslocamento andar e correr, se apresenta como possibilidade concreta de ensino dentro do espaço escolar.

3.2.4 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento: Rolamento.

O conjunto das três aulas que compõem o tema das PCAs quanto ao tipo de deslocamento rolamento, nos permitiu observar as possibilidades e os limites de sua viabilidade de inserção na escola. Para estas aulas, fizemos o levantamento dos equipamentos e dos alunos que dominavam o se movimentar sobre eles, a fim de que nos ajudassem no processo de ensino-aprendizagem.

Pelo diagnóstico inicial verificamos que boa parte dos alunos possuía os equipamentos necessários para as aulas como patins, patinete, skate e bicicleta. A disponibilidade de trazerem para a escola, solicitando autorização junto aos pais, nos mostrou boa abertura para inserção destas práticas em nossas aulas.

A partir das observações realizadas e dos registros nos diários de campo com as aulas de PCAs de rolamento, observamos que os alunos que dispunham do conhecimento sobre estas práticas compartilharam de seus saberes e equipamentos com os outros alunos.

Corroborando este fato, alguns alunos se destacaram enquanto sujeitos da pesquisa-ação, se comprometendo a ensinar seus colegas. Sobre como se equilibrar nos patins, por exemplo, uma aluna relatou que,

"[...] se tiver indo muito rápido, dobra o joelho que assim vai fazer que você não caia". (Aluna 1)

Inicialmente, os alunos estavam vergonhosos em falar à frente dos outros. Mas, na medida em que iam surgindo perguntas, o diálogo entre eles apresentou-se mais fácil.

Através destas aulas, notamos avanços significativos numa perspectiva de união, amizade e solidariedade entre estes alunos. O próprio compartilhamento do saber colocou este sujeito no centro do processo de sua aprendizagem. A importância deste fato nos permitiu uma aproximação com a teoria crítico-superadora, pela qual:

A expectativa da Educação Física escolar, que tem como objeto a reflexão sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses de classe das camadas populares, na medida em que desenvolve uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade substituindo individualismo, cooperação confrontando a disputa, distribuição em confronto com apropriação, sobretudo enfatizando a liberdade de expressão dos movimentos - a emancipação - negando a dominação e submissão do homem pelo homem. (COLETIVO DE AUTORES, 2009, p. 41).

Desta forma, pudemos notar que as aulas nos demonstraram o desenvolvimento da emancipação e dos valores dos sujeitos em sua aprendizagem. Ao se apropriarem de dicas importantes do se movimentar no skate e nos patins, por exemplo, pudemos notar a livre experimentação, conforme iam se apropriando deste conhecimento e também do ganho de confiança nos colegas e no equipamento.

Em relação à solidariedade, percebemos que a mesma não se deu somente no âmbito do compartilhamento dos equipamentos. Percebemos que os próprios alunos estavam incentivando os outros colegas a participarem. Nesta questão, um aluno relatou que havia gostado da experiência dos patins justamente por conta de uma colega que o ajudou, pegando em sua mão, quando então, ele foi aprendendo.

Apesar dos equipamentos serem poucos, observamos que não houve um clima de disputa entre eles para andar. As atividades da bicicleta e do patinete foram tranquilas, já que a maioria não possuía dificuldades em se equilibrar. Destaque para um aluno que relatou ser a primeira vez que andava de bicicleta na vida. O mesmo é portador de uma síndrome que compromete sua visão e nos disse que não houve tantas oportunidades de experimentar tais práticas em sua vida⁴⁸.

Outro aspecto satisfatório desta experiência com as PCAs de rolamento, foi a organização de alguns alunos da turma, para reivindicarem junto à escola, um dia específico da semana para utilizar a quadra. Estes alunos, por intermédio do Grêmio da escola, acabaram conquistando o espaço da quadra no dia de sexta feira para quem desejasse praticar tais atividades. Este aspecto reivindicatório nos auxilia a desenvolver na organização coletiva dos alunos, uma condição objetiva para sua consciência de classe, já que se faz por meio de "seu engajamento deliberado na luta organizada pela transformação estrutural da sociedade e pela conquista da hegemonia popular" (IBID, p. 41)

⁴⁸ O aluno em questão foi ajudado em suas atividades ora pelo professor, ora pelos alunos que o acompanhavam nas atividades propostas e quando sentia dificuldades. No caso da bicicleta, o aluno foi conduzindo e duas pessoas ajudavam de um lado e de outro no equilíbrio do equipamento.

Em termos de limites, apontamos que inicialmente alguns alunos pareciam não querer participar das aulas. No entanto, ao verificar o motivo, percebemos que os patins tinham os números menores do que eles calçavam, não podendo assim, participarem desta atividade específica.

Outro aspecto que pode ser empecilho para estas práticas na escola, é não possuir materiais/equipamentos suficientes para que haja uma melhor dinâmica das aulas. Apesar da diversidade de equipamentos que conseguimos levar para as estas aulas⁴⁹, notamos que ainda havia pessoas que ficavam à espera de uma oportunidade de andar, não avançando de modo significativo na apropriação destas práticas.

Por fim, uma observação relevante, é a necessidade do professor conversar com seus alunos sobre os cuidados e a segurança no tráfego destes equipamentos; isto nos permitiu, durante estas aulas, presenciar poucos acidentes entre eles.

3.2.5 - Análise do tema: Conhecendo as PCAS quanto ao tipo de deslocamento: Queda.

Este tema foi desenvolvido em uma única aula. Isso se deu por duas particularidades: a primeira, pelo fato da proximidade do final do trimestre escolar e das poucas aulas que nos restavam. A segunda, a demanda de tempo que iríamos precisar para realizar a construção de um carrinho de rolimã e concluir o conteúdo de PCAS na escola.

Neste sentido, a atividade pensada para o tema queda, foi realizar um salto de uma mesa sobre colchonetes, dispostos no chão. Para esta aula, ainda realizamos algumas experimentações de possibilidades de construção de outras brincadeiras em queda. No entanto, não se demonstraram significativas para sistematizar uma experiência exitosa.

Em relação à atividade pensada, consideramos que ela proporcionou, mesmo que por alguns instantes, a sensação de deslocamento em queda livre nos alunos. A percepção através das observações feitas no diário de campo nos permitiu inferir que o elementos de motivação e diversão foram o ponto central da aula. Mesmo que dispuséssemos somente de um ponto para desenvolver a brincadeira,

⁴⁹ Foram 09 patins, 04 skates, 02 bicicletas e 01 patinete, que nem sempre estiveram presentes em todas as aulas.

notamos que os alunos experimentaram uma diversidade de formas de saltar em queda, sendo ora de lado, de costas, de frente, com ou sem cambalhotas.

Concluimos que a atividade de saltar de uma superfície elevada e cair sobre os colchonetes foi significativamente interessante ao proporcionar aos alunos a superação de seus medos e o consequente relato da sensação da adrenalina em seu corpo.

Em relação ao desafio da proposta de criação de uma brincadeira, destacamos que a iniciativa e a boa interação entre os participantes, fizeram que eles desenvolvessem várias experiências. No geral, enfatizaram atividades coletivas, onde acabavam por subir uns nos outros para logo caírem em queda. Os limites que se demonstraram para estas atividades e que nem sempre os alunos tinham força e equilíbrio suficientes para sustentarem o peso de seus colegas.

Em termos gerais, sobre a inserção destas atividades na escola, apresentamos como limites a falta de materiais (colchonetes e tatames) que podem acabar inviabilizando a sua prática. Ou, mesmo que haja material, seria possuir uma quantidade significativa de colchonetes que possa garantir a divisão em dois ou mais postos para a aula, impedindo assim, uma maior dispersão dos alunos.

3.2.6 - Análise do tema: Construindo um carrinho de rolimã.

O conjunto das quatro aulas que compõem este tema se configura como resultado de uma ação coletiva, fruto do desejo dos alunos em construir um carrinho de rolimã. A organização e planejamento destas aulas se deram por meio de conversas nos seminários e também nos minutos finais de algumas aulas.

A sequência destas aulas teve como ponto de partida, uma pesquisa realizada no laboratório de informática (aula15). Foi solicitado que os alunos registrassem quais materiais seriam necessários e também como seria o processo metodológico (passo a passo) da construção do carrinho.

Após este processo, dialogamos na escola para que houvessem duas aulas seguidas de Educação Física (aulas 16 e 17) para que ocorresse este processo de confecção do material. Por fim, disponibilizamos outro dia (aula 18), para a experimentação e vivência de manobras com o material construído.

A partir das informações dos diários de campo, pode-se concluir que a pesquisa realizada no laboratório de informática, de vídeos e textos, nos trouxe

elementos fundamentais para organizar o planejamento e confecção do carrinho. Nesta aula, os alunos puderam se apropriar do conhecimento dos materiais, ferramentas e do percurso metodológico para se realizar a sua construção. A instrumentalização deste conhecimento foi perceptível na fase seguinte, onde determinados alunos puderam contribuir através do seu objeto de fala.

Nas aulas seguintes tivemos com o material para a construção dos carrinhos: duas tábuas, oito rolamentos, algumas ripas, pregos e parafusos; e ferramentas como furadeira, parafusadeira, cegueta, martelo e chaves de fenda. Para esta aula, tivemos a presença do professor que orienta esta pesquisa, Humberto Luís, que coordenou a atividade de confecção do carrinho. Como o material já havia sido pré-organizado anteriormente, levamos para a aula com o objetivo dos alunos somente fazerem a montagem e o encaixe das peças.

A avaliação da aula nos permite considerar que o espaço de tempo de duas horas foi suficiente para confeccionar os dois carrinhos propostos. O envolvimento e a atenção dados pelos alunos ao professor, nos possibilitaram realizar de forma organizada e satisfatória a montagem das peças e conseqüentemente a confecção dos dois carrinhos.

Apresentaram-se como limites para estas aulas o fato de haver muitos alunos e pouco material para que todos se envolvessem diretamente. Mas foi interessante perceber que alguns alunos se revezavam nas atividades como lixar, parafusar ou mesmo encaixar e pregar os rolamentos. Também houve alunos que não participaram ativamente deste processo, mas que se mantiveram atentos nas observações que eram feitas.

Outro limite foi a falta de participação dos alunos em trazer os materiais⁵⁰ solicitados para construção do carrinho. Como já prevíamos que isso poderia ocorrer, nós mesmos apresentamos os materiais necessários para que a aula não ficasse vaga.

Para a última aula, nos apresentamos com três carrinhos de rolimã – o terceiro foi emprestado pelo professor Humberto. A aula objetivou a experimentação de manobras e de condução do carrinho de rolimã. Inicialmente pedimos para que os alunos organizassem duplas ou trios e logo se revezassem entre eles na experimentação da atividade.

⁵⁰ Estes materiais já haviam sido solicitados bem antes destas aulas, para que os alunos pudessem ir trazendo e guardando na escola.

Nota-se pelos diários de campo e registros de imagens e vídeos, que os alunos se divertiram e se arriscaram em realizar muitas manobras. Alguns se arriscaram em ir sentados em duplas, deitados de frente e outros até pegaram carona em pé atrás de quem estava pilotando. Houve alunos que se demonstraram um pouco temerosos em ir. No entanto, com a intervenção do professor, logo se inseriram na atividade em que foram progredindo de uma velocidade mais lenta para uma mais veloz.

Em análise destas aulas, podemos considerar que ela se demonstrou relevante para a aprendizagem dos alunos. Apresentamos como uma alternativa para trabalhar o tema das PCAs quanto ao tipo de deslocamento rolamento, em realidades com poucos equipamentos.

No campo de uma pesquisa-ação aliada aos preceitos da metodologia crítico-superadora, conseguimos inserir estes alunos como sujeito que faz e produz sua história. Como síntese da organização de sua aprendizagem, conseguimos avançar no processo de assimilação e apropriação dos conhecimentos que trataram às PCAs.

A avaliação final desta aula consistiu em conversar com os alunos para fazer o fechamento do conteúdo. Ao relatarmos a relevância e a possibilidade de inserção das PCAs na escola, concluímos que os resultados dos nossos esforços, também deveriam ser pensados como forma de enfrentarmos como sujeitos ativos da ação, as desigualdades nas situações políticas, sociais e econômicas da nossa realidade concreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, intitulada "Práticas Corporais de Aventura - uma proposta de inclusão nas aulas de Educação Física", foi desenvolvida em uma escola da Rede Municipal de Educação de Goiânia, com alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. O objeto de análise deste estudo consistiu em desenvolver uma sequência didático-pedagógica do ensino das PCAs na escola.

Como produto desta síntese, apresentamos uma proposta de ensino das PCAs sistematizadas em uma Unidade Didática. A finalidade do referido produto, objetiva subsidiar àqueles professores de Educação Física que ainda não se consideram aptos a trabalharem com este conteúdo em suas aulas.

A questão-problema dessa investigação consistiu em identificar, sintetizar e analisar, como o ensino das PCAs aconteceu nas aulas e quais recursos didáticos, ferramentas, estruturas, espaços e materiais foram necessários para sua realização.

Logo, como suporte teórico metodológico para este estudo, sustentamo-nos na metodologia da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2009), e na metodologia crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 2009), para organização das nossas aulas. Estas metodologias se demonstraram ao longo deste processo, relevantes e passíveis de aplicabilidade prática nos estabelecimentos de ensino que dela queiram se apropriar. Como resultado geral desta escolha, podemos considerar que elas nos proporcionaram o avanço na consciência e no trabalho coletivo dos alunos, tornando as aulas instâncias de deliberação e participação dos sujeitos nela envolvidos.

Em relação à pesquisa-ação, a sua escolha se baseou na intencionalidade em instigar nos alunos uma formação de suas capacidades como sujeito que se inserem na história. Ao propor espaços de discussões e decisões nas aulas, percebemos uma crescente participação coletiva na resolução dos problemas que nos cercavam. A internalização destes princípios, como medida de democratização e participação das camadas mais desfavorecidas da sociedade, também devem prevalecer fora dos muros da escola, como fruto de sua subjetividade política e transformadora da realidade.

Como exemplo desta subjetividade política e participativa dos alunos, podemos relatar como princípio de um movimento social, a conquista de um espaço destinado às práticas de rolamento que lhe foi concedido pela escola. Esta ação, que partiu dos próprios alunos, fez-nos enfatizar nas aulas seguintes, a importância

do caráter reivindicatório, que é fruto dos espaços de diálogo e decisão e também da organização dos sujeitos.

Por outro lado, destacamos aqui que alguns alunos se isentaram de sua participação voluntária em algumas decisões. Mesmo instigados a relatarmos o que pensavam, percebemos que nem sempre eles se demonstravam abertos para expressar suas impressões sobre as aulas. No entanto, entendemos que a formação destes sujeitos é um processo contínuo, que talvez leve um pouco mais de tempo.

Desta forma, a pesquisa-ação como metodologia de pesquisa, nos pareceu relevante para despertar a formação de sujeitos históricos e participativos. Além do mais, oportunizou aos alunos o engajamento na realização e desfecho das atividades, tornando-o pertencente na construção, apropriação e sistematização do conhecimento das PCAs.

No que tange à metodologia crítico-superadora, podemos considerar que ao propor o tema das PCAs, houve uma ampliação do conhecimento dos alunos sobre as atividades que compõem a cultura corporal. Ao identificar que vários destes alunos nunca aprenderam este conteúdo na escola, oportunizamos através das aulas a reflexão e apropriação de mais uma produção corporal do ser humano em sua história.

Ao optar por esta metodologia de ensino, organizamos as aulas de forma a superar as relações tradicionais de ensino, tão criticados em nossa área. Ao nos situarmos como mediador do conhecimento, possibilitamos aos alunos sua constatação, interpretação e compreensão das PCAs, permitindo uma melhor síntese de seu pensamento, na medida em que iam se apropriando deste conhecimento sistematizado.

Apresentamos como limites o fato de não avançarmos no aprofundamento da relação deste tema com outros aspectos mais gerais da sociedade. Ao priorizarmos a pesquisa-ação na formulação e construção das aulas, nem sempre o tempo pedagógico foi suficiente para que estas discussões ocorressem. No entanto, consideramos que algumas conversas foram possíveis de se estabelecer neste sentido, como a relação entre as PCAs e a preservação ambiental, assim também como os custos financeiros destas práticas.

Em termos das práticas avaliativas, nos alinhamos numa perspectiva de superação da mera quantificação, seleção e performance dos alunos. A partir de uma prática avaliativa produtivo-criativa e reiterativa (COLETIVO DE AUTORES,

2009), houve a compreensão de que através delas, proporcionamos aos alunos através do seu esforço crítico, criativo e coletivo mediados pelo professor, a identificação e superação de seus conflitos no processo de ensino-aprendizagem.

Os instrumentos avaliativos que apresentamos na pesquisa, se demonstraram relevantes no processo de organização e síntese do pensamento. É importante ressaltar que eles não foram organizados em sentido de ser uma prova ou de quantificar a aprendizagem, mas como um instrumento onde fosse possível a troca de informações e conhecimentos do que foi aprendido pelos sujeitos. Apesar do tempo pedagógico para estas atividades em sala serem curtos, consideramos isto como um limite que pode ser superado através de uma aula específica, onde os alunos possam interagir com seus colegas e com o professor para uma melhor organização e síntese do que foi ensinado.

Ao utilizar dos passos de ensino desenvolvidos por Saviani (2009), consideramos que houve avanços entre a prática social inicial e final. O desenvolvimento da passagem da síncrese à síntese do pensamento sobre o conteúdo das PCAs nos permitiu concluir por meio dos instrumentos avaliativos aplicados, que uma parcela dos sujeitos conseguiu chegar expressar um conceito de aventura, de PCAs e seus princípios constituinte. Outra parcela conseguiu estabelecer a relação integral destes conceitos enquanto poucos não lograram chegar à síntese deste processo. Vale ressaltar que estes instrumentos foram aplicados no início do andamento da pesquisa.

No entanto, no decorrer das aulas, pudemos observar que a compreensão e a síntese de organização deste conteúdo, mesmo que de forma verbal, foram ganhando uma homogeneidade de compreensão destes conceitos. Consideramos que para uma melhor comprovação da passagem da síncrese para a síntese por parte do professor, talvez seja a aplicação dos mesmos instrumentos no final do conteúdo para estabelecer uma melhor relação entre estes fatores.

Considerando o ensino das PCAs, os resultados obtidos por este estudo nos permitiram concluir sobre sua viabilidade de ensino nas aulas de Educação Física. Em resposta à problemática apresentada, a pesquisa nos permitiu desenvolver algumas particularidades quanto ao ensino e os recursos necessários para sua implementação.

Em relação à forma pela qual elas podem ocorrer nas aulas, a pesquisa nos revelou que a organização por temas através dos sequenciadores de aula, se

demonstraram eficazes no planejamento do processo de ensino-aprendizagem das PCAs. Consideramos que o planejamento permitiu a visão da totalidade daquilo que se pretendia ensinar, se tornando necessário para que os objetivos fossem atingidos. Desta forma, apresentamos os sequenciadores de aulas como primeira ferramenta necessária nesse processo de organização do ensino.

Considerando que o desenvolvimento dos temas partiu de uma espiral ascendente de aprendizagem, que consistiu na apresentação do tema das PCAs até chegar na experimentação das PCAs quanto a forma de deslocamento, podemos considerar que esta sequência nos permitiu a visão de totalidade do que são as PCAs. Outro aspecto diz respeito à diversidade das atividades propostas: diferentemente de outros estudos mencionados neste trabalho, que possuem sua relevância, mas que se limitaram ao ensino de uma única atividade específica como conteúdo das PCAs na escola, nossa pesquisa revela a possibilidade de uma ampliação do leque destas práticas.

Este fator acaba sendo positivo por um lado e limitador por outro. Ao diversificar o conteúdo e as práticas realizadas, notamos uma maior presença da motivação dos alunos. Também ao longo deste processo, algumas atividades começavam a parecer desinteressantes. Neste momento partíamos para o próximo tema, onde os novos desafios geravam novamente a motivação dos alunos.

Como limites, apontamos que houve algumas atividades como o slackline, que necessitariam de um maior tempo pedagógico para sua assimilação. As três aulas propostas, nos pareceram poucas. Como alternativa para esta questão, diante do tempo que temos na escola, nos parece que seis aulas, seriam satisfatórias para atingir uma melhor compreensão/apropriação desta prática. E se elas puderem ser conjugadas em duas aulas seguidas, isto pode ser positivo na questão de ganho de tempo na montagem dos equipamentos e em um maior tempo de prática.

Sobre as práticas de deslizamento, consideramos que elas foram muito significativas para os alunos. As possibilidades de experimentação em vários ambientes e tipos de piso nos fizeram desenvolver uma característica importante nos aspectos cognitivos dos alunos: a sua capacidade de pensar e comparar situações, para chegar a uma conclusão. Desta forma, as atividades desenvolvidas no pátio da escola, onde o piso de granitina era mais apropriado para os deslizamentos, foram eleitos pelos alunos como melhor lugar em comparação aos outros. Também chegaram à conclusão de que colocar um papelão embaixo de um

tapete ou cobertor, é um elemento motivador para manobras mais arriscadas. Os patins de garrafas pets também se colocam muito interessantes e divertidos na confecção e aplicação nas aulas.

Em relação às práticas de rolamentos, entendemos que os materiais necessários como skates, patins, patinetes, bicicletas nem sempre são recursos disponíveis na escola. No entanto, é importante que o professor faça um diagnóstico, procurando levantar com seus alunos, as possibilidades de equipamentos disponíveis a fim de estabelecer sua organização para estas aulas.

Em realidades mais precárias onde não houver esta possibilidade, deixamos como alternativa a confecção de carrinhos de rolimã com os alunos. Esta atividade se apresentou interessante e participativa. Entendemos que ao proporcioná-la, despertamos em sua consciência a idéia de planejar, organizar e mesmo reutilizar materiais que iriam para o lixo. As aulas seguintes constituíram-se motivantes, divertidas e proporcionaram aos alunos, ganho de confiança e possibilidades de manobras arriscadas.

Apontamos como limites os custos dos rolamentos e dos materiais utilizados. No entanto, colocamos que são materiais que podem ser adquiridos pela própria escola, como material para as aulas de Educação Física. Destacamos que na internet, há vários vídeos explicativos que nos ensinam os passos para construir um carrinho e os materiais necessários. Para os professores que não se sintam seguros em construir com seus alunos, fica como proposta a possibilidade de solicitar a ajuda de pessoas com conhecimento específico, como foi o nosso caso.

Em relação à atividade de quedas, entendemos que o tempo pedagógico em uma aula, foi muito pouco para que pudéssemos assimilar melhor esta sensação e mesmo possibilitar a criação de novas atividades. Destacamos que a brincadeira em queda livre sobre os colchonetes se demonstraram muito divertidas e emocionantes para os alunos. Como limite, fica o fato de muitas escolas não possuírem colchonetes em quantidade necessária, mas como sugestão apontamos a adaptação de colchões de cama sobrepostos um no outro com uma proteção de lona para o desenvolvimento destas atividades.

Por fim, concluímos que o ensino das PCAs na escola é uma possibilidade real de aprendizagem. Sob à luz da metodologia crítico-superadora, ela trouxe avanços significativos no processo de apropriação do conhecimento, oportunizando ao aluno sua participação enquanto sujeito histórico. Destacamos que oportunizar a

organização das aulas onde o aluno tenha condições de se expressar e ser instigado a pensar sobre o conteúdo, ao invés de entregar tudo pronto, se faz necessário para que ele chegue à síntese de seu pensamento através de seu próprio esforço.

Quanto às ferramentas, recursos, espaços e materiais apontamos que a utilização de figuras impressas, data-show e cópias foram ferramentas importantes para o processo de assimilação, comparação e apropriação da síntese do conhecimento. Os espaços como a quadra, áreas arborizadas, o pátio e o gramado da escola nos permitiu transitar melhor para realização das atividades, testando e mesmo oportunizando uma maior diversificação de espaços que fogem da sala de aula. Os recursos como a reutilização de garrafas pets, tapetes, cobertores, papelões se demonstraram muito significativos para ressignificar o uso destes materiais. Sem contar que os materiais como colchonetes, slackline, skates, bicicletas, patins, cordas e patinetes se fizeram muito significativos para as aulas. Cabe a cada professor na medida do possível, empenhar em busca da apropriação destes materiais junto à escola em médio e longo prazo. Porém, na inviabilidade, consideramos que criar as condições de empréstimos junto aos alunos também é uma possibilidade real de proporcionar a aprendizagem destas práticas.

Chegamos à conclusão de que a riqueza deste trabalho de pesquisa se encontra no relato das atividades desenvolvidas, pelo qual, conjuntamente com os alunos, foi possível trilhar um percurso de construção das aprendizagens, mediadas por este conhecimento cientificamente sistematizado, colocando-o no centro do processo dos sujeitos nela envolvidas.

Desta forma, consideramos que as idéias apresentadas aqui podem ser utilizadas e mesmo reelaboradas por cada professor, diante de suas condições. Trata-se de uma proposta de Unidade Didática que busca instigar nos professores de Educação Física a inserção deste conteúdo em suas aulas, possibilitando a diversificação e democratização da cultura corporal existente e ricamente produzida na história da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Melina Silva. **Formação de professores e crise estrutural do capital: a necessidade histórica de uma formação para a transição de modo de produção e reprodução da vida**. 2015. 349 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ALVES, Carla da Silva Reis; CORSINO, Luciano Nascimento. **O parkour como possibilidade para a educação física escolar**. Motrivivência, Florianópolis, n. 41, p. 247-257, nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p247>. Acesso em: 21 set. 2018.

ARMBRUST, I; LAURO, F. A. A. **O skate e suas possibilidades educacionais**. Motriz: rev. educ. fís. 2010, vol. 16, n.3, pp. 799-807. jul/set. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-65742010000300028&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 21 out. 2018.

BARRETO, Rosivalda dos Santos. Educação Física e projeto de aprendizagem: uma experiência na escola pública em Salvador/Bahia. In: **Currículo e educação física: formação de professores e prática pedagógica nas escolas** / Org. Reiner Hildebrandt-Stramann, Celi Zülke Taffarel. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. 472 p. - (Coleção educação física).

BATISTA, Alisson Pereira et all. O mundo das telas e a cultura mediada. In: ARAÚJO, Allysson Carvalho; BATISTA, Alisson Pereira; OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas. **Vamos pensar as mídias na escola?** Natal, RN: EDUFRN, 2016.

BETRÁN, J. O. BETRÁN, A.O. **Propuesta de una clasificación taxonómica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza**: marco conceptual y análisis de los critérios elegidos. APUNTS, Educación Física y Deportes. V.41, 1995, p. 108-123.

BOCCHINI, Daniel; MALDONADO, Daniel Teixeira. **Andando sobre rodas nas aulas de Educação Física Escolar**. Motrivivência, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 277-286, nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2014v26n43p277>. Acesso em: 17 out. 2018.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (Versão final) 2017**. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/06/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. - Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRITO, Thiago. Marx e Lukács: a relação sociedade e natureza. In: **CEMARX. 6º colóquio internacional Marx e Engels**. Unicamp: 2009. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2009/trabalhos/marx-e-lukacs-a-relacao-sociedade-e-natureza.pdf. Acesso em: 16 de ago. 2019.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

CAUPER, D.A.C. **O ensino do esporte orientação na escola: possibilidades e limites de uma proposta à luz da metodologia crítico-superadora**. 2018. 388 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8800>. Acesso em: 18 ago. 2019.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. 2º Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

DARIDO, S. C. Diferentes Concepções sobre o Papel da Educação Física na Escola. In: Suraya Cristina Darido. (Org.). **Cadernos de Formação: Conteúdos e Didática de Educação Física**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, v. 1, p. 34-50.

DARIDO, S.C.; TAHARA, A.K. **Práticas corporais de aventura em aulas de Educação Física na escola**. Conexões. Campinas, v.14. n. 12 p. 113-136, abr/jun 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8646059>. Acesso em: 12 out. 2018.

FRANÇA. Dilvano Leder. **Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental**. 2016. 220 f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45271/R%20-%20D%20-%20DILVANO%20LEDER%20DE%20FRANCA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 set. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4º ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, Fernando. J. **Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica**. In: Unesp: mestrado profissional em Educação Física em rede nacional, 2018. Acesso restrito.

GUTIÉRREZ, Francisco. **Educação como práxis política**. São Paulo: Summus, 1988.

INÁCIO, Humberto L. D. Práticas corporais de aventura na natureza. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014. - 680 p. - (Coleção educação física).

INÁCIO, Humberto L. D. Bastidores das práticas corporais de aventura na natureza. In: SILVA, A. M.; DAMIANI, I. R. (Org.). **Práticas corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana**. 1º. ed. Florianópolis: Nauemblu Ciência e Arte, v. 3, 2005b, p. 69-87.

INÁCIO, Humberto L.D et al. **Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular**. Motrivivência, Florianópolis, v.28, n.48 p.168-187, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p168>. Acesso em 11 nov. 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática e trabalho docente: a mediação do professor nas aulas**. Goiânia: PUC Goiás, 2018. (Trata-se de material de apoio da Disciplina Teoria da Educação e Processos Pedagógicos (NEE0041), publicado no site do docente. Disponível em: <<https://goo.gl/ipTt8h>>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MACHADO, Lídia Ferreira. **Práticas corporais de aventura [na natureza] na Educação Física Escolar: limites e possibilidades?** 2014, 50 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física e Dança - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

MARTINS, André Silva. Sobre a função e especificidade da educação escolar no mundo contemporâneo. In: REIS, Adriano de Paiva et al. **Pedagogia histórico-crítica e educação física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. Manifesto do partido comunista. In: LASKI, Harold J. **O manifesto comunista de Marx e Engels**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Biblioteca de cultura histórica, 1978.

MELLO, Rosângela Aparecida. **A necessidade histórica da Educação Física na escola: os impasses atuais**. São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

MOURA, Diego Luz e SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. **Esporte de risco e risco no esporte: uma análise do risco percebido no voo livre**. Rev. educ. fis. UEM (online). 2014, vol. 25, n.1, pp. 53-65. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-30832014000100053&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 17 de ago. 2019.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **Slackline: vivências acadêmicas na educação física**. Motrivivência, Florianópolis, n. 41, p. 223-233, nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p223>. Acesso em: 13 out. 2018.

PEREIRA, Dimitri Wuo e ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

REIS, et al. Limites e possibilidades da discussão sobre didática da Educação Física. In: REIS, Adriano de Paiva et al. **Pedagogia histórico-crítica e Educação Física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

REIS, et al. O ensino da Educação Física e a formação de sujeitos históricos: em busca dos fundamentos teóricos e metodológicos. In: REIS, Adriano de Paiva et al. **Pedagogia histórico-crítica e Educação Física**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. - (coleção Polêmicas do nosso tempo, 5)

SAVIANI, Dermeval. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: SAVIANI, Dermeval & LOMBARDI, José Claudinei. **Marxismo e educação** - debates contemporâneos. Campinas, SP: Autores Associados: Histeder, 2005.

SCHERER, Alexandre. Os cuidados metodológicos da pesquisa participante na escola. In: NETO, Vicente Molina; BOSSLE, Fabiano. **O ofício de ensinar e pesquisar na educação física escolar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. **Projeto político pedagógico da Escola Municipal Dalísia Elizabeth Martins Doles**. Goiânia: Prefeitura de Goiânia, 2019.

SILVA et al. **O sequenciador de aulas como possibilidade de organização e sistematização dos conteúdos da disciplina Educação Física**. Revista Didática Sistêmica, v. especial, n. 1, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. - (Coleção educação contemporânea).

SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; ESCOBAR, Micheli Ortega. A Educação Física escolar na perspectiva do Século XXI. In: GEBARA, Ademir et al. **Educação Física & Esportes**: perspectivas para o Século XXI. Campinas, SP: Papirus, 1992. - (Coleção corpo e motricidade).

SOUSA, Caroline Castro. **Possibilidades de inserção das práticas corporais de aventura na escola**: uma experiência em uma escola da rede municipal de Goiânia. 2014, 73 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física e Dança - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 17^o ed. - São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos da pesquisa-ação).

UNESP. **Regimento geral** - PROEF. In: https://www.fct.unesp.br/Home/Pos_Graduacao/-educacaofisica/regimento-geral-proef.pdf. Acesso em 21 ago. 2019.

APÊNDICE A - UNIDADE DIDÁTICA DE ENSINO DAS PCAS

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)				
Escola: _____		Turma: _____		
Professor: _____				
Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.				
Aula 1: Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura				
Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Compreender o conceito da palavra aventura e o que caracteriza uma situação de aventura	Figuras de pessoas em situações de aventura e não aventura	<p>No primeiro momento iremos apresentar o conteúdo que será trabalhado no trimestre. E o primeiro passo é saber qual o significado da palavra aventura.</p> <p>Logo em seguida formaremos grupos de 3 pessoas onde entregaremos algumas figuras de situações do cotidiano e outras de práticas corporais de aventura. Após a observação das figuras, será solicitado aos alunos que separem em um cartaz anexado ao chão, quais são as situações que indicam aventura e quais não indicam. Será feito uma roda de conversa logo em seguida para identificar quais são os elementos compõem uma situação de aventura.</p> <p>No momento final da aula, será entregue uma ficha conceitual onde os alunos irão escrever o que entenderam sobre o significado de aventura. (Caso não dê tempo para aplicar esta atividade, ela pode ser desenvolvida na aula 4).</p>	<p>A avaliação da atividade se dará por meio da pergunta: “porque estas práticas são de aventura e aquelas não são?”</p> <p>Outra atividade avaliativa será o preenchimento da ficha conceitual (Apêndice B) sobre o que é aventura para os alunos após a conversa inicial.</p>

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)

Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.

Aula 2: Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura

Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Compreender os elementos constituintes das PCAs quanto ao tipo de ambiente, sentido e deslocamento	Figuras de pessoas em situações de aventura e não aventura	Identificar os ambientes onde ocorrem determinadas práticas corporais, o seu sentido e a forma de deslocamento. Organização em grupos que receberão fotografias e figuras de diversas práticas corporais de aventura, com debate sistematizando as informações de acordo com o ambiente (terra, água e ar), deslocamento (deslizamento, andar/correr, rolamento, queda) e sentido (horizontal, vertical, diagonal). As questões para debate serão: Em qual ambiente estas práticas estão acontecendo? De que forma esta pessoa está se deslocando/movimentando? Em qual sentido está acontecendo o movimento/deslocamento? Esta atividade coletiva pode ser realizada fora do ambiente da sala de aula, onde os alunos se auxiliam nas respostas das atividades.	A avaliação será por meio da participação oral. Os alunos serão colocados em uma situação onde a observação, análise e conceituação dos elementos propostos farão parte da composição da totalidade de sua compreensão, através da sistematização expressa no desenvolvimento das atividades.

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)

Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.

Aula 3: Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura

Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Identificar e conhecer a diversidade de práticas corporais de aventura urbanas e da natureza, através de apresentação de vídeos	Data-show	<p align="center">Desenvolvimento Metodológico:</p> <p>Apresentação de uma série de vídeos de livre acesso obtidos na internet, demonstrando a variedade de práticas corporais de aventura que ocorrem nos espaços urbanos e na natureza (terra, água e ar). Os vídeos podem ser baixados no YouTube e organizá-los, se assim desejar, em pastas com PCAs na terra, na água e no ar.</p> <p>Sugere-se que no momento da demonstração, o professor dialogue com os alunos perguntando em que ambiente estas práticas estão acontecendo, qual sentido elas ocorrem e qual o tipo de deslocamento está acontecendo. Isso colabora na percepção e sistematização do conhecimento por parte do aluno.</p> <p>Ao final da aula deve ser realizada uma conversa sobre o que foi aprendido nestas primeiras aulas e qual prática eles mais gostaram de assistir.</p>	<p align="center">Avaliação</p> <p>A avaliação será por meio da participação oral. Os alunos serão colocados em uma situação onde a observação, análise e conceituação dos elementos propostos farão parte da composição da totalidade de sua compreensão, através da sistematização expressa no desenvolvimento das atividades.</p>

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)

Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.

Aula 4: Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura

Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Identificar e sistematizar as PCAs por meio de registros escritos e em desenhos.	Xerox de atividades (Apêndice C e D)	<p align="center">Desenvolvimento Metodológico:</p> <p>Os alunos - em grupos, desenvolvem atividades de sistematização do conhecimento que foi aprendido nas aulas iniciais.</p> <p>Em duplas ou trios, podendo um ajudar o outro, os alunos responderão as questões propostas apresentadas em uma folha com as atividades (Apêndice C e D). O professor também auxilia os alunos, fazendo-os refletir quando houver as dúvidas sobre as questões propostas.</p>	<p align="center">Avaliação</p> <p>A avaliação se dá a partir da percepção dos alunos sobre os vídeos assistidos e de uma produção escrita e artística em forma de desenho de alguma atividade de prática corporal de aventura que ocorra na terra, no ar e na água, com seus respectivos nomes e de acordo com a classificação aprendida.</p>

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)

Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.

Aulas de 5 a 7: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Deslizamento

Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Experimentar e vivenciar brincadeiras que simulem situações de aventura por meio de deslizamento na superfície.	Garrafas Pets, Cordinhas, Tesoura, papelão, Tapetes ou cobertores	<p align="center">Desenvolvimento Metodológico:</p> <p>Vivenciar e experimentar atividades que simulem as práticas corporais de aventura realizadas por meio de deslizamentos. O professor pode iniciar lembrando algumas PCAs demonstradas na aula 3, questionando quais PCAs de deslizamento podem ser desenvolvidas na escola e quais materiais podem ser adaptados.</p> <p>Confecção de um patins de garrafas pets, conforme demonstrado nas figuras 5 e 6 deste trabalho.</p> <p>Os alunos - divididos em pequenos grupos ou duplas, são incentivados a praticarem livremente em um espaço que possibilite um fácil deslizamento.</p> <p>Para as aulas seguintes se pode utilizar papelões com tapetes grandes por cima para simular atividades de deslizamento. Os alunos são estimulados a fazerem manobras, com a ajuda de um ou mais alunos puxando ou empurrando (figuras 9 e 10).</p> <p>Uma pausa na aula pode servir para compartilhar experiências através de perguntas como qual a melhor maneira de se deslizar, qual melhor posição do corpo e etc.</p> <p>Pode ser solicitado aos alunos que relacionem estas práticas com algumas PCAs aprendidas nos vídeos da aula 3.</p>	<p align="center">Avaliação</p> <p>O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.</p>

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)

Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.

Aulas de 8 a 10: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Andar/Correr

Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Experimentar e vivenciar a atividade do slackline quanto ao tipo de deslocamento e andar.	Slackline	<p align="center">Desenvolvimento Metodológico:</p> <p>Vivenciar atividades que simulem as práticas corporais de aventura realizadas por meio do andar. Neste caso - o Slackline.</p> <p>Mapear os equipamentos disponíveis na escola ou por empréstimo que permita um bom desenvolvimento do trabalho.</p> <p>Contextualizar a história do slackline e suas variações. Logo, fazer uma relação com a natureza e o ambiente onde elas acontecem, principalmente sobre o uso das árvores que sustentam o equipamento.</p> <p>Instalação/montagem do equipamento em uma área da escola que permita a sua utilização. Envolver os alunos na montagem e desmontagem deste equipamento, delegando funções ao mesmo tempo em que demonstra sobre sua utilização.</p> <p>Após a montagem, solicitar aos alunos que andem com a ajuda de uma ou duas pessoas ao lado, auxiliando no caminhar sobre a fita (figura 12).</p> <p>Amarrar uma corda acima do slackline, permitindo que o aluno se apoie enquanto caminha (figura 13). É importante pausar certos momentos da aula e questionar os alunos sobre a melhor posição do corpo, a posição do pé e das mãos enquanto caminha, o dobrar ou não o joelho e etc.</p> <p>O slackline pode ser trabalhado entre 3 a 5 aulas, dependendo do desenvolvimento dos alunos.</p>	<p align="center">Avaliação</p> <p>O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação do corpo no slackline.</p>

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)

Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.

Aulas de 11 a 13: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Rolamento.

Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Experimentar PCAs quanto ao tipo de deslocamento rolamento por meio de skates, patins, patinete, bicicleta e carrinho de rolimã.	Skate, patins, patinete, bicicleta, carrinho de rolimã.	<p align="center">Desenvolvimento Metodológico:</p> <p>O material utilizado para estas aulas pode ser mapeado pelo professor, através das conversas com seus alunos, obtendo-se equipamentos para o desenvolvimento das aulas. Conclamar alunos que já possuem um domínio da prática para colaborar no processo pedagógico. Apresentar os equipamentos, mostrar as partes que os constituem, a forma de subir e equilibrar, a posição do corpo em relação ao deslocamento.</p> <p>Estas aulas devem ser realizadas em espaços amplos que possuem uma calçada que permita o rolar dos equipamentos como uma quadra ou outros. Os cuidados com a segurança e o trânsito dos equipamentos também devem ser observados pelo professor e pelos alunos, afim de minimizar riscos. Para estas aulas pode-se encontrar tutoriais de ensino em vídeos na plataforma YouTube.</p> <p>Para a bicicleta e o carrinho de rolimã, pode-se oportunizar aos alunos andarem livremente buscando manobras mais arriscadas. Estas aulas podem ser realizadas com o uso de todos estes equipamentos, fazendo um rodízio entre os alunos e permitindo a diversificação destas experiências. Realizar conversa ao final sobre as possibilidades de aprendizagem nestes equipamentos, e qual deles os alunos acharam mais interessantes.</p>	<p align="center">Avaliação</p> <p>O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando a compreensão das possibilidades de movimentação do corpo nos equipamentos de rolamento.</p>

Unidade Didática: Introdução às Práticas Corporais de Aventura (PCAs)

Escola: _____ Turma: _____

Professor: _____

Objetivo Geral: Promover um primeiro contato sistematizado com as PCAs, possibilitando aos alunos identificar seus elementos constituintes e experimentar algumas delas.

Aulas de 14 e 15: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Queda livre.

Objeto do conhecimento	Objetivos específicos	Recursos Didáticos	Metodologia	Avaliação
Práticas Corporais de Aventura	Experimentar PCAs que promovam a sensação de cair em queda.	Colchonete Mesa	<p align="center">Desenvolvimento Metodológico:</p> Utilizar de vários colchonetes que absorvam a queda dos alunos. Organizar os colchonetes um sobre o outro, em um local específico. Disponibilizar o material próximo a um lugar que possua uma plataforma mais elevada, como uma mesa por exemplo. Solicitar aos alunos que ao subir nesta plataforma se "joguem" sobre os colchonetes de várias formas (figura 19). Problematizar aos alunos sobre as questões de segurança que devem observar nesta atividade. Após a experimentação, abrir para o debate sobre as sensações e a vivência de se deslocar em queda.	<p align="center">Avaliação</p> O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação do corpo durante as quedas.

APÊNDICE C - FICHA DE CATÁLOGO DOS ELEMENTOS CONSTITUINTES DAS
PCAS.

Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Doles
Disciplina: Educação Física
Professor:
Turma:
Nomes:

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

1) De acordo com o que vocês viram nas figuras apresentadas responda:

A - Em que ambiente estão acontecendo estas práticas corporais de aventura? Em quais elementos da natureza elas estão sendo realizadas? Dê 3 exemplos de práticas corporais de aventura que acontecem em cada um destes elementos da natureza.

<i>Elemento:</i>	<i>Elemento:</i>	<i>Elemento:</i>
1.	1.	1.
2.	2.	2.
3.	3.	3.

B - Quais são os tipos de deslocamento que estas pessoas estão realizando nestas práticas corporais de aventura? Dê exemplos de uma prática de cada tipo de deslocamento.

1 -	2 -	3 -	4 -
<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>
<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>

C - Em relação ao sentido que elas estão se locomovendo, de um lado para outro (horizontal), de cima para baixo (vertical) e inclinado (diagonal) indique 2 práticas corporais de aventura que se enquadram nestes aspectos.

1 - Horizontal	2 - Vertical	3 - Diagonal
<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>
<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>	<i>Ex:</i>

2 - Depois das atividades iniciais, explique o que seria uma Prática Corporal de Aventura.

APÊNDICE D - FICHA DE DESENHO

Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Doles

Disciplina: Educação Física

Professor:

Turma:

Nome: _____

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

1) De acordo com o que assistimos nos vídeos apresentados sobre o tema das práticas corporais de aventura, faça um desenho no espaço indicado de qual prática de aventura você mais gostou que ocorre no ambiente da terra, da água e do ar.

TERRA

NOME DA PCA:

ÁGUA

NOME DA PCA:

AR

NOME DA PCA:

APÊNDICE E - FICHA DE PESQUISA SOBRE CARRINHO DE ROLIMÃ

INSTRUMENTO DE PESQUISA - CARRINHO DE ROLIMÃ

NOME: _____
 _____ TURMA: ____

QUAIS MATERIAIS SERÃO NECESSÁRIOS PARA REALIZAR A CONSTRUÇÃO DE UM CARRINHO DE ROLIMÃ? MAPEIE ABAIXO O NOME E A QUANTIDADE DE MATERIAIS NECESSÁRIOS.

QUANTIDADE	MATERIAIS NECESSÁRIOS

DESCREVA OS PASSOS DE COMO PODEMOS INICIAR A CONSTRUÇÃO DO CARRINHO DE ROLIMÃ.

1º PASSO	
2º PASSO	
3º PASSO	
4º PASSO	
5º PASSO	
6º PASSO	
7º PASSO	
8º PASSO	

FAÇA UM ESBOÇO EM FORMA DE DESENHO DE UM CARRINHO DE ROLIMÃ NO ESPAÇO ABAIXO. COLOQUE SE POSSÍVEL AS DIMENSÕES E TAMANHOS PARA NOS ORIENTARMOS.

APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.

QUESTIONÁRIO SÓCIO CULTURAL PARA DIAGNÓSTICO INICIAL SOBRE AS
PRÁTICAS COPORAIS DE AVENTURA

Nome da escola: _____

Nome do aluno: _____

Turma: _____

Idade: _____

Sexo: () Masculino () Feminino

1. Em qual estado você nasceu?

() Goiás

() outro. Qual? _____

2. Você mora próximo da escola?

() sim() não

3. Há quanto tempo mora na região onde se localiza sua escola?

() menos de 1 ano

() de 1 a 2 anos

() de 3 a 4 anos

() de 5 a 6 anos

() mais de 6 anos

3. Há quanto tempo estuda nesta escola?

() menos de 1 ano

() de 1 a 2 anos

() de 3 a 4 anos

() de 5 a 6 anos

() mais de 6 anos

4. Como você vem para a escola?

() a pé. () de carro. () de moto. () de bicicleta. () de ônibus. () transporte escolar

() outros - quais? _____

5. Você vem acompanhado com alguma pessoa para escola? Quem?

() sozinha. () pai. () mãe. () amigos.

() outros - quem? _____

6. Você se alimenta antes de vir para escola?

() sim() não

7. Você já ouviu falar em Práticas Corporais de aventura ou Esporte de aventura?

() sim() não

8. Em sua opinião o que seria uma prática corporal de aventura?

9. Em relação às práticas corporais, você pratica alguma delas fora do ambiente escolar?

() sim() não

Se sim, quais?

() esporte - qual? _____

() dança

() ginástica

() lutas - qual? _____

() jogos e brincadeiras - em que lugar? _____

() práticas corporais de aventura - quais? _____

() artes circenses

() outras - quais? _____

10. Se não, por qual motivo você não pratica atividades corporais fora da escola?

11. O que você acha das aulas de educação física em sua escola? Explique.

12. Marque nas opções abaixo qual prática corporal que você ainda não aprendeu nas aulas de educação física escolar. Pode marcar mais de uma.

() dança. () esporte. () ginástica. () lutas. () práticas corporais de aventura.
() jogos e brincadeiras. () artes circenses.

13. Marque nas opções abaixo qual prática corporal você gostaria de aprender nas aulas de educação física escolar. Pode marcar mais de uma.

() dança. () esporte. () ginástica. () lutas. () práticas corporais de aventura
() jogos e brincadeiras. () artes circenses.

14. Você marcou as práticas corporais de aventura?

() sim. () não - porque? _____

15. Como você se sentiria em participar de atividades em que tivessem riscos e perigos?

16. O que você entende por riscos e perigo?

17. Você concorda que estas práticas corporais de aventura podem ser apreendidas na escola?

() sim. () não - porque? _____

18. Você conhece o nome de alguma prática corporal de aventura?

() sim - qual? _____
() não

19. Em sua opinião quais emoções e sentimentos sentimos diante de uma atividade de aventura?

20. Você se considera uma pessoa?

insegura. medrosa. nem confiante e nem medrosa.

confiante. corajosa.

APÊNDICE G - SEQUENCIADORES DE AULAS.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles Ciclo II - Matutino Turma: 6º Ano Disciplina: Educação Física Professor: Gleison Gomes de Moraes Sequenciador de Aulas				
<i>Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura</i>				
<i>Aula de número: 01</i>				
<i>Recursos Materiais: Cartolina, figuras de aventura e do dia a dia, fita adesiva e papel.</i>				
<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
O que é Aventura?	Conhecer e conceituar os significados da palavra aventura	1 Aula 17/05	<p>No primeiro momento iremos apresentar o conteúdo que será trabalhado no trimestre. E o primeiro passo é saber qual o significado da palavra aventura.</p> <p>Logo em seguida formaremos grupos de 3 pessoas onde entregaremos algumas figuras de situações do cotidiano e outras de práticas corporais de aventura. Após a observação das figuras, será solicitado aos alunos que separem em um cartaz anexado ao chão, quais são as situações que indicam aventura e quais não indicam. Será feito uma conversa logo em seguida sobre o porquê estas ou aquelas situações indicam aventura.</p> <p>No momento final da aula, será entregue uma ficha conceitual onde os alunos em dupla, irão escrever o que entenderam sobre o significado de aventura.</p>	<p>A avaliação da atividade se dará por meio da participação oral dos alunos através da pergunta porque estas práticas são de aventura e aquelas não são?</p> <p>A outra atividade avaliativa será o preenchimento da ficha conceitual sobre o que é aventura para os alunos após a conversa inicial.</p>

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de Número: 02

Recursos Materiais: Figuras de aventura no ar, terra e água, papel pardo, fita adesiva, cola e cartolina.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura.	Identificar e conhecer o conceito de PCA, reconhecendo suas categorias como o ambiente, o sentido e o tipo de deslocamento em que elas ocorrem.	1 Aula (1 hora) 22/05	<p>Nesta segunda aula iremos propor a identificação dos ambientes onde ocorrem determinadas práticas corporais, o seu sentido e a forma de deslocamento.</p> <p>Será organizado grupos que receberão fotografias e figuras de diversas práticas corporais de aventura. Após um momento iremos propor o debate onde iremos sistematizar as informações de acordo com o ambiente, deslocamento e sentido.</p> <p>No momento final cada aluno receberá uma Ficha de Catalogação onde farão o registro por escrito de acordo com algumas perguntas como: Em qual ambiente estas práticas estão acontecendo? De que forma esta pessoa está se deslocando/movimentando? Em qual sentido está acontecendo o movimento/deslocamento? Será uma atividade coletiva podendo um ajudar ao outro nas respostas das atividades.</p>	A proposta de avaliação será a partir da categoria de "Conduta Humana" proposta no livro Metodologia do Ensino da Educação Física, onde os alunos serão colocados em uma situação onde a observação, análise e conceituação dos elementos propostos farão parte da composição da totalidade de sua conduta humana, através da sistematização expressas no desenvolvimento destas atividades.

Escola Municipal Professora Dalisia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de Número: 03

Recursos Materiais: Vídeos do youtube, datashow.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura.	Identificar e conhecer a diversidade de práticas corporais de aventura urbanas e da natureza, através de apresentação de vídeos.	1 Aula (1 hora) 29/05	<p>Nesta terceira aula será organizada a apresentação de uma série de vídeos retirados da internet, demonstrando a variedade de práticas corporais de aventura que ocorrem nos espaços urbanos e na natureza (terra, água e ar). No decorrer dos vídeos, será lembrado os conceitos trabalhados na aula anterior quanto o sentido, o deslocamento e o ambiente onde as atividades ocorrem.</p> <p>Ao final da aula será feito uma conversa sobre o que foi aprendido neste início de trimestre e será disponibilizado uma atividade avaliativa para casa sobre o tema trabalhado. A atividade avaliativa será uma produção artística em forma de desenho sobre uma prática corporal de aventura que ocorra na terra, na água e no ar.</p>	A proposta de avaliação será a partir da percepção dos alunos sobre os vídeos assistidos e de uma produção artística em forma de desenho sobre uma atividade de prática corporal de aventura que ocorra na terra, no ar e na água, com seus respectivos nomes e de acordo com a classificação aprendida.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de Número: 04

Recursos Materiais: Garrafas Pets/Corda ou barbante.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: Deslizamentos.	Experimentar e vivenciar brincadeiras que simulem situações de aventura por meio de deslizamento na superfície.	1 Aula (1 hora) 31/05	<p>Para esta aula, explicaremos o objetivo inicial de se vivenciar e experimentar atividades que simulem as práticas corporais de aventura que são realizadas por meio de deslizamentos.</p> <p>Será realizadas conversas sobre quais práticas de deslizamento foram repassadas na aula anterior através dos vídeos, e quais poderiam ser realizadas na escola. Será perguntado quais materiais poderá ser utilizado para construirmos e experimentarmos estas práticas.</p> <p>No segundo momento será proposto a construção de um patins feito com garrafas pets.</p> <p>No terceiro momento, após a confecção dos materiais, será realizada a experimentação das brincadeiras, simulando algumas práticas corporais de aventura de deslizamento e incentivando a criação de movimentos que se aproximem das situações e das práticas de deslizamento.</p>	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de Número: 05

Recursos materiais: Papelão, tapetes ou cobertas.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: Deslizamentos.	Experimentar e vivenciar brincadeiras que simulem situações de aventura por meio de deslizamento na superfície.	1 Aula (1 hora) 05/06	<p>Para esta aula nos utilizaremos de materiais como papelão, tapetes, feltros ou cobertores. Todo este material será solicitado com antecedência pelo professor junto aos alunos.</p> <p>No primeiro momento explicaremos o objetivo da aula e como se dará a nova brincadeira.</p> <p>Em grupos mistos, serão organizados em volta de um dos materiais (papelão, cobertor, tapete e etc) uma brincadeira onde os participantes terão que transportar uma pessoa sobre o material, fazendo com que este se deslize pelo local da atividade. Logo após será feito o revezamento de alunos para que todos possam vivenciar a atividade.</p> <p>No momento final, será realizada uma conversa sobre a atividade, onde os alunos colocarão suas impressões sobre como foi a brincadeira e com que prática corporal de aventura ela se identificaria de acordo com o que assistimos nos vídeos da aula 3.</p>	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 06

Recursos Materiais: Papelão, patins de garrafas, água.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: Deslizamentos.	Experimentar e vivenciar brincadeiras que simulem situações de aventura por meio de deslizamento na superfície com água.	1 Aula 07/06	Para esta aula faremos uma experimentação das práticas corporais de aventura quanto ao tipo de deslocamento deslizamento numa superfície molhada. A sugestão é que estas experimentações sejam realizadas na grama molhada, de acordo com a conversa que tivemos na aula anterior com os alunos. Molharemos o gramado perto do pátio da escola, onde logo em seguida iremos experimentar se será viável ou não este tipo de superfície para realizar brincadeiras que possam se deslizar neste tipo de espaço. Finalizaremos procurando verificar por meio de conversas com os alunos se a experiência foi positiva e quais as falhas que podem ser resolvidas.	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 07 e 08

Recursos Materiais: Slackline e corda

Referências Bibliográfica: BARROS, Daniel Ferreira de. O slackline: do surgimento a evolução e seus benefícios. In: EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, Año 19, nº 202, marzo de 2015. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd202/o-slackline-do-surgimento-a-evolucao.htm>. Acesso em 11/06/2019.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: correr e andar.	Conhecer e experimentar a prática do slackline, conversando sobre sua história e descobrindo possibilidades de equilíbrio.	1 Aula 19/06	Nesta aula discutiremos com os alunos a prática do slackline. Na primeira aula iremos conversar com os alunos sobre a história do slackline, bem como os seus benefícios para o desenvolvimento das dimensões que constituem o ser humano. Utilizaremos para esta aula o artigo <i>O Slackline: do surgimento a evolução e seus benefícios</i> (BARROS, 2015) como suporte teórico para conversa com os alunos. A conversa será a partir das categorias que o autor apresenta em seu texto como história, modalidades e benefícios. A conversa se dará sempre buscando o diálogo com o que os alunos sabem sobre o assunto, incentivando-os a pensarem em estratégias para a prática do slackline bem como procurando entender sua importância. Na segunda parte da aula iremos para a área	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

			<p>arborizada da escola onde iniciaremos o ensino e o manuseio do equipamento e sua utilização, assim como a importância em relação às formas de preservação do espaço da natureza e também sobre os procedimentos de segurança da prática do slackline.</p> <p>Será solicitados aos alunos que andem livremente com ou sem ajuda pelo slackline, procurando seu melhor ponto de equilíbrio.</p> <p>Por fim faremos uma reflexão sobre a aula e também a continuidade sobre o tema para o próximo encontro.</p>	
--	--	--	---	--

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 09

Recursos Materiais: Slackline e corda

Referências Bibliográfica: PEREIRA, Dimitri Wuo. **Slackline: vivências acadêmicas na educação física.** Motrivivência, Florianópolis, n. 41, p. 223-233, nov. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p223>. Acesso em: 11 jun. 2019.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: correr e andar.	Conhecer e experimentar a prática do slackline, descobrindo meios e formas de andar e se equilibrar.	1 Aula 26/06	Para esta aula iniciaremos com um feedback da aula anterior sobre história e conceitos a partir do que foi conversado com os alunos. Iniciaremos indo posteriormente para a área arborizada da escola para fazer a instalação dos equipamentos do slackline (3 no total) conforme foi ensinado na aula anterior. Será cobrado que os próprios alunos façam a instalação do equipamento com a orientação do professor supervisionando o processo. Logo após iremos fazer o uso do equipamento solicitando aos alunos que pensem em estratégias para o uso e equilíbrio no slackline, testando suas possibilidades de andar sobre a fita. Será registrado em diário de campo e por meio de fotos/vídeos as formas que os alunos decidirem ser melhor para se andar.	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 10

Recursos Materiais: Seminário de pesquisa ação

Referências Bibliográfica: THIOLLENT. Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 17º ed. - São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos da pesquisa-ação).

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Seminário de Pesquisa Ação	<p>Promover um espaço de debate e discussão sobre o andamento da pesquisa e das atividades realizadas;</p> <p>Elaborar e organizar as atividades pensadas no seminário inicial da pesquisa.</p>	1 Aula 07/08	<p>Nesta aula será realizado um espaço de debate onde os alunos e o professor farão uma conversa avaliativa sobre o andamento da pesquisa, procurando ouvir dos participantes seus apontamentos, críticas e também o planejamento e a organização das possíveis atividades que ainda vão ser realizadas nas aulas posteriores.</p> <p>Será realizada uma conversa a partir de perguntas como: O que vocês estão achando até agora das atividades realizadas? Como podemos organizar as atividades que ainda faltam para realizar e que foram pensadas no último seminário (skate, patins, parkour, carrinho de rolimã, atividade com água)?</p> <p>Desta conversa, buscaremos tirar diretrizes para construção coletiva das ações e atividades que ainda faltam e de acordo com o tempo.</p>	A avaliação será realizada a partir do registro em áudio e por escrito dos apontamentos realizados pelos alunos na conversa em grupo.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles Ciclo II - Matutino Turma: 6º Ano Disciplina: Educação Física Professor: Gleison Gomes de Moraes				
Seqüenciador de Aulas				
<i>Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura</i>				
<i>Aula de número: 11</i>				
<i>Recursos Materiais: Patins</i>				
<i>Referências Bibliográfica:</i> COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012. THIOLLENT. Michel. Metodologia da pesquisa-ação . 17º ed. - São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos da pesquisa-ação).				
<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: Rolamento.	Conhecer e experimentar o patins enquanto elemento de aventura sobre rolamentos.	1 Aula 09/08	Conforme discutido e decidido coletivamente na aula 10 (Seminário de Pesquisa Ação) esta aula será organizada pelo professor e contará com a ajuda de 6 alunas que se dispuseram a compartilhar a sua experiência e vivência com o patins. Neste mesmo seminário, ficaram dos alunos levarem seus patins para a aprendizagem dos outros alunos na aula. Decidimos que os alunos apresentariam o que é o patins e como foram que iniciaram sua aprendizagem para conseguir o equilíbrio e os primeiros movimentos de rolar sobre este objeto. Ao final da aula será realizada uma conversa para refletirmos sobre a ação das atividades realizadas.	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 12 e 13

Recursos Materiais: Patins, skate, bicicleta, patinete.

Referências Bibliográfica: COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: Rolamento.	Conhecer e experimentar o patins, o skate, o patinete e outras práticas corporais de aventura enquanto elemento de aventura sobre rolamentos.	2 Aulas 14/08 16/08	Esta aula será continuidade das PCAS de rolamento. No entanto, acrescentaremos o elemento skate, bicicleta e patinete como parte das atividades de rolamento. Iniciaremos com uma roda de conversa na quadra, onde o professor junto com os alunos que se dispuseram a contribuir com as informações sobre o skate no seminário, darão início ao conteúdo apresentando o equipamento bem como as manobras iniciais básicas para se locomoverem. Logo, teremos a experimentação da atividade junto com a continuação das atividades dos patins. Elas acontecerão simultaneamente e buscaremos fazer o rodízio para que todos possam experimentar a atividade. Ao final da aula faremos uma conversa sobre a atividade realizada pegando as informações sobre a experiência de cada um.	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 14

Recursos Materiais: Colchonetes

Referências Bibliográfica: COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012.

MACHADO, Lídia Ferreira. **Práticas corporais de aventura [na natureza] na Educação Física Escolar: limites e possibilidades?** 2014, 50 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física e Dança - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura quanto ao tipo de deslocamento: Queda.	Desenvolver uma brincadeira ou atividade que simule o deslocamento em queda.	1 Aula 21/08	<p>Inicialmente iremos revisar os tipos de deslocamentos que até então aprendemos em nossas aulas.</p> <p>Apresentaremos os objetivos da aula em pensar em uma atividade/brincadeira que simule um deslocamento em queda. Na aula anterior já foi solicitado que os alunos pudessem pensar em alguma atividade sobre o tema.</p> <p>Logo em seguida ao pensar nas atividades, iremos pegar os colchonetes da escola para servir como apoio, se necessário, para amortecer as quedas.</p> <p>A atividade por ser parte de uma pesquisa-ação vai ser construída no debate e na discussão feita com os próprios alunos, pensando no elemento queda e nas variações quanto ao item de segurança também.</p> <p>Ao final da aula faremos uma conversa sobre a atividade realizada e uma avaliação sobre a atividade.</p>	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 15

Recursos Materiais: Sala de informática, caderno.

Referências Bibliográfica: COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Pesquisa-ação - Construindo nosso carrinho de rolimã.	Pesquisar em sites de busca, youtube e outros informações sobre a construção e confecção de um carrinho de rolimã.	1 Aula 23/08	Nesta aula iremos propor que os alunos pesquise em sites de busca (google, youtube e outros) informações sobre como se realiza a construção de um carrinho de rolimã. Será explicado que necessitaremos de um planejamento para realizar a atividade que foi decidida em conjunto no seminário. Para tanto, forneceremos aos alunos uma ficha para catalogação do material necessário e também para medidas e tamanhos para se construir um carrinho de rolimã. Ao final, conversaremos sobre o levantamento do material para construção do carrinho, solicitando aos alunos que tragam o material que conseguirem para que seja realizada a atividade em conjunto.	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles Ciclo II - Matutino Turma: 6º Ano Disciplina: Educação Física Professor: Gleison Gomes de Moraes				
Seqüenciador de Aulas				
<i>Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura</i>				
<i>Aula de número: 16 e 17</i>				
<i>Recursos Materiais: Tábuas, pregos, rolamentos, parafusos, furadeira, serrote ou serra tico tico</i>				
<i>Referências Bibliográfica: COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012.</i>				
<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Pesquisa-ação - Construindo nosso carrinho de rolimã.	Organizar e construir carrinhos de rolimã a partir dos materiais coletados dos alunos e professores.	1 Aula 28/08	<p>Nesta aula iremos produzir um carrinho de rolimã a partir dos materiais coletados para a aula.</p> <p>Formaremos dois a três grupos onde cada grupo irá receber os materiais para dar início na confecção do carrinho. Iremos entregar a ficha da aula de pesquisa para que os mesmos possam se orientar. O professor irá estar com os materiais necessários caso necessite de cortar ou fazer furos nas tábuas. Os alunos ficarão com a parte de encaixe das partes e da montagem. Iremos estar acompanhando dando as devidas orientações quando forem surgindo as dúvidas.</p> <p>Por fim, depois de realizado a montagem, iremos experimentar a nossa construção através de manobras e brincadeiras com o mesmo.</p>	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Ciclo II - Matutino

Turma: 6º Ano

Disciplina: Educação Física

Professor: Gleison Gomes de Moraes

Seqüenciador de Aulas

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

Aula de número: 18

Recursos Materiais: carrinho de rolimã

Referências Bibliográfica: COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012.

<i>Tema</i>	<i>Objetivos Gerais</i>	<i>Aulas/Dia</i>	<i>Procedimentos Metodológicos</i>	<i>Avaliação</i>
Se aventurando em nosso carrinho de rolimã.	Experimentar e vivenciar a movimentação de manobras com carrinho de rolimã.	1 Aula 04/09	<p>Iniciaremos explicando o objetivo da aula, que é experimentar o andar sobre o carrinho de rolimã.</p> <p>Dividiremos a turma em três grupos. Cada grupo irá definir duplas que revezarão nas formas de andar no carrinho de rolimã pela quadra da escola.</p> <p>Como dispomos de três carrinhos de rolimã, os alunos terão que experimentar formas de andar e fazer manobras. Serão incentivados a se arriscarem conforme forem ganhando confiança no equipamento.</p> <p>Ao final da aula será organizado uma roda de conversa onde os alunos compartilharão suas experiências e sensações sobre a aula.</p>	O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

Mestrado
Profissional Educação Física
em Rede Nacional



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

Uma proposta de ensino baseada na
Metodologia Crítico-Superadora



GLEISON GOMES DE MORAIS



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA - FEFD



PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA
Uma proposta de ensino baseada na
Metodologia Crítico-Superadora

Realização

Gleison Gomes de Morais

Fotografias

Gleison Gomes de Morais

Supervisão

Humberto Luís de Deus Inácio

Goiânia
2020

Caro(a) Colega Professor(a),
Tudo bem com você?

Bem, estou aqui apresentando o produto final de meu estudo de Mestrado em Educação Física, realizado na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia.

Além de um texto dissertativo também produzi este material, disposto aqui no formato de uma “Unidade Didática” para o ensino das Práticas Corporais de Aventura (PCAs) na Educação Física Escolar.

O estudo, chamado '***Práticas Corporais de Aventura na Educação Física Escolar: uma proposta de ensino com base na metodologia Crítico-superadora***', teve como objetivo principal desenvolver uma unidade didática que sirva de auxílio para o ensino das PCAs em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, justamente o período indicado na Base Nacional Comum Curricular para a introdução deste conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física Escolar.

Bom, já que é uma proposta de ensino, não tenho a intenção de situá-la como uma 'receita', mas sim, de oportunizar a discussão sobre o tema e a sua inserção nas aulas de Educação Física. A idéia é tão somente subsidiar um percurso inicial para vocês, meus e minhas colegas que buscam novos conteúdos para suas aulas, e que vêm nas PCAs uma ótima alternativa.

Entendo que cada realidade é peculiar e que nem sempre é a mesma em contextos escolares distintos. Por isso, cabe a você, querido/a colega, analisar suas condições concretas e fazer as alterações que achar necessárias, adequando e reinventando sua própria prática.

Para a organização desta Unidade Didática, utilizei o elemento constituinte **'Tipo de Deslocamento'**, que são: deslizamentos, rolamentos, andar/correr e queda. (Os 'Elementos Constituintes das PCAs' estão indicados em Inácio *et al.*, 2016).

Desta forma, organizamos as aulas em 5 temas:

- Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura.
- PCAs de Deslizamento.
- PCAs de Andar ou Correr.
- PCAs de Rolamento e, por fim,
- PCAs em queda.

Mas vejam só, apesar deste material que apresento aqui, quero deixar o convite para a leitura do trabalho dissertativo na íntegra e os referenciais teóricos nele apresentados; penso que isso é relevante para uma melhor compreensão do que se propõe nesta proposta de ensino.

Desta forma, meu desejo é que esta Unidade Didática os auxilie na implementação de práticas diversificadas da cultura corporal, utilizando as Práticas Corporais de Aventura para ampliar o acervo de conhecimentos dos estudantes das escolas deste país.

BOA LEITURA!!!

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULA 1

TEMA: Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura

Tempo Estimado: 1 aula (60 min)

Recursos Didáticos: Sala de aula, figuras e imagens de situações de aventura e de não aventura, papel e caneta.

Objetivos: Compreender o conceito da palavra aventura e o que caracteriza uma situação de aventura.

Desenvolvimento: No primeiro momento, apresentar o conteúdo que será trabalhado no trimestre. E o primeiro passo é saber qual o significado da palavra aventura.

Em seguida, formar grupos de 3 pessoas e entregar algumas figuras de situações do cotidiano e outras de práticas corporais de aventura.



Após a observação das figuras, solicitar aos alunos que separem em um cartaz – disposto no chão ou na parede ou sobre as carteiras, quais são as situações que indicam aventura e quais não indicam.



Realizar uma roda de conversa para identificar quais são os elementos que compõem uma situação de aventura. Pode-se utilizar um dicionário para investigar o significado da palavra no decorrer da aula.

No momento final da aula, entregar uma ficha conceitual para os alunos escreverem o que entenderam sobre o significado de aventura. (Caso não dê tempo para aplicar esta atividade, ela pode ser desenvolvida na aula 4).



Avaliação: A avaliação da atividade se dará por meio da pergunta: “porque estas práticas são de aventura e aquelas não são?”

Outra atividade avaliativa será o preenchimento da ficha conceitual (Apêndice A) sobre o que é aventura para os alunos após a conversa inicial.

Ficha Conceitual

Escola Municipal Professora Dalísia Elisabeth Martins Doles

Disciplina: Educação Física

Professor(a):

Turma:

Nome:

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

1) De acordo com o que foi apresentado na aula por meio das figuras e das conversas, o que vocês entenderam como *Aventura*?

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULA 2

TEMA: Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura

Tempo Estimado: 1 aula (60 min)

Recursos Didáticos: Sala de aula, figuras e imagens de situações de aventura e de não aventura.

Objetivos: Compreender os elementos constituintes das PCAs quanto ao tipo de ambiente, sentido e deslocamento.

Desenvolvimento: Pedir aos alunos que identifiquem os ambientes/espços da escola e do ambiente externo em geral onde podem ocorrer PCAs, o seu sentido e a forma de deslocamento.

Organizar em grupos que receberão fotografias e figuras de diversas PCAs, com debate sistematizando as informações de acordo com o ambiente (terra, água e ar), deslocamento (deslizamento, andar/correr, rolamento, queda) e sentido (horizontal, vertical, diagonal).



As questões para debate serão: Em qual ambiente estas práticas estão acontecendo? De que forma esta pessoa está se deslocando/movimentando? Em qual sentido está acontecendo o movimento/deslocamento?

Esta atividade coletiva pode ser realizada fora da sala de aula, em ambiente externo, onde os alunos se auxiliam nas respostas das atividades.



Avaliação:

A avaliação será por meio da participação oral. Os alunos são colocados em uma situação onde a observação, análise e conceituação dos elementos propostos e constituintes das práticas corporais de aventura farão parte da composição da totalidade de sua compreensão, através da sistematização expressa no desenvolvimento das atividades.

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULA 3

TEMA: Conhecendo as Práticas Corporais de Aventura

Tempo Estimado: 1 aula (60 min)

Recursos Didáticos: Data Show, vídeos do YouTube.

Objetivos: Identificar e conhecer a diversidade de práticas corporais de aventura urbanas e da natureza, através de apresentação de vídeos.

Desenvolvimento: Apresentar vídeos de livre acesso obtidos na internet, demonstrando a variedade de práticas corporais de aventura que ocorrem nos espaços urbanos e na natureza (terra, água e ar).

Os vídeos podem ser baixados de diversas plataformas, como o *YouTube*® e organizá-los, se assim desejar, em pastas com PCAs na terra, na água e no ar.

No momento da demonstração, o professor pode dialogar perguntando em que ambiente estas práticas estão acontecendo, qual sentido que elas ocorrem e qual o tipo de deslocamento está acontecendo. Isso colabora na percepção e sistematização do conhecimento pelo aluno.

Ao final da aula, realizar uma conversa sobre o que foi aprendido nestas primeiras aulas e qual prática eles mais gostaram de assistir.

Os alunos deverão preencher a ficha de catálogo dos elementos constituintes das PCAs.

Avaliação: A avaliação será por meio da participação oral. Os alunos serão colocados em uma situação onde a observação, análise e conceituação dos elementos propostos e constituintes das práticas corporais de aventura farão parte da composição da totalidade de sua compreensão, através da sistematização expressa no desenvolvimento das atividades.

FICHA DE CATÁLOGO DOS ELEMENTOS CONSTITUINTES DAS PCAS.

Escola Municipal Professora Dalísia Elizabeth Martins Doles

Disciplina: Educação Física

Professor(a):

Turma:

Nomes:

Unidade Temática: Práticas Corporais de Aventura

1) De acordo com o que vocês viram nas figuras apresentadas responda:

A - Em que ambiente estão acontecendo estas práticas corporais de aventura? Em quais elementos da natureza elas estão sendo realizadas? Dê 3 exemplos de práticas corporais de aventura que acontecem em cada um destes elementos da natureza.

Elemento Ar:

Elemento Água:

Elemento Terra:

B - Quais são os tipos de deslocamento que estas pessoas estão realizando nestas práticas corporais de aventura? Dê exemplos de uma prática de cada tipo de deslocamento.

C - Em relação ao sentido que elas estão se locomovendo, de um lado para outro (horizontal), de cima para baixo (vertical) e inclinado (diagonal) indique 2 práticas corporais de aventura que se enquadram nestes aspectos.

1 - Horizontal:

2 - Vertical:

3 - Diagonal:

2 - Depois das atividades iniciais, explique o que seria uma Prática Corporal de Aventura.

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULA 4

TEMA: Atividades Avaliativas

Tempo Estimado: 1 aula (60 min)

Recursos Didáticos: Atividades impressas, papel e caneta.

Objetivos: Identificar e sistematizar as Práticas Corporais de Aventuras por meio de registros escritos e em desenhos.

Desenvolvimento: Os alunos receberão folhas de atividades impressas que com atividades que sistematizam o conhecimento das aulas anteriores.

Em duplas ou trios, podendo ajudar um ao outro, os alunos responderão as questões propostas apresentadas em uma folha com as atividades. O professor também pode auxiliar os alunos, fazendo-os refletir quando houver as dúvidas sobre as questões propostas.

Avaliação: A avaliação se dá a partir da percepção dos alunos sobre os vídeos assistidos e de uma produção escrita e artística em forma de desenho de alguma atividade de prática corporal de aventura que ocorra na terra, no ar e na água, com seus respectivos nomes e de acordo com a classificação aprendida.

- **UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA**

AULA 5

TEMA: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Deslizamento

Tempo Estimado: 1 aula (60 min).

Recursos Didáticos: Garrafas Pets, Cordinhas, Tesoura, papelão.

Objetivos: Experimentar e vivenciar brincadeiras que simulem situações de aventura por meio de deslizamento na superfície.

Desenvolvimento: Propor que os alunos em pequenos grupos façam um brinquedo com garrafas pets que simulem um patins. Para construir este brinquedo vai ser necessário fazer um furo nas tampas de garrafas de 2 litros e por elas passe uma corda mais fina. O tamanho da cordinha varia entre 1,5 a 2 metros.



Feito o patins o professor pode conduzir a atividade – em duplas, onde colega puxa o outro, deslizando sobre o patins pela superfície. Logo o professor pede que haja um rodízio da atividade para que todos possam experimentar.

A aula pode ser concluída com uma conversa sobre as manobras e uma avaliação verbal sobre a atividade realizada.

Avaliação: O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo Coletivo de Autores, de forma comunicativa e dialógica, com os alunos realizando uma análise das situações vivenciadas, estimulando a compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construídos.

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULAS 6 e 7

TEMA: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Deslizamento

Tempo Estimado: 2 aulas (120 min).

Recursos Didáticos: Papelões, tapetes grandes, cobertores, patins de garrafas pets.

Objetivos: Experimentar e vivenciar brincadeiras que simulem situações de aventura por meio de deslizamento na superfície.



Desenvolvimento: Para estas aulas se podem organizar atividades que utilizam papelões com tapetes grandes por cima para simular práticas de deslizamento. Os alunos devem ser estimulados a fazerem manobras, com a ajuda de um ou mais alunos puxando ou empurrando. Uma pausa na aula pode servir para compartilhar experiências através de perguntas como qual a melhor maneira de deslizar, qual melhor posição do corpo, etc. Pode ser solicitado aos alunos que relacionem estas práticas com algumas PCAs aprendidas nos vídeos da aula 3.

Concluir a aula com uma conversa sobre as manobras e uma avaliação verbal sobre a atividade realizada.

(Nestas aulas também se podem utilizar os patins de garrafas pets para ampliar as atividades, caso seja adequado).

Avaliação: O processo de avaliação será da categoria de "decisões em conjunto" proposto pelo Coletivo de Autores, de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando a compreensão das possibilidades de movimentação sobre o objeto construído.

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULA 8, 9 e 10

TEMA: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Andar ou correr

Tempo Estimado: 3 aulas (60 min. cada).

Recursos Didáticos: Slackline

Objetivos: Experimentar e vivenciar a atividade do slackline quanto ao tipo de deslocamento andar.

Desenvolvimento: Não sendo o Slackline um equipamento comum, é importante mapear quantos equipamentos estão disponíveis na escola ou por empréstimo.

Na aula inicial apresenta-se a história do slackline e suas variações como o highline e o waterline, etc. Pode-se realizar uma reflexão sobre a preservação do meio ambiente onde elas acontecem, principalmente sobre o uso das árvores que sustentam o equipamento.

No ambiente externo da escola pode-se iniciar a montagem do equipamento, demonstrando para os alunos as etapas de montagem e também solicitando sua ajuda.



Após a montagem, solicitar aos alunos que andem com a ajuda de uma ou duas pessoas ao lado.

Outra estratégia de aprendizagem é amarrar uma corda acima do Slackline, permitindo que o aluno se apoie enquanto caminha. É importante pausar certos momentos da aula e questionar os alunos sobre a melhor posição do corpo, a posição do pé e das mãos, o dobrar ou não o joelho, levando-os a refletir sobre a importância destes aspectos para um bom desenvolvimento da prática.

O Slackline pode ser trabalhado entre 3 a 5 aulas, dependendo do aprendizado dos alunos.



Avaliação: O processo de avaliação será da categoria de "decisões em conjunto" proposto pelo Coletivo de Autores, de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando a compreensão das possibilidades de movimentação do corpo no slackline.

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULA 11, 12 e 13

TEMA: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Rolamento

Tempo Estimado: 3 aulas (60 min. cada).

Recursos Didáticos: Patinete, Patins, Skate, Bicicletas, Carrinhos de Rolimã.

Objetivos: Experimentar PCAs quanto ao tipo de deslocamento 'rolamento' por meio de skates, patins, patinete, bicicleta e carrinho de rolimã.

Desenvolvimento: O material utilizado para estas aulas pode ser mapeado anteriormente, obtendo-se equipamentos para o desenvolvimento das aulas. Estimular os alunos com algum domínio da prática para colaborar no processo pedagógico. Apresentar os equipamentos, mostrar as partes que os constituem, a forma de subir e equilibrar, a posição do corpo em relação ao deslocamento. Estas aulas devem ser realizadas em espaços amplos que possuam um piso relativamente liso para a rolagem dos equipamentos como uma quadra ou outros. Os cuidados com a segurança e o trânsito dos equipamentos também devem ser observados pelo professor e pelos alunos, a fim de minimizar riscos. Para estas aulas (skate, patins, patinete) podem-se encontrar tutoriais de ensino em vídeos nas plataformas virtuais.



Para a bicicleta e o carrinho de rolimã, pode-se oportunizar aos alunos andarem livremente buscando manobras mais arriscadas. Estas aulas podem ser realizadas com o uso de todos estes equipamentos, fazendo um rodízio entre os alunos e permitindo a diversificação destas experiências.

Realizar conversa ao final sobre as possibilidades de aprendizagem nestes equipamentos, e qual deles os alunos acharam mais interessantes.



Avaliação: O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo Coletivo de Autores, de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos analisarão as situações vivenciadas, estimulando a compreensão das possibilidades de movimentação do corpo nos equipamentos de rolamento.

UNIDADE DIDÁTICA - PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA

AULA 14 e 15

TEMA: Conhecendo as PCAs quanto ao tipo de deslocamento: Queda

Tempo Estimado: 2 aulas (60 min. cada).

Recursos Didáticos: Colchonetes, tatames, superfícies mais altas.

Objetivos: Experimentar PCAs que promovam a sensação de cair em queda.

Desenvolvimento: Para estas aulas utilizaremos de vários colchonetes que absorvam a queda dos alunos.

Para isso, organizamos os colchonetes um sobre o outro em um local específico. Disponibilizamos este material próximo a um lugar que possua uma plataforma mais elevada, como uma mesa por exemplo. Solicitamos aos alunos que ao subir nesta plataforma se "joguem" sobre os colchonetes de várias formas. Problematizar junto com os alunos sobre as questões de segurança que devem ser observadas nesta atividade. Após a experimentação, abrir para o debate sobre as sensações e a vivência de se deslocar em queda.



Avaliação: O processo de avaliação desta atividade será da categoria das "decisões em conjunto" proposto pelo coletivo de autores. Se dará de forma comunicativa e dialógica, onde os alunos farão uma análise das situações vivenciadas, estimulando à compreensão das possibilidades de movimentação do corpo durante as quedas.





Bem, terminamos aqui – e por hora, este material!

A escola brasileira é espaço privilegiado de construção e replicação do Conhecimento, de efetivação da Autonomia dos sujeitos, de concretização do Pensamento crítico!

É nesta direção que esperamos que esta proposta de ensino das PCAs seja de grande proveito para vocês, colegas de profissão e paixão!

Bom trabalho a todas e todos!!!

- REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 2012.

FRANÇA. Dilvano Leder. Práticas corporais de aventura nas aulas de educação física: as possibilidades pedagógicas no 5º ano do ensino fundamental. 2016. 220 f. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Educação: Teoria e Prática de Ensino) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/45271/R%20-%20D%20-%20DILVANO%20LEDER%20DE%20FRANCA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 set. 2018.

INÁCIO, Humberto L.D et al. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios - reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. Motrivivência, Florianópolis, v.28, n.48 p.168-187, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p168>. Acesso em 11 nov. 2019.

THIOLLENT. Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 17º ed. - São Paulo: Cortez, 2009. (Coleção temas básicos da pesquisa-ação).